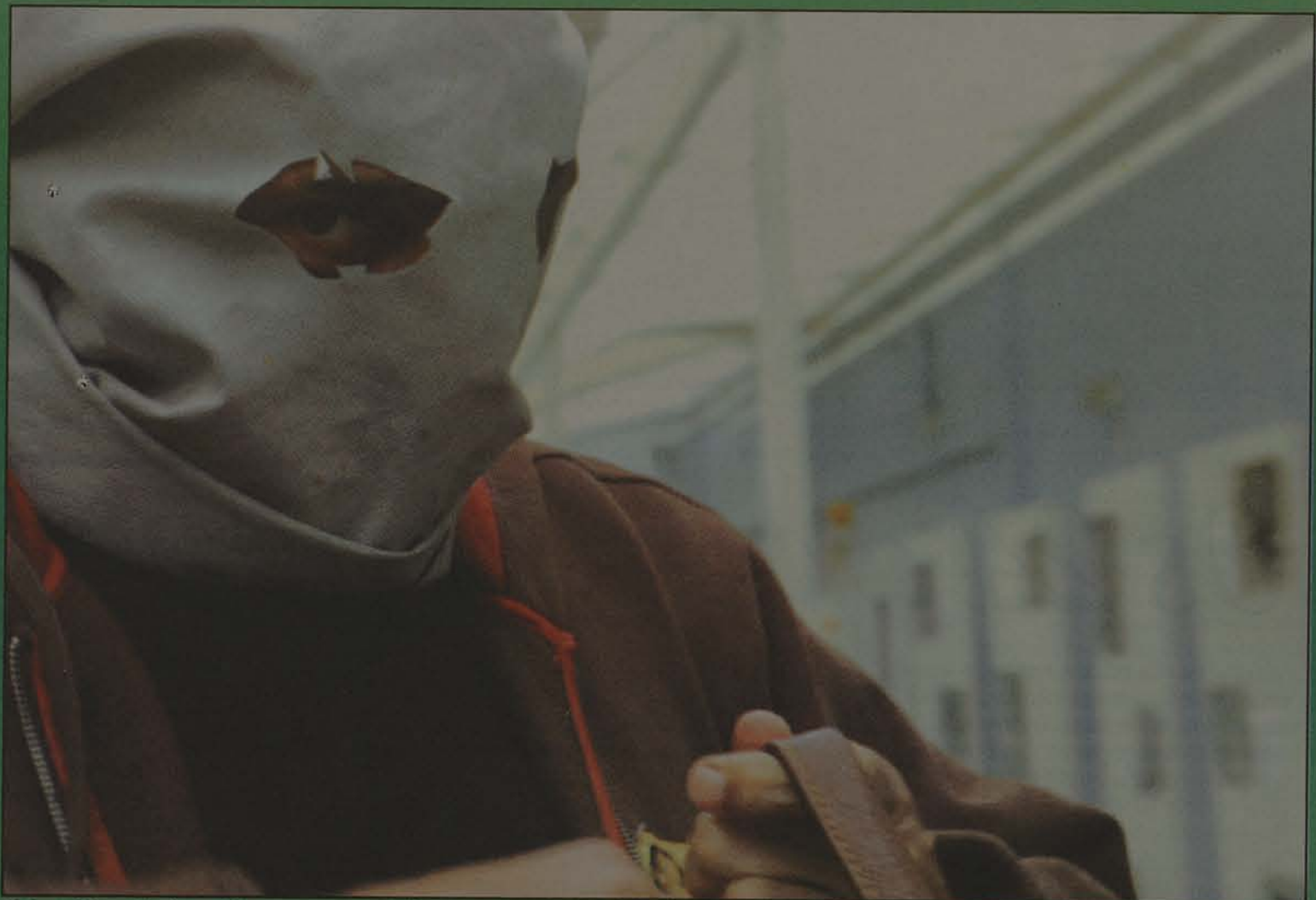


ZERO

Curso de Jornalismo da UFSC - Florianópolis, outubro de 2006 - Ano XXII - Número 1



Juliano Spina - Zero

El demolidor: Não é um pássaro, nem um avião, nem terrorista da Al Qaeda e sim nosso repórter iconoclasta que bota tudo abaixo na central

EXTRA

SÓ ENTREVISTAS

CLÓVIS ROSSI	3
MAURÍCIO DIAS	6
JUVAN DE SOUZA NETO	9
RENAN ANTUNES	CENTRAL
MARCELO CANELLAS	12
JUCA KFOURI	14
JUCA VARELLA	17

E a anti-entrevista de Ricardo Kotscho na contracapa



Nossa equipe (com muitas ausências): Stenio Andrade, Rodrigo Schmitt, João Grando, Luciana Ribeiro, Tatyana Azevedo, Diogo d'Avila, André Vendrami, Roberto Saraiva, Lucas Amorim e Ricardo Barreto. Não vieram Luna D'Alama, Maíra Flores, Susana Steil, Daniela Cucolicchio, Felipe Mendes, Henrique Silveira, Juliana Sakae, Marina Bento, Maurício Tussi, Thiago Neris e Wendel Martins, nossos queridos colaboradores

Os 24 anos e o futuro

Como na vida política, mudanças também estão em andamento na estrutura e procedimentos de nossa redação. O **Zero** vai mudar. A mutação começa por alterações orgânicas: o jornal deixa de ser atividade de uma disciplina optativa passando agora a ser de uma disciplina obrigatória. Com isso, a equipe mais que triplica, saltando da média histórica de oito bravos alunos dos anos recentes para cerca de 30, que terão de competir para publicar suas tarefas no mesmo número de 16 páginas – fixadas no contrato da licitação pública que rege o fornecimento do jornal. Mas há mais. Também teremos uma troca de mandato com a substituição do subscrito por outro professor, que vai assumir a supervisão do jornal-laboratório. Pleno de energia, pretende, mais que liderar novo projeto gráfico para o jornal, também reativar e atualizar nossa versão eletrônica na internet, o **e-Zero**. Desejamos sucesso em ambas atividades.

Como é natural em transições, não nos cabe detalhar as mudanças, elas surgirão na próxima edição resultado do trabalho de sua renovada equipe – há semanas empenhada nas mudanças. Contudo, amparado na mais longa gestão do **Zero** e dois fatos incontesteáveis (refundação do jornal em 1985, e mais de 15 anos de supervisão do jornal em seus

24 anos de vida completados em setembro), suponho que algumas características devam ser mantidas: absoluta independência baseada em jornalismo responsável, qualificado e cidadão. Já foi assumido nesse espaço os compromissos históricos desse jornal: defesa irrestrita da democracia, do Estado de Direito, dos direitos (e deveres) do cidadão, como de sua liberdade para agir e pensar. Pois, lembre-se, quem nos mantém são os milhares de anônimos contribuintes que amparam a ação do Estado através do pagamento de pesados impostos. Mas, oportuno, também através do voto.

Como ato de despedida, colocamos em suas mãos outra edição extraordinária, incomum na história do jornal, já que se resume à publicação exclusivamente de entrevistas de sete jornalistas, em sua maioria reconhecidos nacionalmente. Além do relato da entrevista negada pelo experiente repórter Ricardo Kotscho, que se eximiu da generosidade dos demais profissionais. Mas fique o registro: essa edição especial só foi possível porque os jornalistas que opinam nessas extraordinárias 20 páginas foram todos palestrantes convidados da V Semana de Jornalismo, promoção consolidada e anual de nossos estudantes, para a qual foram indispensáveis inúmeros patrocínios.

Por fim, é necessário fazer referência à equipe que se despede, que cumpriu a execução das quatro edições exigidas pelo MEC e, como nunca, enfrentou um desafio jamais experimentado por equipes do **Zero**: a muito elogiada edição, também extraordinária, sobre a vida e obra de Daniel Herz, publicada exatos 30 dias após sua lamentável morte. Foi uma prova de fogo, já que a proposição de uma inédita parceria entre o **Zero** e a Federação Nacional de Jornalistas teve, de fato, apenas três semanas para sua apuração e impressão. E a proposta foi aceita quando ainda concluíamos a edição anterior. Comprovou-se a maturidade de nossa exígua equipe e a confiança depositada pela Fenaj. O **Zero** chegou em tempo de ser lido e registrar a vida de Daniel para os jornalistas que participavam do XXXII Congresso Nacional dos Jornalistas, realizado em julho em Ouro Preto.

Tal parceria, oportunidade inédita para jornais-laboratório no País, atesta o reconhecimento de uma qualidade semeada nesses 24 anos e que agora, passa para outras mãos – e cérebros. Confiamos que continue a ser perseguida em suas acepções mais elevadas.

O editor

CARTA



Fenaj parabeniza Zero por edição sobre Daniel Herz

A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) agradece ao competente e emocionante trabalho realizado por esta equipe na produção da edição do **Zero** dedicado à memória do nosso diretor, colega e amigo Daniel Herz. Quando resolvemos propor, a este jornal-laboratório do Curso de Jornalismo da UFSC, a parceria para a realização desta homenagem ao Daniel, tínhamos a certeza de que estávamos escolhendo uma das melhores formas de prestar uma homenagem ao nosso companheiro.

Não só porque este é um Curso que ele ajudou a construir e que persegue a qualidade do ensino de jornalismo pela qual ele sempre lutou. Mas também porque estávamos entregando a tarefa a um dos mais qualificados jornais-laboratório do país, que pratica o jornalismo de acordo com os conceitos defendidos por Daniel Herz. Saudações,

Sérgio M. de Andrade
Presidente da Fenaj

ZERO

ANO XXII – Nº 1 – SETEMBRO/2006 – Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina Apoio: LabFoto, LabInfografia, LabRádio Arte: André Vendrami Colaboração: Professor Wallace Lehnemann Direção de Arte e Redação: Professor Ricardo Barreto Edição: Lucas Amorim, Roberto Saraiva, Rodrigo Schmitt (Sênior) Diogo d'Avila, João Grando, Luciana Ribeiro, Luna D'Alama, Maíra Flores Edição-executiva, editoração eletrônica e tratamento de imagens: Rodrigo Schmitt Fotografia: Daniela Cucolicchio, Henrique Silveira, Juliana Sakae, Marina Bento, Maurício Tussi Laboratório fotográfico: Daniela Cucolicchio, Thiago Neris Textos: Diogo d'Avila, João Werner Grando, Lucas Amorim, Luciana Ribeiro, Luna D'Alama, Maíra Flores, Roberto Saraiva, Stenio Andrade Impressão: Diário Catarinense Redação: Curso de Jornalismo (UFSC-CCE-JOR), Trindade, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil Telefones: 55 (48) 3331-6599, 3331-9490, 9991-9215 Fax: 55 (48) 3331-9490 Site: www.zero.ufsc.br Circulação: Nacional, gratuita e dirigida Tiragem: 5.000 exemplares Fechamento: 3 de outubro de 2006

★★★★★
Melhor Peça Gráfica
I, II, III, IV, V e XI Set Universitário - PUC-RS
88, 89, 90, 91, 92 e 98

★★★★★
e-ZERO

★
3º Melhor
Jornal-laboratório do Brasil
Expocom 94

★
Melhor Jornal-laboratório
1 Prêmio Foca
Sind. dos Jornalistas de SC - 2000

Rossi duvida do poder da mídia

Repórter acredita que jornais não influenciam a população, pois só uma minoria lê

O jornalista Clóvis Rossi nasceu na capital paulista em 1943 e já acumula mais de 40 anos de profissão. Desde 1987 na *Folha de São Paulo*, assina uma coluna sobre política na página de Opinião, depois de já ter sido correspondente em Madri e Buenos Aires. Rossi passou por todos os grandes veículos da imprensa brasileira. Em 1963, entrou para a sucursal do *Correio da Manhã*, em São Paulo e cobriu o primeiro comício contra o golpe de 64. Em 1966, assume a chefia de reportagem de *O Estado de São Paulo*, onde trabalhou por 11 anos. Neste período, fez sua primeira cobertura internacional, durante o golpe militar no Chile. De lá, foi para Portugal cobrir a Revolução dos Cravos. Cobriu o processo de independência das colônias portuguesas na África, o fim do franquismo na Espanha, que culminou em eleições gerais e o golpe militar na Argentina em 1976 até a redemocratização em 1983.

Depois de deixar o *Estado* foi trabalhar na sucursal brasileira do *Jornal do Brasil*. Ajudou a criar o *Jornal da República*, que durou apenas alguns meses. No começo de 1980, Rossi foi contratado pela *Folha de São Paulo*, onde está até hoje, sendo também repórter e membro do Conselho Editorial. Além de reportagens para diversas editoriais, realizou coberturas em vários países, entre eles Argentina, Chile, Cuba e Uruguai, e da Guerra do Golfo.

Recebeu, em 2001, o Prêmio Maria Moors Cabot, concedido pela Universidade de Columbia (EUA), pelos textos do livro *Enviado especial - 25 Anos ao redor do mundo*, lançado em 1999 pela Editora Senac, que cobre o período que vai do golpe no Chile, em 1973, até a Copa do Mundo da França, em 1998. Com pontos de vista bem demarcados, pessoa simples e espontânea, Rossi se considera um franco-atirador e fala sobre a influência exercida pela imprensa, os problemas de formação das novas gerações de profissionais e critica o jornalismo feito com irresponsabilidade.

Zero- Como você avalia a cobertura de jornais e revistas em relação ao governo Lula?

Clóvis Rossi- Não dá para fazer uma avaliação geral de jornais e revistas. Eu tenho que fazer caso a caso e não tenho tempo de ler todos os jornais o tempo todo. Porque eu passo uma boa parte do tempo no exterior e leio mais pela internet.

Z- Depois da descoberta do "mensaleiro" e dos "mensaleiros", de mais de 100 parlamentares envolvidos com o "escândalo dos sanguessugas", o Lula consegue se reeleger?

CR- Eu não tenho idéia. Pra ser sincero eu não entendo nada de como o povo brasileiro forma sua intenção de voto. As pesquisas indicam que ele tem grandes chances de se reeleger, mas corre um grande risco de sofrer uma derrota política importante se houver segundo turno.

Z- E você acha que as pesquisas de intenção de voto influenciam os eleitores?

CR- Não creio que as pesquisas da *Folha* influenciam os eleitores. A não ser que a gente menospreze tanto os eleitores brasileiros e acredite que ele vai apostar no cavalo vencedor e não no cavalo que ele ache mais bonito. Possivelmente haverá alguns influenciados, mas não que seja o suficiente. Mas o benefício que a pesquisa oferece é maior do que a suposição de uma meia dúzia que se deixe influenciar pelo cavalo vencedor.

Z- Qual a sua opinião em relação à cobertura dos candidatos à presidência realizada pela imprensa brasileira? O espaço dado a cada candidato é semelhante?

CR- Na Globo, acho que o espaço está sendo semelhante. Nesse canal, se criou uma situação absurda porque eles tratam um tal de candidato a presidência Luciano Bivar (PSL) ou o José Maria Eymael (PSDC) como se eles fossem o Lula ou o Geraldo Alckmin. Quem observa as passeatas do candidato veiculadas pela Globo percebe que a câmera fecha no

rostro do candidato porque se abrir vai mostrar que não há ninguém em volta dele. A caminhada é dele e de mais três. É uma coisa absolutamente ridícula, grotesca. Você imaginar que num país de um tamanho como esse, esses candidatos simplesmente não existem. Na verdade, eles só querem gravar o seu nome na cabeça dos eleitores para se candidatarem daqui a dois anos para uma prefeitura ou daqui a quatro anos a deputado federal, senador, se beneficiando da exposição que tiveram. É algo teatral, surrealista, não faz o menor sentido veicular essas imagens. A *Folha* noticiou que a Globo fez um acordo com esses candidatos. De tal forma, que eles têm essa exposição no Jornal Nacional em troca de aceitarem não participar dos debates. Porque a regra obriga que todo o

cão. Como os dois candidatos principais, o Lula e Alckmin, são pró-mercado, não há necessidade de fazer uma campanha sórdida como foi feita em 89 contra o Lula. Então, de alguma maneira normalizou-se o cenário, porque não há alternativas diferentes ao modelo vigente. Agora que a televisão influi, sem dúvida nenhuma influi bastante. É o grande meio de informação para 90% dos eleitores.

Z- A mídia hoje é vista mais como um poder ou um serviço público?

CR- Acho que nem uma coisa nem outra. Poder certamente não é, especialmente se falarmos de jornal que não tem poder nenhum, zero de poder. A televisão terá o seu poder sem dúvida nenhuma, mas não a ponto de fazer uma grande inflexão na agenda nacional. Veja, como exemplo, a Globo, que deu bastante noticiário dos 'mensaleiros' e está dando bastante destaque para os 'sanguessugas' e não acontece nada. Ninguém é punido, ninguém é cassado. As investigações raramente vão além do superficial. E serviço público daria uma bela discussão. Às vezes é serviço público e às vezes é indústria, *business*, entretenimento. Serviço público é você passar um bom filme no horário nobre? Então, sim, também é serviço público. Caberia uma vastíssima discussão para chegarmos a um acordo do que é serviço público para depois chegarmos à conclusão de que a televisão presta mesmo algum serviço público.

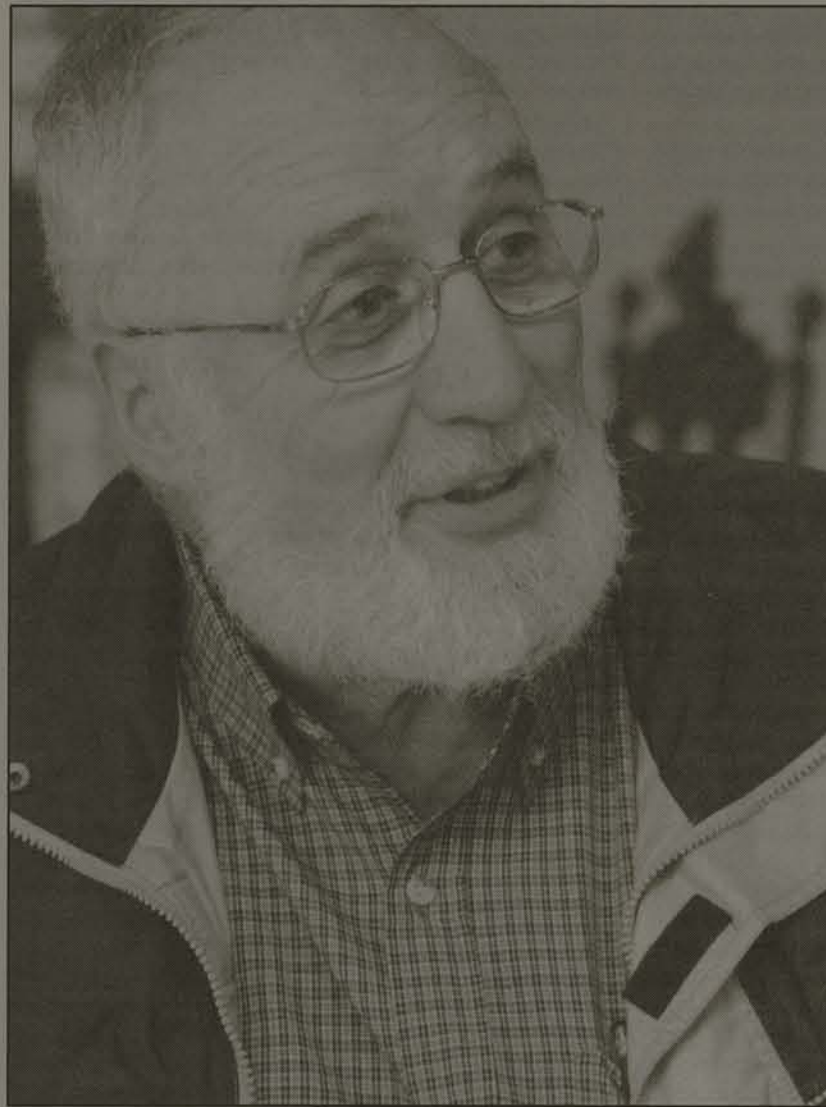
Z- A tentativa de comprovar a neutralidade para com os presidentes marcou a cobertura da *Folha* de toda a campanha eleitoral de 2002. Por que foi tão difícil para o jornal fazer o que vocês chamaram de jornalismo independente?

CR- Porque a *Folha* é feita por jornalistas, pessoas como eu e você, nós temos nossas histórias, idéias, maneira de encarar o mundo, da qual você não consegue se livrar assim que você chega à redação. Tira a roupa de cidadão e veste a roupa de jornalista. Isso não existe. Ninguém consegue fazer isso. Você pode até fazer um esforço, eu faço todo dia, mas você estará sempre influenciado pelo que você é, pelo que você pensa, pelo que você foi. Se foi militante, que não é o meu caso, estará sempre influenciado por isso. Isso demanda se você gosta ou não de um candidato.

Até como pessoa física. Eu tenho uma porção de gente que eu não gosto como políticos ou administradores que, no entanto, tem papos agradáveis, são fontes boas de informação.

Z- Como quem?

CR- Aqui em SC cito o Esperidião Amin. Que é um conservador diferente de mim, na verdade eu sou um franco-atirador, mas certamente não sou um conservador. E, no entanto gosto de conversar com ele. Como pessoa física é excelente. Dou-me muito bem com ele, como me dou muito bem com o Lula. Assim como me dei com FHC, dei não, parece que estou falando de um cadáver, eu ainda me dou bem ele. O Delfim também. Mas esse só quando não está no governo, quando está é uma peste, um capeta. Quando está fora do governo, especialmente na oposição, tem um papo agradabilíssimo, bem humorado, inteligente. O problema é que você nunca sabe das informações que ele dá que metade é mentira, metade é verdade. E você nunca sabe qual a metade que é mentira e qual metade é verdade. Então dificilmente você pode usar as informações que ele dá, sem antes fazer mil checagens. Mas não deixa de ter um papo super agradável, embora tenha feito parte de uma ditadura abominável. Enfim, esse tipo de coisa te influencia. Por exemplo, se eu viesse cobrir as eleições aqui em SC, conheço bem o Luiz Henrique que, sei lá, nunca foi uma figura muito destacada. E o Amin. Então eu



"Muita gente não gosto como político, mas é boa fonte. Amin é excelente pessoa física"

candidato, independente da importância, esteja nos debates. Querendo eliminar esses nanicos fica uma situação extremamente estranhíssima porque, você sabe, uma pessoa minimamente informada, sabe que não há seriedade nessas candidaturas.

Z- Até que ponto a imprensa exerce influência na escolha dos eleitores?

CR- A escrita exerce baixíssima influência. A *Folha* que é o jornal de maior circulação do Brasil tira 350 mil exemplares, se cada exemplar for lido por três pessoas, estamos falando de cerca de 1 milhão de pessoas num eleitorado de 110, 115 milhões. Ou seja, 1% dos eleitores lê a *Folha*. E que compram a *Folha*, assinam a *Folha*. Quem se interessa por política digamos que seja metade disso.

Z- E a televisão?

CR- Essa tem importância, que pode, eventualmente, ser decisiva como foi na campanha de 1989 entre o Collor e o Lula. Só que agora existe uma situação diferente, você não tem mais aquela necessidade em que as emissoras de televisão tinham de evitar que o 'comunismo' tomasse conta do país. O famoso monstro 'Brizula' de 1989. Hoje você tem uma situação, digamos, normal com nenhum candidato anti-establishment. Um pouquinho a Heloisa Helena talvez, mas ninguém imagina que ela vá implantar o socialismo no dia seguinte e também ninguém imagina que ela vá ganhar a elei-

“Os jornais perderam o rumo”

conversaria muito mais com essas pessoas do que, por exemplo, com Fritsch que eu não conheço e nunca vi na minha vida. O que não quer dizer que eu seja pró ou contra Fritsch ou Amin. Isso te obriga evidentemente a separar as coisas. Não dá pra você misturar. E até no meu caso, um esforço maior porque eu conheço o Lula há 30 anos. A gente fazia brincadeiras. E eu o trato com o mesmo rigor. Embora ele ache que seja com virulência, que eu na verdade não acho que seja assim, mas ele deve saber o quanto dói a crítica. Ele sabe que jogamos em times diferentes, claramente. Evidentemente meu papel é diferente do papel deles. E não podemos confundir essa relação com promiscuidade.

Z- Quais os vínculos que a mídia brasileira mantém com os governos hoje em dia?

CR- Eu não saberia te responder das organizações Globo, da editora Abril, do

Estadão. A *Folha* não mantém nenhum. Inclusive a publicidade oficial da *Folha* é fração da publicidade total. Portanto, não há nenhum empecilho para que o governo seja criticado ou elogiado, que é raro.

Z- Na era da ditadura a imprensa brasileira viveu momentos de censura que impediram as tentativas de manifestação crítica. Como anda a liberdade de imprensa atualmente?

CR- Não tem nenhum problema. Aliás, mesmo no fim do período ditatorial já tínhamos uma ‘ditabranda’, sem muito controle sobre os meios de comunicação. E, hoje, cada um publica o que bem entende. Ainda mais com essa história de *blog* de internet que veicula o que quiser e ninguém se responsabiliza. Pois a maioria é de gente que você nunca ouviu falar, portanto, não tem a menor responsabilidade e publica o que bem entender. Assim a desonestidade ou não, a má-fé ou não, ficam a critério do próprio *blogueiro*. Diante disso o resto do jornalismo não tem como se auto-censurar e controlar isso.

Z- O presidente Lula acusou a revista *Veja* de ter praticado “crime” e de ter chegado ao “limite da podridão”, por causa da reportagem na qual aponta supostas contas de Lula no exterior. O presidente afirmou que os leitores não merecem a quantidade de mentiras que a *Veja* tem publicado. Qual sua avaliação do jornalismo realizado atualmente pela revista?

CR- Do jornalismo praticado por essa revista eu não sei, porque faz muito tempo que não leio a *Veja*. Eu li essa matéria específica porque estava cobrindo a visita do Lula a Viena, na época dessa declaração, portanto, fui obrigado a ler. E, nesse ponto, ele realmente teve toda a razão. Não dá pra você publicar uma matéria como aquela, uma matéria inclusive que em determinado trecho diz que a revista não conseguiu comprovar que o presidente tinha uma conta no exterior, mas também não conseguiu comprovar o inverso. O que é uma situação absolutamente impossível. Se você não conseguiu comprovar que ele tem uma conta no exterior, então você simplesmente não publica. É básico no jornalismo, no Direito inclusive. Ou você tem um elemento de prova ou você não tem e não publica. Coisa parecida aconteceu inclusive com o FHC, o famoso dossiê Cayman. Você pode provar que um sujeito tem uma conta no exterior, não é? Pois sempre tem papel que prova que um sujeito abriu uma conta num banco x, com conta x. Agora você não pode provar que você não tem uma conta no exterior porque não existe um papel que diga que eu não tenho conta no banco tal. Como você vai provar que você é inocente? Essa é uma situação kafkiana, em que a acusação tem força de verdade pela impossibilidade de demonstrar o contrário e embora não se prove. Como na acusação do Lula e do dossiê Cayman também não havia nem a conta de FHC e nem a conta de Lula no exterior. É uma situação de uma irresponsabilidade total. Esse é um dos poucos pontos em que eu concordo com as afirmações de Lula nos últimos quatro anos.

Z- A que motivos você atribui a postura da editora Abril na cobertura sobre o governo atual?

CR- Não sei qual é a postura porque eu não leio essa revista faz muito tempo, muito tempo. Mas quando vi essa matéria, ela me chocou porque foi tão absurdo. Não me passa pela cabeça, alguém publicar uma frase como ‘não conseguimos provar que ele realmente tem conta no exterior’, como aquela desmonta toda a matéria. Qualquer pessoa do mais elementar bom senso, independentemente de ideologia sabe que essa frase desmonta a matéria, o resto

vira lixo.

Z- Até que ponto a liberdade conferida à mídia pode afetar a qualidade do jornalismo?

CR- A liberdade não fere, a única coisa que pode feri-la é a irresponsabilidade. A liberdade, teoricamente, deveria vir junto de responsabilidade. Mas isso fica a critério de cada um, ou recorrer à justiça para corrigir os abusos como esse, por exemplo.

Z- O jornalismo precisa de limites? Quais seriam eles?

CR- Precisa e já tem seus limites naturais e legais. A legislação que regula e impõe limites. Os outros limites são impostos pelo próprio meio de comunicação em função de suas crenças, de sua visão de mundo. Sempre tem limites.

Z- Tornou-se habitual dos governantes acusarem a mídia de irresponsabilidade por veicular notícias que não foram checadas. Para você isso é desculpa dos acusados ou real incompetência da imprensa?

CR- Ai teríamos que analisar caso a caso. Nesse caso da *Veja* me parece pura irresponsabilidade. Até porque se houvesse depois alguma comprovação da matéria, ela seria publicada. Imagina que prato cheio para a revista. ‘Olha, o presidente mentiu, está aqui o comprovante da conta dele no exterior, está aqui a prova de um depósito feito por Fernandi-

“Se você não consegue comprovar, então não vá publicar. É básico”



Erro crasso: “A reportagem da *Veja* que aponta supostas contas do Lula no exterior foi uma situação de irresponsabilidade total”

nho Beiramar na conta dele’. Seria um prato feito, consagração da revista, desmontar o presidente.

Z- Em entrevista concedida em 1991 para o *Zero* você afirmou que “(...) A oposição parece tão tonta quanto o governo (...) não existe oposição atuante no Brasil, hoje”. 2006, Lula no poder. Como você vê a atuação da oposição?

CR- Olha, se não fossem as besteiras e os crimes que o PT cometeu nos últimos 12 meses, a oposição continuaria tão tonta quanto antes. O governo Lula não precisa de oposição, ele se enterra por si próprio. Ele comete tantos erros, tantas irregularidades, tanta maracutaia, que se enterra por si mesmo. No mais, continua sendo a oposição completamente desorientada. Qual a proposta da oposição para o País? O que de diferente, no plano federal, que o Alckmim proponha que seja diferente do Lula? Ninguém sabe. E isto deveria estar claro. Você é candidato em nome do quê? Porque foi o Alckmim ao invés do Serra o candidato? Quais as diferenças entre as propostas dos dois? Você sabe? Eu não. Então está desorientada, está tonta. A oposição não existe só para criticar o governo. Faz parte do seu papel e, repito, nem isso ela cumpriu porque se o PT não mete todos os pés na jaca a oposição continuaria às tontas até agora. O PT deu todas as armas para a oposição se reerguer. Mas além de fazer críticas ao governo a oposição deve dizer: ‘bom esse governo está uma merda e

eu vou fazer diferente assim e em tais pontos’. Isso não existe até agora. Exceto o caso recentíssimo da candidatura do PSOL, com Heloísa Helena que apresentou umas 10 propostas diferentes, que mostra que será um governo diferente tanto de FHC quanto de Lula. Mesmo que alguns chamem de loucura, insanidade, outros acham maravilhosas. Foi a única candidatura que apresentou propostas.

Z- Qual sua posição sobre a implantação de um Conselho Federal de Jornalismo?

CR- Acho uma bobagem, uma total bobagem. Não faz o menor sentido. O brasileiro adora resolver problemas criando repartições públicas. Não vai resolver nada. Se conselho, ordem, resolvesse alguma coisa a profissão dos advogados seria a melhor profissão do mundo. Porque tem a OAB, prestigiada, famosa, no entanto, você vê quantas pessoas passam no exame? Não serve para nada.

Z- Como você vê a obrigatoriedade do diploma para exercer o jornalismo?

CR- Eu sempre fui totalmente contra. Não acho que você possa limitar caça-talento no jornalismo se limitando apenas às faculdades de jornalismo. Para ser jornalista você deve saber escrever, que é algo que você não aprende na universidade e sim no primário, a não ser os raros casos de autodidatas que existem no jornalismo. E ter uma baita disposição para trabalhar, que também não se aprende na escola.

Z- A universidade exerce algum papel na formação do jornalista?

CR- A universidade poderia dar uma noção geral, uma noção básica. Mas não resolve os problemas dos estudantes.

“Não leio Veja há muito tempo”

querem profissionais mal-pagos, intimidados e submissos. Como você encara a regulamentação?

CR- Essa idéia parte do pressuposto que todos os outros universitários, médicos, dentistas, engenheiros, são todos idiotas que se submetem às determinações do patrão e os jornalistas são uns revolucionários guerreiros que não se submetem, se rebelam e conseguem grandes salários. Ridículo. Absolutamente ridículo e preconceituoso. Parte do princípio que só o jornalista é gente boa, gente fina, bravo lutador. Veja os salários dos jornalistas para ver se é verdade, ver que é uma bobajada sem tamanho. O salário de hoje teve vigência na lei que regulamenta a profissão. É só ver os salários pra ter uma resposta. Uma bobagem sem tamanho.

Z- Em entrevista concedida ao site *Mandando pra rede*, em 2004, você dizia que é natural que alguém que esteja no governo queira defendê-lo, assim como Ricardo Kotscho o fez ao defender o Conselho Federal de Jornalismo. Você já levou em consideração tornar-se membro de algum governo?

CR- Não. Nunca. Não faz parte do meu DNA. Não dá. Até porque seria um erro para um governante me convidar. Eu estou há 43 anos na profissão e não dá pra você da noite para o dia virar de estilingue para vidraça. Eu não tenho a menor idéia de como é que se faz esse trabalho de assessorar governante. Seria ruim para eles que teriam um inútil do seu lado. Um cara que iria atrapalhar porque eu não sei fazer esse tipo de trabalho. Ele precisa de habilidades específicas. Deve ter algum tipo de habilidade específica pra lidar com políticos. Primeiro deve ter um saco sem fim. Porque em geral, é gente

gação de contar e revelar.

Z- Como será o futuro da profissão em meio a tantas inovações tecnológicas?

CR- Esse problema é de vocês, não meu. Eu não tenho futuro só tenho passado. Vocês é que têm futuro. Não é a minha geração, é a de vocês que vai definir se o jornalismo impresso, que é a única coisa que mal e parcamente eu entendo, vai sobreviver ou vai desaparecer. Claramente o jornalismo impresso está numa crise de identidade brutal, fora a crise de vendas que é mais visível, a mais mensurável. Não sabe mais pra que serve. Foi atropelado primeiro pela TV a cabo, agora pela internet. E perdeu o destino, na verdade, é que nós não sabemos para que servimos. Eu já não tenho mais o que dizer nesta questão, pois já é tarde demais para poder experimentar o tempo suficiente pra ver se dá certo ou não. Vocês é que fazem parte da geração que vai determinar se o jornalismo impresso tem algum futuro ou se vai tudo se transferir para os meios eletrônicos. E quais serão as conseqüências e como será esse tipo de jornalismo. Esse é o seu desafio.

Z- Acredito que a transição do autoritarismo para a democracia na Espanha e a Revolução dos Cravos em Portugal devem ter sido as coberturas mais importantes que você já fez no exterior. Além dessas, qual foi a mais significativa?

CR- A mais significativa foi, na verdade, o meu período como correspondente em Buenos Aires. Eu acompanhei o golpe de 1976 até a redemocratização em 1983. Sete anos, dos quais três como correspondente fixo em Buenos Aires, de 81 a 83. E aí foi a primeira vez na vida, ainda não havia

começava a dar aquela risada. Não dá. Na América latina existe meia dúzia que conhece, na Europa mesmo é zero.

Z- Como você lida com as críticas que recebe?

CR- Quando se trata de críticas sérias eu lido com o maior carinho, interesse. Agora quando é esculhambação eu nem abro mais os e-mails porque os nomes já são conhecidos e eu jogo fora de cara. Eu não tenho problema nenhum com críticas. Não tenho nenhuma pretensão a ser Chico Buarque de Hollanda, aliás, nem ele mais é unanimidade.

Z- Nestes 26 anos de *Folha de São Paulo*, você recebeu propostas de mudança para outro veículo?

CR- Não que eu me lembre. Acho que não. Houve apenas uma insinuação uma vez. Até foi publicado numa dessas colunas de jornal e me valeu até um aumento. Mas o convite mesmo não aconteceu. Espero que o *Diário Catarinense* solte o boato, aí que chegue ao conhecimento da direção da *Folha* e eu ganhe outro aumento.

Z- O que você achou do novo projeto gráfico da *Folha*?

CR- Eu achei que ficou muito parecido com o *Estadão*, o que é ruim. Não vale a pena você fazer uma reforma e ficar parecido com o concorrente, ainda mais quando ele vende menos que a gente. Mas acostuma tão rapidamente que a gente nem lembra mais como era antes. Não vejo grandes diferenças. Acho que o problema maior não está no design e sim no conteúdo. De todos os jornais.

Z- O que é indispensável para um bom repórter?

CR- Basicamente são dois Ts: tesão e talento.

Z- Qual o mais importante jornal brasileiro?

CR- *Folha de São Paulo*. E eu não falo por puxa-saquismo e sim porque é fato real. O *Estadão* não repercute. A *Folha* pode dar a mesma notícia que o *Estadão* três dias depois e vai repercutir muito mais. Não sei por que, mas é fato que esse jornal parece excessivamente rotineiro, sem vida, parece eletrocardiograma de morto. E a *Folha*, por mais que tenha muitos defeitos, ela ainda pulsa, vibra. O defeito é que a *Folha* parece que perdeu o rumo, seu destino. Falta para o jornalismo impresso dar um diferencial no texto. Não adianta dar uma notícia que todos os outros meios de comunicação já deram antes com o mesmo enfoque. O diferencial é procurar dar o clima, a cor, a tensão do ambiente e fazer um texto diferente. Ainda há a idéia de que o jornal impresso é a história instantânea. Os historiadores do futuro vão ler o *Zero* e pensar ‘pô, o Clóvis Rossi disse isso’ em 2006. O que é besteira, porque eles não vão mais procurar o jornal. Existem tantos outros meios de comunicação para eles tirarem suas informações que não vão procurar o jornal. Vão procurar outra coisa. Então não precisamos usar essa linguagem noticiosa como ‘O papa morreu’ porque um historiador do século XXII vai consultar a *Folha* e pensar ‘pô, o papa morreu’.

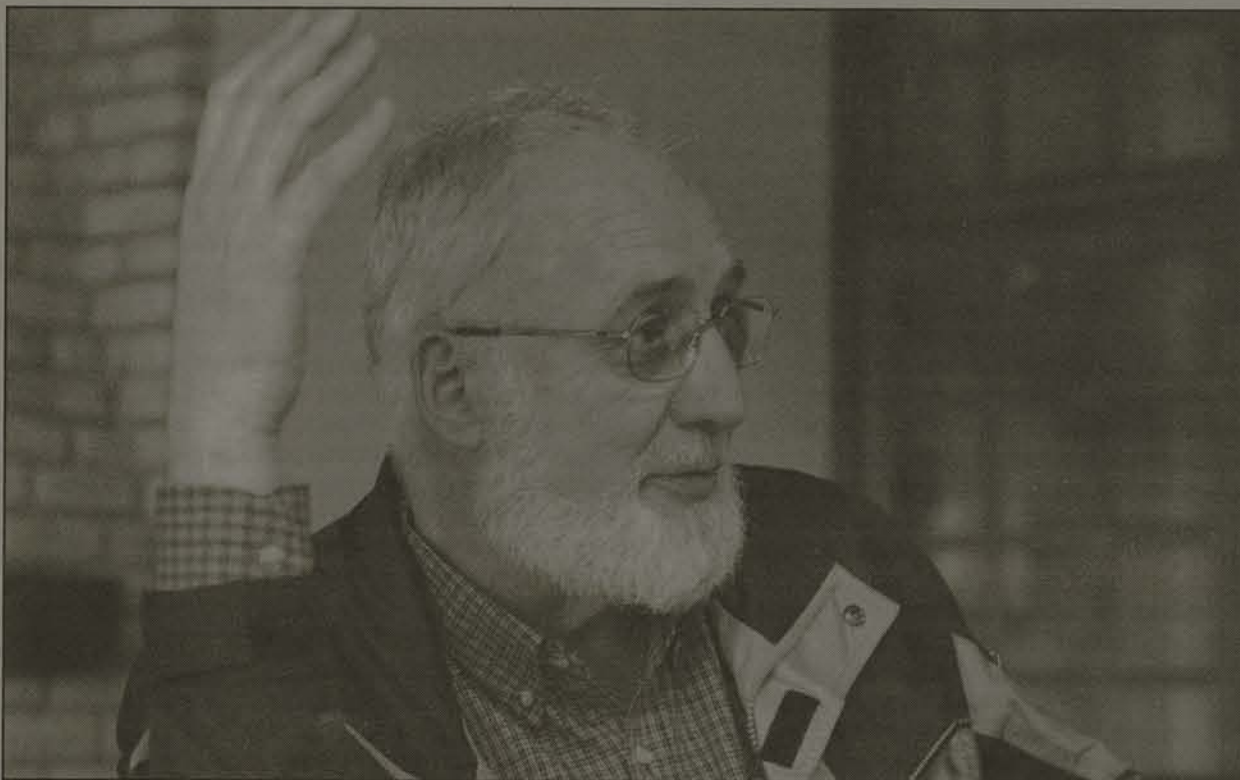
Z- Destaque alguns exemplos de grandes jornalistas no Brasil e no exterior.

CR- No Brasil, não vou falar nenhum porque eu vou esquecer algum amigo e ele vai ficar puto comigo. No exterior, eu gostava muito de um tal de Thomas Friedman, colunista do *NYT*. Mas depois dos atentados de 11/09 ele ficou muito radical, raivoso, muito contra o mundo árabe, o islâmico e a favor de Bush. E eu acho que esse tipo de coisa não pode ser tratada desta forma. Eu fiquei fã de um tal de Roger Cohen que foi o cara que teve o azar ou a sorte, não sei, de assumir o cargo de editor-executivo do *NYT* no dia dos atentados de 11/09. Assumiu a redação do maior jornal do mundo na cidade dos atentados. E depois foi correspondente no Brasil. É um cara notável. Hoje ele escreve a coluna que eu gostaria de fazer que se chama *The globalist*. Ele tem um texto muito leve e agradável.

Z- A vida pessoal de um jornalista fica em segundo plano? Como você consegue equilibrar a vida profissional com a pessoal?

CR- Eu não consigo. Fica em segundo plano e minha mulher reclama sempre, meus três filhos reclamaram muito. Fiquei 50 dias cobrindo a Copa e quando aconteceu o conflito no Líbano, me ligaram da *Folha* para eu ir pra lá. Eu disse que não dava para emendar com uma guerra, eu estava cansado. Sem contar que eu não tenho acesso ao visto do Líbano porque tenho o carimbo de Israel no meu passaporte e o Líbano não dá visto de entrada para quem tem esse carimbo.

Entrevista por Maira Flores



Eleição: “Qual a proposta da oposição para o país? Ninguém sabe. E isto deveria estar claro. Você é candidato em nome do quê?”

muito vaidosa, prepotente, exigente. Segundo é necessário um absurdo despojamento em termos de horários. Porque esses malucos acordam às seis da manhã e fazem campanha em porta de fábrica depois pegam avião e vão pra outro lugar.

Z- Os seus horários não são despojados também?

CR- Mas eu tenho mais controle dos meus horários e dependendo de mim e não deles. O dia que eu quero dormir tarde eu vou dormir tarde por minha conta e não porque o assessorado ficou até as três da manhã reunido com a associação dos fabricantes de bolinho de carne. Além do que, tem muito chato nesse negócio.

Z- Como você avalia o recente confronto entre o *New York Times* e o governo Bush?

CR- Quem é que define o que é segredo de Estado, é uma coisa muito complicada. Já houve um conflito semelhante dos papéis do Pentágono no século passado e que houve essa mesma discussão. Em que o *NYT* brigou e publicou, porque realmente o interesse do público se sobrepõe a determinados segredos de Estado. Se você tem um país em guerra, que não é o caso dos EUA, embora o Bush ache que está em guerra contra o terrorismo, tudo bem, você poderia até discutir a não-publicação dos chamados segredos de Estado. Mas quando você não está em guerra, em geral, segredos de Estado significam maracutaia do governo ou comportamentos indevidos, que eles querem esconder e que o jornalismo tem obri-

internet, que hoje permite certa interação entre leitor e jornalista, antigamente não, em que senti que havia alguma finalidade prática na profissão além de ganhar dinheiro pra comprar o caviar das crianças. Havia um retorno maior dos exilados argentinos em SP que me procuravam na volta ao Brasil, agradeceram e me mandaram um belíssimo texto de um poema maravilhoso que eu considero o prêmio maior da minha carreira. Foi o período na Argentina, muito mais na Argentina do que a Revolução dos Cravos.

Z- Como você é tratado como corresponde da *Folha* no exterior?

CR- Na Argentina, Chile, algumas três pessoas me conhecem, sério mesmo. Pouquíssimas pessoas lêem jornal brasileiro. Ninguém sabe se a *Folha* é tablóide, colorido. Na Espanha, folha é palavrão, quer dizer sexo em catalão. Quer dizer foder literalmente. A primeira vez que eu disse, alguém me repreendeu falando ‘calma as coisas não são bem assim aqui’. Depois que descobri nunca mais me apresentava como jornalista da *Folha*. Falava a ‘*Hoja*’ de São Paulo. Cada vez que eu me apresentava numa repartição pública pra falar com ministro, secretário, eu dizia que era da *Folha* a secretária

“Um segredo de Estado, em geral, significa que há maracutaia do governo”

A imparcialidade é uma mentira

O editor Maurício Dias explica porque CartaCapital é exceção na imprensa brasileira

Segundo homem na hierarquia da única revista semanal que não seguiu a maré de ataques ao governo com denúncias sobre o suposto "mensalão", Maurício Dias dispensa o rótulo de imparcialidade ao veículo que comanda ao lado de Mino Carta. Diretor Adjunto de *CartaCapital*, argumenta que a mídia é um agente político como qualquer entidade da sociedade e deve se assumir como tal. Por isso, destaca a importância de jornais e revistas declararem seu apoio a candidatos à presidência em seus editoriais, como voltou a fazer CartaCapital na edição publicada em 13 de setembro (Ano XIII, nº 410).

Maurício Dias esteve na UFSC nos dias 1º e 2 de agosto para fazer palestra na V Semana de Jornalismo. O jornalista de 58 anos, 37 de profissão, é formado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e começou no carioca *Tribuna da Imprensa*. Com três anos de profissão, foi contratado pela *Veja* como repórter de política. Passou também pela revista *Senhor*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*. No início dos anos 1990, trabalhou com Mino Carta na revista *IstoÉ*, semanal que denunciou os primeiros escândalos de corrupção do governo de Fernando Collor de Mello. Junto com Mino e outros jornalistas, Dias saiu da revista devido a represálias internas contra o trabalho que realizavam.

Além da atuação na imprensa, em 1984, o jornalista escreveu o roteiro do filme *Jango*, sucesso de bilheteria de Sílvia Tendler. Em 2004, lançou o livro *Mentira das urnas - Crônica sobre dinheiro e fraude nas eleições*, em que faz uma análise histórica da influência do dinheiro nos pleitos realizados no Brasil. Na entrevista ao *Zero*, Maurício Dias explica como a atuação na chamada "maior crise da república" em 2005 tirou a máscara de imparcialidade e de isenção da imprensa. Ele também analisa a atuação diferenciada de *CartaCapital* na cobertura política e explica por que a revista não é uma *Veja* ao contrário.

Zero- A revista *CartaCapital* vai abrir o voto a algum candidato à presidente este ano, como fez em 2002 apoiando Lula? Maurício Dias- Essa é uma decisão que é da iniciativa do Mino Carta. Ele conversa com a gente, com o conselho editorial da revista, e já sinalizou que possivelmente isso não acontecerá nessa eleição. É claro que uma mudança no ambiente político até a data da eleição, algum fato superveniente que surja pode alterar essa decisão, mas a perspectiva vista agora, a dois meses da eleição, é de não abrir apoio editorial a qualquer candidato.

Z- Qual o principal motivo para essa mudança de comportamento?

MD- Aqui vai uma especulação minha. Eu acredito que há um certo desencanto com o governo Lula, na perspectiva que a revista tem de que a economia deveria mudar. Desde o início, apesar do apoio declarado à candidatura do Lula. A revista sempre cobrou muita mudança na economia, limpar um pouco essa fase neoliberal do governo, que se expressa numa economia que trava o país, haja vista o crescimento do PIB nesses anos do governo Lula, que parece que nesse ano projeta um crescimento de 5%, o que é bom, mas o país pode crescer mais do que isso, desde que solte a economia. Mas vão dizer 'ai solta a economia e a inflação e tal'. Eu acho que a inflação não pode ser uma trava absoluta para você provocar essa onda de desemprego, essa coisa nefasta. O objetivo de qualquer governo é o homem, se você está fazendo uma política em que, em vez de favorecer o homem, você faz dele o alvo, fica invertido: a meta vira o alvo.

Z- A economia foi o único ponto de insatisfação com o governo?

MD- Não, todas as vezes em que a revista reagiu contra propostas do governo, invariavelmente, foi capa. O caso da Ancinav foi um caso, a decisão agora pelo modelo japonês de televisão digital também. Agora, apoiamos algumas coisas. Eu

fiz matéria favorável a uma mudança na política educacional, nem era uma reforma na educação, eram algumas mexidas na administração da educação, uma indicação de que poderia mudar esse modelo que entregou a educação ao setor privado sem nenhuma fiscalização.

Z- Qual a importância de um veículo da imprensa abrir o voto a algum candidato?

MD- Você desmascara essa de que a imprensa é imparcial, é isenta. É perfeitamente natural em regimes democráticos que os jornais em editoriais apoiem esse ou aquele candidato, desde que isso não signifique o sacrifício da linha editori-



"Justiça aqui só funciona para pobre, para preto e prostituta"

"A imprensa seguiu as denúncias da oposição sem fazer uma reflexão"

al, ou uma adesão das reportagens a esse voto de apoio. Então, eu acho importante isso, porque a imprensa é um agente político na sociedade, como é o sindicato, seja o patronal ou o dos trabalhadores, os partidos, enfim, são agentes políticos que agem na sociedade. A imprensa, ademais de ela informar e analisar, ela tem esse direito e exerce esse direito de ter preferência política. No Brasil, a imprensa não se admite como tal. Isso cria uma hipocrisia e favorece uma série de distorções e uma visão equivocada dos leitores.

Z- Numa imprensa pouco acostumada a ter essa posição política, fica mais difícil sustentar uma posição de imparcialidade após abrir seu voto?

MD- É evidente que fica, mas não por pressões externas. Fica na medida em que você faz uma matéria sobre uma política implementada pelo governo e ela pode estar contaminada pela sua posição política. Mas é claro que mesmo que se você não abrir o apoio editorial também poderá fazer uma matéria que esteja contaminada pela sua posição política. Quando o leitor não está acostumado, ele, de maneira geral, vê a imprensa com essa fantasia de que a imprensa está acima do bem e do mal, que para acima dos interesses. Ele então pode estranhar, mas evidentemente que mesmo a imprensa quando não manifesta esse apoio, ela acaba apoiando alguém, por simpatia, opção, na escolha do que vai para a primeira página. Enfim, a gente sabe como funciona e como se manifestam os interesses.

Z- Isso pode ter levado algumas pessoas a suspei-

tar da *CartaCapital* pois ela foi a única das revistas semanais que não partiu para o ataque sistemático ao governo na crise do ano passado. Por que a revista não atacou o governo?

MD- Isso realmente diferenciou a revista para o mal ou para o bem. Primeiro, é preciso considerar essa unanimidade na imprensa. A partir da crise do caixa dois, que a maioria da imprensa chama de 'mensalão', em função da acusação feita pelo Roberto Jefferson (PTB-RJ), uma tese que a CPI não comprovou. É sempre bom repetir isso: indiciaram 19 deputados, incluindo aí o José Dirceu (PT-SP), que estava na Casa Civil, se tirar 6 ou 7 do PT, você ficará com cerca de 11 pessoas, porque não é admissível que o PT tenha pagado a integrantes do governo para votar projetos do governo. Então, há talvez 12 deputados, e com esse número você não consegue virar e definir votação no Congresso. Além disso, houve uma CPI e não se pôde provar isso. A decisão de não acompanhar essa marola que a imprensa fez, foi justamente por a gente perceber que aquilo não era como alardeava a oposição, e a imprensa vocalizou isso sem fazer uma reflexão, 'o maior roubo na história da República'. Eles usaram todas as hipérboles possíveis nesse episódio e também não ficou provado. Nós tivemos a percepção de que era uma típica situação de caixa dois que foi apanhada. Nós entendemos que não é uma coisa elogiável nem justificável o uso do dinheiro com finalidade política. Agora, isso é um processo comum na política de todo o mundo e principalmente na brasileira, mas não significa que não esteja errado. Nós não tentamos em nenhum momento justificar aquilo ao leitor, de que aquilo era um procedimento legal. Não, era um procedimento ilegal, mas comum a todos os partidos. E lamentavelmente o PT, que era um partido que na oposição mantinha um certo grau de pureza, não a pureza absoluta porque não há ética absoluta na política, o PT se contaminou. E ficou claro para a gente, que por trás daquilo havia um golpe branco. Nós fizemos entrevistas com pessoas que perceberam isso, como o professor Wanderley Guilherme dos Santos [cientista político]. Esse golpe se concretizou quando o ex-presidente Fernando Henrique [Cardoso], entre outros, mas ele como estava na vanguarda dessa operação para alargar o governo, ele declarou: 'o presidente Lula não tem mais condições de buscar a reeleição, ele devia renunciar ao direito de disputar a reeleição'. Alguns jornalistas pediram isso também, o Zuenir Ventura escreveu isso. Foi isso que nós percebemos e não entramos por esse caminho, até porque vimos que outras denúncias do Roberto Jefferson, como no caso do suposto esquema de caixa dois em Furnas, que apontava para outros partidos e também para o PT, não foram apuradas, não havia interesse em apurar. A coisa ficou só em cima do chamado 'valerioduto', que ficou provado nasceu em 1998 com os tucanos.

Z- Havia setores da imprensa nesse grupo que pediam o golpe?

MD- Totalmente. A imprensa perdeu inteiramente essa suposta isenção porque ela se tornou porta-voz de interesses de grupos da CPI. As pessoas denunciavam e a imprensa não ia atrás para ver se havia provas, simplesmente veiculava a denúncia como se ela fosse um fato real. Quando viram que era difícil provar aquele episódio, na dimensão que fora projetado como o maior roubo da história da república brasileira, começaram a dizer que ia virar pizza. Agora, é lógico que, nesse período todo, o governo perdeu a maioria que tinha, tanto que criaram a chamada 'CPI do Fim do Mundo', a CPI dos Correios, que inconstitucionalmente apurou tudo o que vinha na cabeça e, no entanto, não conseguiu provar nada. Lamentavelmente, perderam uma oportunidade de tentar diminuir a importância do dinheiro no processo eleitoral brasileiro. Isso nunca vai acabar, porque o dinheiro vai se manifestar sempre nas eleições, mas havia possibilidades nesse episódio de fazer um cinturão de segurança em torno do Estado para proteger a administração da contaminação desses interesses políticos, do dinheiro, dos interesses empresariais da iniciativa privada.

Z- Você considera que a sensação de que houve uma pizza foi mais produzida pela imprensa do que pelos deputados?

MD- É, a pizza é isso. O que se entende como pizza? Pizza significaria em tese um acordo entre partidos ou no governo para 'melar' a apuração. Para impedir que a apuração che-

gasse a resultados que pudessem sustentar o tamanho da denúncia que foi feita. O governo não tinha força para isso, com a pressão da sociedade forçada por todos os jornais, todas as revistas, exceto a *CartaCapital*, televisões, rádios, blogs, tudo. Foi um ano de pancada. Eu fiz uma entrevista, em algum momento dessa crise, com o Carlos Augusto Montenegro, presidente do Ibope, e ele disse que qualquer outro presidente teria caído, e o Lula não caiu. Resistiu a um ataque poderoso da oposição, articulada com a imprensa.

Z- E não caiu por quê?

MD- Por várias razões. Primeiro: faltava credibilidade aos acusadores. Segundo: não ficou efetivamente nada comprovado. Ficou no ar a possibilidade de ser aquilo com que eu lido. Eu lido com evidências e com um convencimento pessoal de que foi caixa dois, mas nem isso ficou provado.

Z- Sobre as pressões que você falou, a *CartaCapital* também sofreu pressões para juntar-se ao ataque ao governo?

MD- É claro que houve pressões. Elas se manifestam de forma sutil. Mas é claro que havia pressão, mesmo do leitor clássico da revista. O bombardeio foi tão grande que as pessoas começaram a acreditar que havia ocorrido realmente um grande rombo nos cofres do governo. Outra coisa que eu acho que favoreceu o Lula é que além de ter ficado claro à grande maioria das pessoas que aquilo era uma operação com dinheiro para finalidade política, e não ficou provado em nenhum momento o uso de recursos para enriquecimento pessoal. Você não vê isso nas pessoas que foram punidas, como a cúpula do PT. O José Genoíno [ex-presidente do PT] continua morando no mesmo lugar, não foi provado nada, e evidentemente as vidas desses caras foram devassadas.

Z- Falando dos grandes escândalos da nossa república, na crise que derrubou o ex-presidente Fernando Collor de Mello, você compunha na *IstoÉ* uma equipe liderada pelo Mino Carta. A revista foi a primeira a denunciar as corrupções do Collor. Nesse episódio, a *CartaCapital*, pelo contrário, não entrou nesse escândalo. Qual a comparação que você faz desses dois episódios?

MD- No episódio do Collor, estava claro para nós desde as primeiras denúncias que havia dinheiro para enriquecimento pessoal. Isso ficou provado em coisas muito simbólicas, até mais simbólicas do que realmente expressassem por si só um escândalo, como a Casa da Dinda, os gastos da primeira-dama que eram pagos pelo PC Farias, enfim houve vários flagrantes desse tipo. E havia também parte daquele dinheiro operado para política. Da mesma forma, exceto no caso do Fiat Elba, das cascatas de água na Casa da Dinda, e alguns outros, o fato é que a CPI aberta naquela ocasião acabou não fazendo provas contundentes contra o esquema Collor. A questão foi ao Supremo [Tribunal Federal] e ele foi absolvido. Você pode suspeitar que todo o sistema foi corrompido. Será que todo o Supremo se corrompeu? Não, na verdade não havia provas. Eu lembro de uma conversa minha com o advogado do Collor, o doutor Evaristo de Moraes Filho [1933-1997], que era uma figura insuspeita em suas atitudes políticas. Ele me entregou toda a documentação da defesa final dele e disse: 'não há provas aqui para incriminar'. É aquela história que eu repito muito: a dificuldade de se fazer provas no Brasil contra suspeitos de colarinho branco. Porque a justiça aqui só funciona para pobre, para preto e para prostitutas, são três Ps famosos. Enfim, houve também dificuldade para fazer provas contra o Collor, os mecanismos de fiscalização do poder público não funcionam, a justiça é fraca, há uma série de fatores, então, que beneficiam os criminosos do colarinho branco.

Z- Um dos repórteres daquela equipe da *IstoÉ* era o Bob Fernandes, que foi o primeiro a denunciar o envolvimento do Paulo César Farias, o PC, no esquema de corrupção. Mais recentemente o alvo do jornalista quando estava na *CartaCapital*, e agora de outros repórteres da revista, é o banqueiro Daniel Dantas. Seria Dantas o PC da política atual?

MD- Muito mais do que um PC. O PC era um nordestino noviço que se meteu a fazer caixa para o governo, caixa dois, junto a um empresário do sudeste. Ele tentou mudar o grupo de empresários que atuavam politicamente junto ao governo e evidentemente começou a se esborrachar a partir daí. O Daniel Dantas é outra coisa. Ele é o homem da sombra, e ele conhece a classe dominante brasileira. Ele é um operador dos interesses dessa classe. A gente tem informação que nos leva a acreditar na importância do disco rígido do computa-

"Ficou claro para nós que, por trás das denúncias, havia um golpe branco"

dor dele, que foi apreendido pela Polícia Federal e está *sub judice*, mas não pôde ser aberto por uma decisão da ministra Ellen Gracie, do Supremo. A gente acredita e tem informações de que aquele disco rígido se aberto vai mostrar uma boa parte de como as coisas se passam no Brasil. Acho que tem muita gente hoje vestida de vestal que pode ser flagrada.

Z- Na sua palestra você foi além ao falar do disco rígido de Daniel Dantas. Disse que se aberto ele poderia parar o país. As informações do disco podem atingir a quem, setores da economia, partidos políticos, o governo?

MD- Quanto dinheiro de brasileiros está no exterior? São bilhões de dólares, e uma parte pode estar eventualmente registrada ali. Acho que deveria ser feita a abertura. Mas evidentemente, protegendo aquilo que é lícito, não estabelecendo uma quebra absoluta do sigilo bancário das pessoas. As autoridades deviam ter acesso e ver o que é lícito e o que é ilícito. Não se trata de exibir à população brasileira, porque há evidentemente operações legais. O que se sabe é o que há de ilegal.

Z- Semana sim, semana não, o "orelhudo" Dantas está na capa da *CartaCapital*. Vocês não cansam de fazer denúncias e ver que a imprensa não repercute?

MD- A imprensa não repercute porque deve ter as suas explicações. Não dá para fazer suposições levianas, mas, enfim, há tantas coisas que a gente publica na *CartaCapital* e se faz aquilo que a gente chama de conspiração do silêncio. Mas é essa imprensa que como a *CartaCapital*, que se movimenta



O que poucos dizem: "A imprensa perdeu inteiramente essa suposta isenção porque ela se tornou porta-voz de grupos da CPI"

por interesses políticos. A *CartaCapital* tem posições políticas e as abre. Então, por algum interesse eles não repercutem. Tradicionalmente, há na imprensa brasileira um comportamento muito estranho e provinciano. Se alguém denuncia alguma coisa importante, ou se dá um furo de reportagem, a tendência dos outros jornais e revistas é não entrar naquilo, como se só o leitor de quem fez a primeira denúncia se interessasse por aquilo. Os jornais em geral funcionam muito assim. Quando você inclusive atinge interesses de poderosos, que tem articulação institucional, tem vinculação com a imprensa, aí é que eles viram as costas mesmo. Nessa crise, nós publicamos matéria sobre episódios de visível formação de caixa dois no governo Fernando Henrique comprovada com documentos do Ministério Público, com depoimentos, e a imprensa em nenhum momento seguiu aquilo. Porque podia achar que estávamos em uma manobra diversionista? Não, ela que continuasse a fazer o que achou que devia fazer. Mas podia ter dado uma olhada para o lado: 'vem cá, tem uma coisa aqui com documentos do Ministério Público, vamos apurar isso daqui também'.

Z- Quais foram as diferenças da cobertura política das revistas semanais na era FHC e no governo Lula?

MD- O governo Lula e o PT não são parceiros estratégicos da classe dominante brasileira. Eles estão sendo tolerados por quatro anos e talvez tenham que ser tolerados por mais quatro, mas porque fazem um governo absolutamente comportado. Com algumas coisas muito positivas, nas políticas educacionais, na discussão das cotas das universidades, que colocou a sociedade olhando para uma injustiça que foi cometida durante 300 anos contra a população negra. Então, tem algumas coisas importantes no governo, mas de maneira geral é um governo moderado, mas esse não é um partido que está no poder há muito tempo. Quem opera o poder no Brasil há 500 anos está no DNA do PSDB e do PFL, então houve uma mudança muito diferente agora. Havia duas posi-

ções para você se tornar presidente no Brasil: ou você tinha diploma, ou tinha espada. O Lula não tinha diploma e nem foi eleito apoiado pelo exército num golpe de estado. E isso mudou muito, é um operário, um retirante nordestino.

Z- E na era FHC, como foi o comportamento da imprensa?

MD- A imprensa foi absolutamente moderada nos ataques ao governo Fernando Henrique. A imprensa revelou, por exemplo, a suspeita de que a emenda da reeleição foi aprovada comprando votos. E ficou aquela coisa sem nenhuma vontade de ser apurada. Foi isso. E aí eu vou citar o Chico Buarque: a forma com que as pessoas se referem ao presidente Lula é com absoluto desrespeito, e desrespeito não ao Lula só, é à instituição presidencial. É uma loucura isso que estão fazendo, eles não sabem o precedente que abrem com isso. É uma loucura, um desrespeito. Teve um parlamentar, baixinho, não quero citar o nome dele, não sei se agüentaria se o Lula resolvesse dar um tapa nele, e mesmo assim ameaçou bater no presidente. É um desrespeito, uma visão senhorial contra o operário que está no poder. Ninguém se referiu nunca ao presidente Fernando Henrique como se refere ao Lula.

Z- Na sua palestra, você mencionou o fato de que a mídia não cobre a mídia, não existem pautas de análise da mídia, numa postura corporativista. A que se deve esse corporativismo?

MD- Entre vários problemas embutidos na sociedade brasileira, há a falta de críticas e autocriticas. Há uma visão da classe dominante de que a democracia não é um processo de conflito, de dissenso. Com conflito não quero dizer conflitos sangrentos, embora isso também faça parte das vidas das nações. Aliás as nações mais modernas passaram sempre por um conflito sangrento, seja França, Inglaterra, Alemanha. Há o mito da índole pacífica, e isso passa para a política, e se expressa numa coisa que persegue a história do Brasil que é a conciliação. O dissenso é visto como um erro, assim como as manifestações sociais

Z- Quais as principais diferenças no projeto editorial da *CartaCapital* em relação as outras revistas semanais?

MD- São diferenças brutais. Primeiro, o número de integrantes da redação. A *CartaCapital*, embora também sofra agruras financeiras, não tem um débito monstruoso, porque a manutenção das grandes redações, dos grandes projetos levou a imprensa brasileira toda ao buraco. Se você observar, o capitalismo brasileiro é muito incipiente, é muito fraco. Não há um número de anunciantes suficiente para contemplar o custo da imprensa brasileira. Como inclusive não há anúncios suficientes das empresas privadas. É aí que o governo entra com uma grande parcela de anúncios. Eu não tenho registro de um governo que faça tanto anúncio como se faz aqui. Se o governo acaba com isso, mata a imprensa brasileira. *CartaCapital* também está neste caso. Agora, os números da *CartaCapital* são pequenos, porque a gente mantém um projeto pequeno, somos poucos fazendo aquela revista. Eu nunca contei, mas o Mino fala que são 11 repórteres. Ela é feita assim. E ela tem um modelo, é uma revista de análise, ela faz uma seleção muito criteriosa do que vai publicar. Ela não é um jornal semanal, não faz uma resenha semanal dos episódios da sociedade. Ela seleciona e põe o olho naquilo que julga necessário e tem uma visão crítica e não pretende vender dieta para ninguém. Já foi feita uma capa sobre obesidade na revista, com números do IBGE, mas mostrando que a obesidade não era só uma coisa de rico, havia a obesidade do pobre por se alimentar mal. Então, sempre há um foco político, raramente sai dessa linha. E, por isso, com esse formato, não é projeto da revista vender 1 milhão de exemplares. A gente acredita que no esplendor ela atinja 150 mil, mas será o suficiente para torná-la a revista mais importantes do país. O Mino cita muito a *The Economist*, que é a revista mais importante da Inglaterra e que não chega aos 250 mil exemplares.

Z- Então não há pretensões de roubar os leitores das outras semanais?

MD- Não o leitor que estiver interessado em fofoca. Vou repetir um anúncio feito pela revista: 'o leitor que estiver interessado na vida do Paulo Coelho dificilmente vai ler a *CartaCapital*. Agora, o que estiver preocupado com as raposas vai ter que procurar ler a revista'.

Z- Quais foram as diretrizes para elaboração do projeto editorial da revista?

MD- Saiu da cabeça do Mino. Bolada por ele. Ele costuma

“A mídia é um agente político”

dizer que como não oferecem emprego para ele, ele tem que criar seu emprego. Quem estava com ele era o Bob Fernandes. Evidente que essas coisas todas saíram das discussões deles. E essa não foi a primeira revista que o Mino fez, ele tem uma experiência muito grande nisso, e veio depurando isso. Ele acha que a revista *CartaCapital* é o melhor projeto entre os tantos que ele já criou, como *Veja*, *IstoÉ*, *Senhor*, *Quatro Rodas*, *Jornal da República*.

Z- Depois de 12 anos a revista continua crescendo?

MD- Continua crescendo. A revista não tem um sócio capitalista, que poderia injetar dinheiro para ela se expandir rapidamente. Então, ela cresce dentro das nossas possibilidades. Nós somos um pouco caixeiros-viajantes, a gente sai propagando as virtudes e apresentando a revista às pessoas.

Z- Como se faz uma revista semanal com 11 pessoas?

MD- A gente costuma citar uma expressão: “vai do prato pra boca”. Ela tem um fluxo de caixa muito apertado, uma contabilidade muito equilibrada. A revista precisa fazer uma campanha de *marketing*, uma campanha para vender assinaturas. E aí precisa de recursos para anunciar, mas esses recursos são poucos. Enfim, isso é feito muito comedidamente, com permutas, etc., então, o crescimento é lento.

Z- Em que medida a revista reflete as idéias do Mino Carta?

MD- As idéias do Mino Carta são veiculadas nos editoriais que ele assina. Ele é o que menos cria pautas para a revista. São os editores, os repórteres, e eles pensam de forma absolutamente diferente do Mino. Eu pauto e não pergunto se ele está de acordo. Nem todas as matérias da revista ele lê. Ele lê uma ou duas, até porque não há tempo de ler tudo. Tem coisas que a revista publica e que ele não concorda, ele acha uma bobagem, ele acha que não é assim. Mas ele sabe separar aquilo que é uma visão particular dele daquilo que é a visão jornalística do que deve ser feito mesmo que eventualmente não esteja dentro da visão pessoal dele. Agora, ele dá palpite, como todo mundo dá palpite nas coisas, opina, propõe. Ele não faz nem exerce o papel do guia espiritual. Afinal, eu sou grandinho e já tenho condições de pensar com minha própria cabeça, assim como os outros editores.

Z- No caso da nova regulamentação para a profissão de jornalista, Mino Carta, em seu editorial na revista, se manifestou contrário à lei. A que se deve essa posição?

MD- Se deve a uma posição não corporativa. Por que tem que criar reserva de mercado? O jornalismo no mundo todo é feito por pessoas inteligentes, que gostam de escrever, que sabem escrever. Por que as pessoas não podem escrever e se manifestar? Por que o Casagrande ou outro jogador não pode comentar futebol? Ele vai ser um bom ou mau comentarista? O Tostão ou o Sócrates que escreve na revista [*CartaCapital*], ele não vai poder escrever mais? Não parece correto. Eu acho que é uma proposta estranha de reserva de mercado. E a reserva de mercado foi criada quando da regulamentação da profissão na suposição de que você não podia deixar inflacionar a oferta de mão-de-obra no jornalismo, porque ia cair o salário. Fizeram a reserva de mercado e o salário caiu. O argumento não se sustenta. E acho que é uma visão corporativa, uma visão de corporação equivocada. Mas não sou contra o fato das pessoas irem à faculdade aprender, tenho críticas ao modelo de formação do jornalista como é feito no Brasil, mas não sou contra que as pessoas aprendam. Apenas acho que o ato de escrever não é exclusivo de quem faz curso de jornalismo. E como eu já estou quase me aposentando não estou falando em causa própria. Sou formado em História e vários jornalistas não tem curso nenhum. Agora, não é porque não são formados em jornalismo é que eles são bons. Isso não determina nada. Isso não é medicina, os domínios das técnicas jornalísticas são três ou quatro coisas: *lead*, *sublead*, etc. É uma coisa que você aprende se tiver uma boa lição.

Z- E o restante é o quê?

MD- O restante é conhecimento, é estudo, qualificação, capacidade de escrever direito, com clareza. É isso. E se abrirem, “todo mundo que quiser pode ser jornalista”, eu duvido que as pessoas vão ralar no começo da profissão para ganhar a grana que ganha. No mercado de capitais você ganha dinheiro muito mais rápido, muito mais fácil.

Z- Você considera a *CartaCapital* um veículo totalmente independente? Ou quais são os limites? Existem coisas que não são publicadas na revista?

MD- Não há esses limites totalmente independentes, não. Mas também não existem coisas que não podem ser publicadas. Não há. Me dê um bom caso de corrupção no governo Lula com provas que a gente publica.

Z- E a que se deve isso?

MD- Se deve a nós acharmos que se você manter o jornalismo praticado com seriedade e com responsabilidade não precisa ter limites. Havia um anunciante forte da revista que deixou de anunciar porque foi feita uma matéria que feriu os interesses dele. A matéria estava correta. Ele achou que pelo fato de colocar anúncio estava comprando a opinião da revista. De um modo geral, na imprensa brasileira também não é assim que acontece. O poder se manifesta de uma forma diferente, de uma forma mais sibilina, mais sutil.

Z- Sobre o seu livro, ele foi publicado em 2004 e traz uma análise histórica de como o dinheiro favorece a campanha dos candidatos. Em 2006, mesmo com esse aperto da fiscalização do dinheiro para campanhas, o que fez diminuir o volume das doações, poderia ser feito um capítulo sobre esse ano em seu livro, ou a coisa vai ser diferente?

MD- Claro que dá um capítulo 2006. É claro que as pessoas estão com muito mais cuidado. O medo de ser apanhado fazendo uma doação diminui evidentemente a quantidade de dinheiro para a campanha deste ano. Mas ainda haverá muito dinheiro não-declarado. Acho que vai continuar com o caixa dois na eleição desse ano porque os interesses se manifestam e há interesses que não são legítimos. Isso é do processo, você não acaba com isso, não adianta financiamento público. Hoje parte da eleição já tem financiamento público, que é o horário eleitoral gratuito, ele é pago, há uma renúncia fiscal das emissoras de rádio e televisão. E há o fundo partidário, que também são recursos da sociedade.

Agora, limitar o dinheiro da eleição a financiamento público é discutível. Você vai empurrar tudo o que hoje é legal para a clandestinidade e isso vai continuar acontecendo, aqui, nos Estados Unidos, na França. A democracia não tem muito clara a solução para relação de dinheiro com o voto. O processo eleitoral acabou se transformando tanto em um fato econômico como num fato político. Evidentemente, a influência do dinheiro provoca deformações. Hoje há quase uma regra: você tem mais dinheiro, você terá mais votos. Se você olhar, a campanha do Lula em 1989 teve menos dinheiro que o Collor, em 1994 e 1998 teve menos dinheiro que o Fernando Henrique, e 2002 teve mais dinheiro que o [José] Serra. Não foi só isso que deu a vitória ao Lula, mas certamente isso teve importância. A presença do dinheiro no processo eleitoral gera muito hipocrisia, por parte da sociedade e dos políticos. Não se faz eleição sem dinheiro. Isso vai se manifestar de uma maneira ou de outra, então, é preciso levar essa discussão à sociedade com mais clareza. Até para ela poder fiscalizar melhor. O que é meu livro? Falava-se tanto claramente na imprensa de caixa dois e nunca ninguém pegou para ver, ‘olha, isso aqui é caixa dois’. A questão não é a lei. Nunca foi, você teve o processo de voto de cabresto, de voto no bico de pena, das atas falsas, várias manifestações de deformação do processo eleitoral na história republicana, mas a questão sempre foi o dinheiro por trás das coisas. As pessoas achavam que era problema da lei, ‘faz uma lei que resolve’. Não resolve.

Z- Sobre outro assunto mencionado por você na palestra, o afastamento dos jornalistas veteranos das redações. Quais as razões para isso?

MD- Há no Brasil, de maneira geral, um culto à juventude, isso é uma fase. Há órgãos da imprensa que não contratam pessoas acima de 40 anos. Evidente que todo mundo tem que se aposentar um dia e parar de trabalhar. Agora, me parece que a receita mais adequada é um misto: você ter os jovens chegando e os velhos saindo, mas com um pouco de convivência. É você aprender com a experiência, é você olhar para o cara e dizer ‘quando crescer quero ser aquele cara, quero trabalhar igual a ele, quero ganhar igual a ele’. Enfim, você tem que botar seu foco em algum lugar. Há grandes personagens do jornalismo fora das redações. Há uma cúpula da

imprensa que está bem, e há uma parte baixa. Talvez se reproduza na pirâmide salarial a mesma pirâmide equivalente da sociedade brasileira. Há um grupo no topo e a base absolutamente sufocada. Precisava se fazer um estudo sobre isso. Mais uma vez não se tem um estudo sobre o Brasil, não há um acadêmico que se debruce sobre isso. Os jornalistas são atores importantes da sociedade, são os formadores de opinião. Quem é esse pessoal que escreve para jornal? Ele pensa o quê? Na palestra, eu dei uma indicação de que quando trabalhava na *Veja*, onde ganhava muito bem, eu ia à redação de ônibus, depois acabei comprando um carro. No *Jornal do Brasil*, mais recentemente, tinha 28 estagiários e todos iam de carro, filhos de classe média. O que significa isso? Houve uma mudança na base social dos profissionais da imprensa? Se projeta uma mudança? Enfim, o que ocorreu? O que está ocorrendo? Quem é esta pessoa que você entrega um papel e caneta, e pede para escrever para a sociedade?

Z- Transformando em pergunta uma acusação que você já deve ter ouvido muitas vezes, a *CartaCapital* é uma *Veja* ao contrário?

MD- Não. Vou começar pelo elementar. A *Veja* não faz nenhuma matéria simpática ao governo. A *CartaCapital* tem matérias simpáticas a certas políticas do governo, como a de cotas, por exemplo, mas também

é crítica da política econômica, crítica de decisões tomadas pelo presidente. Há uma acusação feita pelo Caetano Veloso [contra a *CartaCapital*] em uma revista que já fechou. Mas o Caetano estava magoada por razões emocionais. Mas não dá para fazer essa comparação, porque a gente critica o Lula. A revista não é chapa-branca. Está lá o Luiz Gonzaga Belluzzo, que escreve sobre economia, criticando, o Delfim Neto critica, tem várias outras coisas. Eu acho que o que mais chamou a atenção foi esse episódio em que a mídia tratou como maior escândalo da República e nós não tratamos assim. Isso ficou muito marcado. E começaram a se surpreender agora, quando nós de posse de informação factual de pesquisa colocamos na capa [‘Geraldo’ Alckmin reage]. Leitores da revista acharam

que a gente estava endireitando. E não é isso, nós não vamos fugir do fato.

Z- Em sua análise como repórter de política, quais são as chances da Heloisa Helena chegar ao segundo turno?

MD- As mesmas de eu presenciar um milagre. Veja bem, não há fenômeno na eleição para o Executivo. As pessoas dizem ‘mas e o Collor?’. O Collor começou a desmontar cedo. Se formos lembrar, para combater o Lula, ele foi imediatamente abraçado pelo PFL e pelo PMDB, que abandonara seus candidatos. Então, não há fenômeno. A Heloisa fica com dez pontos hoje, não tem apoio político, não tem a estrutura de poder, e tem um discurso exclusivamente moralista até o momento. O que ela está dizendo para a sociedade em termos de programa de partido? Eu não ouvi nada ainda. É claro que ela pode apresentar em algum momento. Mas a campanha dela no momento é toda pontuada na moralidade, mais do que ética, porque ela é uma pessoa que tem uma visão moralista e de muito crítica ao governo Lula. Outra coisa, em uma capa colocamos também a Heloisa, eu escrevi a matéria. Então, a gente, por ter aberto no editorial apoio ao Lula, não significa que não façamos isso. Não seríamos suicidas. O jornalismo se exerce com o sagrado respeito aos fatos. E nós colocamos nossa visão subjetiva, mas respeitando os fatos. Enfim, as chances dela são remotas. Mas eu acho que se a Heloisa cresce mais, ela leva a eleição para o segundo turno. E evidentemente que a direita está interessada nisso, e pode tentar dar uma abanada na candidatura dela, expô-la, criar espaço para ela, afinal ela critica muito o Lula, então vai para a primeira página do jornal. Está se fazendo um movimento que, não digo que isso vá acontecer, eles fazem ela crescer e acaba indo para o segundo disputando com o Lula e passa o Alckmin.

Entrevista por João Werner Grando



“Daniel Dantas é operador de interesses da classe dominante”

“Na *Carta*, nós colocamos nossa visão subjetiva, mas respeitando os fatos”

Fotos: Miriam Benito - Zero

Jornal politicamente incorreto

Diarinho quebra mesmice da imprensa ao abusar do bom humor e da independência

Manchetes devastadoras como *Padaria vende até pão com ranho* e *Pegos na Beira-mar com a mão no pinto* explicam melhor o que é o Diarinho do que parágrafos inteiros. Fundado há 28 anos na cidade catarinense de Itajaí, esse jornal popular já bateu a marca de 10 mil exemplares diários, conquistou leitores de todas as classes sociais e começa a incomodar os grandes do estado. É líder na região de Itajaí, Balneário Camboriú e Navegantes. Tudo isso abusando do humor e de expressões regionais, cada vez mais raros na imprensa diária brasileira.

Para conhecer melhor esse fenômeno, o *Zero* conversou com Juvan de Souza Neto, redator-chefe do Diarinho. Ao lado da diretora de redação Samara Vieira, ele foi o responsável por manter a qualidade e o tom esdrachado do diário, mesmo após a morte de seu fundador, Dalmo Vieira, há dois anos. Em 1h30 de entrevista, Juvan lamenta a mesmice da imprensa brasileira, fala da concorrência dos novos jornais populares e explica a dicotomia neutralidade x adjetivação. De quebra, ainda dá recado para os jornalões: a publicação de denúncias não significa necessariamente a perda de anunciantes.

Zero- Vocês falaram que o *Diarinho* tem leitores de todas as classes sociais, mas é escrito como o povo fala. Afinal, quem é o público-alvo do jornal?

Juvan de Souza Neto- Inicialmente, a intenção do Dalmo era efetivamente fazer um veículo popular, com a linguagem do boteco, para o povo de Itajaí. Como a vendagem cresceu e resultou na maior tiragem que temos hoje, o *Diarinho* acabou sendo lido por todas as classes sociais.

Z- E essa linguagem mais popular atinge bem a todos os públicos, a todas as classes sociais? Por que ela foi criada inicialmente para atender ao...

JSN- Peixeiro. O peixeiro, que é o papa-siri, como se diz. Inicialmente, ela foi feita para atingir o peixeiro, mas a gente sabe que ela repercute nas classes A e B. Claro que o *Diarinho* inicialmente se pensa um jornal de classes C, D e E, barato, mas o que a gente nota é que as classes A e B também lêem, porque quando se fazem denúncias de problemas da comunidade, no outro dia essas denúncias são checadas ou essas cobranças feitas são atendidas. E quem manda são as classes A e B. É um sinal de que elas também estão lendo.

Z- Sobre os novos jornais populares que estão surgindo em Santa Catarina, vocês falaram que eles não vão ser concorrentes do *Diarinho*. Em que sentido?

JSN- A princípio, os novos jornais populares estão surgindo para cobrir Florianópolis. O *Diarinho*, embora tenha sua sucursal aqui e tenha um espaço que até consideramos pequeno para a capital, tem sua base em Itajaí, Balneário Camboriú e Navegantes. Então, esses novos jornais não são concorrentes. Primeiro, por causa dessa abrangência. Segundo, pelas particularidades do *Diarinho*, de abrir espaço para coisas que não sairiam nem mesmo nos outros jornais populares, que é a briguinta do boteco, a reclamação da fila do banco, a mãe que não gostou da diretora da escola.

Z- A diferença do *Diarinho* para esses novos jornais populares está só na cobertura diária, ou o comando da empresa também faz diferença? Na prática como funciona isso?

JSN- A estrutura desses grupos de informação e de mídia é muito grande. Claro, que seríamos hipócritas de dizer que isso não nos assusta. Mas no *Diarinho* hoje nós temos uma média diária de 50 páginas, enquanto esses jornais populares, eu não sei como vai ser o da RBS, mas o jornal *Notícias do dia* tem, se não me engano, de 20 a 24 páginas diárias - quer dizer, é menos da metade.

Z- Ainda nessa linha da concorrência, outra questão inevitável é a da propaganda. Como é a relação do

Diarinho com a propaganda oficial? O jornal evita, ou elas não interferem tanto quanto em veículos maiores?

JSN- Como ninguém é louco, ninguém come merda nem rasga nota de cem, o *Diarinho* jamais evitaria a publicidade oficial, como não evita. Nós temos hoje o governo do estado, temos as prefeituras da nossa região, mas esse é um ponto em que o *Diarinho* conseguiu se diferenciar dos demais. Porque nós damos matérias polêmicas envolvendo esses anunciantes e não os perdemos, mas já aconteceu de perder.

Z- Vocês acham, então, que têm uma vantagem em relação à concorrência?

JSN- A nossa vantagem, em relação à concorrência é que a vendagem em banca e nosso caderno de classificados são fontes de renda expressivas do jornal. A vendagem em banca, a vendagem em sinaleira, a vendagem na padaria, na oficina mecânica, esse é um diferencial do *Diarinho*.

Z- Fazendo uma análise mais ampla, como você vê essa grande quantidade de propaganda oficial nos jornais? Você acredita que acaba engessando as publicações?

JSN- Engessa, limita, gera uma censura nas empresas de comunicação. Como conviver com isso? O jornalista tem que ter a consciência de tentar fazer o melhor, mas muitas vezes ele é vetado pelo próprio editor, pelo próprio chefe de reportagem, pela própria matriz. Mas o interessante é ter a consciência de pelo menos sugerir a pauta. Depois, se for vetado, você está com a consciência tranquila.

Z- Existe alguma saída para os jornais não dependerem da propaganda oficial, ou às vezes é a única alternativa?

JSN- É ao mesmo tempo a salvação e a perdição. Não vejo hoje solução para isso, acredito que todas as empresas estejam atreladas com os governos. São muitas vezes os políticos que montam as próprias empresas de comunicação.

Z- Mesmo aqui em Santa Catarina?

JSN- Acho que sim. Inclusive eu tenho uma edição do *Zero* que fala sobre a eleição de 1982, aquela emblemática do Amin, que fala dos monopólios de comunicação no estado. A gente sabe as famílias que comandam.

Z- Hoje em dia as mesmas famílias de 1982 ainda continuam?

JSN- Persistem as mesmas e surgiram outras.

Z- Quais?

JSN- É o caso da família do senador Pavan. Controla uma fundação municipal que tem a TV Panorama, de Balneário. E nós temos ainda as igrejas, cada vez mais presentes, um panorama que não havia na década de 1980. Lá em Itajaí nós temos uma igreja fundada dentro da cidade que já tem uma emissora de TV no ar.

Z- Na edição de hoje do *Diarinho*, vocês afirmam que não tem ligação com o grande poder como têm os outros jornais. Isso se deve a quê?

JSN- Um pouco a uma diferença de postura, mas um pouco à origem do jornal ter sido calcada na vendagem em banca. Isso criou uma autonomia pro jornal.

Z- Que é uma empresa...

JSN- Ele é uma empresa. Talvez por isso, e não vamos ser hipócritas novamente, é por isso que a gente carrega nas tintas, porque realmente vende. Não vamos fechar os olhos e dizer que você usar uma foto mais forte não venda.

Z- Em relação à adjetivação das matérias, de chamar o estuprador de safado...

JSN- De corno, puto, boca de burro...

Z- Como fica a relação dessa adjetivação com a objetividade do texto? De que forma interfere, e de que forma isso é pensado?

JSN- Interfere. Seríamos novamente errôneos ao dizer que não. O *Diarinho* quebra qualquer conceito acerca de neutralidade.

Z- A maioria dos jornais deixa pro leitor a tarefa de formar um juízo de valor acerca da notícia...

JSN- A maioria deixa pro leitor, e o *Diarinho* pega do leitor. O *Diarinho* pega do leitor dentro daquela idéia inicial do Dalmo de captar a linguagem do boteco.

Z- Foi por esse aspecto que vocês falaram que o *Diarinho* é único no Brasil?

JSN- Eu acredito que é único porque nós conhecíamos o *Pasquim*, que era exclusivamente humorístico, e o *Diarinho*

tem pautas que não são humorísticas, que são informativas. Então, ele lembra um pouco o *Pasquim*, ele lembra um pouco o *Notícias Populares* e ele lembra um pouco um jornal interessante que circula em São Luís e que é o único jornal de oposição ao grupo Sarney existente dentro do Maranhão. Chama-se *Jornal Pequeno*. Agora, outros com as características do texto próprio da região e o esdrachado eu não conheço.

Z- Por que os jornais são tão iguais, tão parecidos?

JSN- Eu não sei porque estão tão parecidos, mas eu lamento. Eu acho que o Brasil ainda precisava do *Pasquim*, precisava da revista *Casseta e Planeta*, do *Planeta Diário* [primeira publicação dos cassetas], do *Chiclete com Banana* [revista de quadrinhos].

Z- Por que será? Por questões comerciais?

JSN- Eu acho que por questões comerciais o jornalismo se tornou mais sisudo.

Z- Comerciais ou políticas?

JSN- Acho que também. A política influi e deixa o jornal menos opinativo. Os jornais hoje não geram muita reflexão. Se você for olhar, por exemplo, o jornal *Diário Catarinense*, sem juízo de crítica, mas você vai ver um texto de 20 linhas e uma foto enorme na página. Quer dizer, cada vez está se privilegiando mais a imagem em detrimento da informação. Questões políticas e comerciais motivaram uma padronização de conteúdo que eu acredito que, se por um lado dá uma estética até legal, por outro lado deixa tudo muito parecido. Se você observar o padrão do jornal da igreja universal, a *Folha Universal*, que tem aquela circulação absurda, está parecido ao *A Notícia* de hoje.

Z- Como você vê o papel social que tem o *Diarinho* e os outros jornais populares que estão surgindo?

JSN- A credibilidade do *Diarinho*, apesar da linguagem, se mede porque, quando nós fazemos uma denúncia, principalmente de problema comunitário, no outro dia os caras vão lá e consertam. Não tem ninguém levando mais cacete do *Diarinho* do que o Cemasa, uma autarquia que cuida da água lá em Itajaí. Todas as instituições de Itajaí que levam pau do *Diarinho* não se negam a nos atender: a polícia, a Univali, que volta e meia leva um cacete federal, até as freiras do Marieta. E olha que uma das coisas que motivou a prisão do Dalmo foi a história da freira que estava transando com o médico em cima do fogão. Hoje as freiras atendem a gente, tem uma assessoria de imprensa. As nossas portas não estão mais tão fechadas, mas pra coquetel ninguém nos convida.

Entrevista por Lucas Amorim

IDIOSINCRÁTICO

Polêmico é desbocado, o jornalista gaúcho Renan Antunes de Oliveira quebrou a monotonia e as formalidades da V Semana de Jornalismo. Criticando os profissionais "mascarados" e, em especial, o também convidado Juca Kfoury, cobriu o rosto com um pano de chão e lamentou que ninguém da platéia o conhecesse. Antes de a palestra abrir espaço para as perguntas dos estudantes, tirou o pano e comemorou os aplausos que recebeu — mais calorosos e duradouros que os destinados ao "colega" naquela mesma quarta-feira, 2 de agosto. Com declarações fortes e inquietantes, Renan condenou os procedimentos da imprensa, a submissão dos repórteres à lógica capitalista e aos interesses dos patrões e a inexistência de um jornalismo alternativo e combatente. Definiu sua carreira como marginal, contou as aventuras que viveu mundo afora como correspondente e alguns episódios presenciados nos veículos por onde passou, como *Veja*, *IstoÉ*, *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo* e TV Cultura, e alertou o público para a falta de vagas e oportunidades no mercado de trabalho. Encerrou com as máximas: "O mundo é que está errado, não eu" ou "A única coisa absoluta em mim é que tudo é relativo". Em mais de 30 anos de profissão e 56 de idade, o jornalista viajou para China, Estados Unidos, Irã, Iraque, Indonésia, Inglaterra e vários países da América Latina. Dentro e fora do Brasil, colecionou brigas, demissões e desafetos. No exterior, também sofreu prisões, ameaças de morte e deportações. Hoje, depois de atuar como *free-lancer* e ganhar em 2004 o Prêmio Esso de Reportagem no jornal *Já Porto Alegre*, com *A Tragédia de Felipe Klein*, Renan faz assessoria às campanhas do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) no Rio Grande do Sul. Em entrevista ao *Zero*, destacou que a reportagem é a alma da profissão e que repórter precisa ter audácia, ambição e percepção. Segundo ele, é difícil oferecer coisas novas porque as empresas não reconhecem e os leitores costumam a absorver o que é diferente. Além disso, questionou a péssima qualidade dos jornais do Sul e atacou as faculdades da área, declarando que os estudantes estão vegetando no lixo e sendo preparados para trabalhar no Patrola, da RBS. Disse, ainda, que objetividade e imparcialidade são conversa mole, que o jornalismo é um prostíbulo — onde vale tudo — e que nele só há duas alternativas: cuspir ou engolir.



"Há um limite entre a ética e o possível. Quando dizem que, em nome da ética não se faz tal coisa, é mentira. É como num prostíbulo, tudo vale. É no texto que você vê se o repórter é independente, crítico, ético, se toma partido ou não"

Zero- Você disse certa vez que não esperava ganhar o Prêmio Esso com a história de Felipe Klein. Em que momentos da sua carreira e de que forma você buscou o sucesso e o reconhecimento?
Renan Antunes- Todos nós somos ambiciosos, todo mundo quer alguma coisa. O cara que fez a reportagem sobre Watergate disse que a única coisa que ele tinha eram ambição e vontade de agradar ao patrão. Foi isso que o fez derrubar o presidente [Richard] Nixon. Eu, fazendo uma carreira de jornalista independente, sempre quis ganhar dos concorrentes — *Veja*, *IstoÉ*, *Estadão*. Competição é uma coisa da raça humana, e eu queria contar as histórias que via. Então, em 2001, antes de a Guerra do Iraque começar, fui pra lá e me dispus a ficar sentado em Bagdá, esperando as bombas caírem para narrar em primeira pessoa aquela história fantástica. Passei 15 dias com os iraquianos, entrevistando, conversando. Mas aí desisti e fui embora. Antes disso, conversei com meu amigo Sérgio Dávila, que perguntou como eu fiz para entrar. Eu disse: 'O canal é esse, as coordenadas são essas', e ele respondeu: 'Eu vou'. O que eu queria era ficar lá e ganhar o Prêmio Esso contando aquilo. Veja que ironia: o Sérgio foi, ganhou o Esso com uma reportagem das bombas caindo em Bagdá. O *Timing* é todo: ele chegou uma semana antes, ficou uns dias e saiu na outra. Em menos de um mês, escreveu um livro de reportagens [*Diário de Bagdá — A guerra do Iraque segundo os bombardeados*] e ganhou o Esso exatamente sobre o lugar de onde eu saí e sobre o que eu esperava fazer. Aquilo me recalçou mais ainda com o fracasso, mas não sei por que achei que não valia para mim. E eu também não tinha os recursos, fui independente; ele foi pela *Folha*. Antes de

voltar do Iraque, fiquei um tempo em Londres ensacando alface num supermercado. Depois voltei para Porto Alegre e fui morar num quatinho dos fundos do apartamento da minha mãe. Tinha casa, comida e roupa lavada, e ainda ganhei uma moto. Fui trabalhar num jornal de bairro de um amigo meu [*Já Porto Alegre*] e fazer materinhas de comportamento, cidade, isso, aquilo. Aí, como são as coisas: abro a *Zero Hora* e vejo que morreu um menino. Deu na *Veja*, na *IstoÉ*, em todos os jornais. Mas não dizia mais nada, só que morreu, pulou, um *freak show*. Decidi que ia cuidar só dessa história. Chegou uma estagiária da UFRGS no jornal, que conhecia um amigo que tinha feito uma tatuagem, e pedi para ela fazer essa matéria. Depois resolvi eu mesmo escrever. Sentei e escrevi a história num tiro, *vapt*. Quis vender como "frila" para a revista *Época*, mas ela recusou alegando que já havia dado uma matéria recentemente sobre vacas mutantes. Publiquei a reportagem no *Já*, que estava praticamente quebrado, e um amigo meu, Carlos Matsubara, inscreveu-a no Esso. Saí do jornal e fui trabalhar como gerente num hotel de uma amiga na Praia do Rosa. Aí fiquei sabendo que meu trabalho ficou concorrendo na categoria Regional Sul, junto com três jornais vagabundos: *Zero Hora*, *Diário Catarinense* e *Gazeta do Povo*. Esses três, quando produzem um campeão, é um campeão de araque, porque ganhou dele mesmo. Por isso, todo ano a *Zero Hora* ganha. Na hora da premiação, corriam ao Prêmio Nacional de Reportagem a revista *Época*, a *Folha de São Paulo* e *O Dia*, só que os jurados acharam que a minha, que era lá do Sul, deveria ser a melhor. Por isso, me puxaram lá de baixo e deram o prêmio para mim. Aí os jornais e revistas todos atacaram, dizendo que foi ridícula a maneira como o prêmio foi dado. Moral da história: atravessé o mundo inteiro, fui para o Alasca, para a Argélia, para o Afeganistão, para o Iraque, para os Estados Unidos, para a Europa toda, cruzei a América Latina a pé. Quando desisti, quando fui ser porteiro de hotel e dei uma única matéria, ganhei o Prêmio Esso. E a história tinha acontecido a um quarteirão da casa da minha mãe. O guri que se

via uma crônica sobre o dia de alguém comum. Acabou ganhando o Prêmio Pulitzer com essas histórias sobre a rotina de pessoas escolhidas ao acaso no catálogo telefônico. Isso é para ver como qualquer um rende uma reportagem. Sempre vai ter alguma coisa na qual os leitores vão se reconhecer. Até a história de um homem que, à primeira vista, não vale absolutamente nada vale a pena.

Z- Com o dinheiro do Prêmio Esso, você foi para Paris investigar uma injustiça cometida contra um brasileiro. Fez isso porque acredita no poder de denúncia e na responsabilidade social do jornalismo? Que fim levou esse caso?

RA- Mais uma vez, a famosa ambição. Conheci o cara nos Estados Unidos, vi que era uma sacanagem o que fizeram com ele — não era o bandido que diziam — e comecei a acompanhar os desdobramentos disso. Mas os jornalistas e editores diziam: 'Ah, esquece, essa história é velha!'. O resumo da ópera é que continuei seis anos atrás dela. Tudo nomeçou quando um bandido de uma favela carioca denunciou esse cara, acusando-o de traficante. Investigaram a vida dele e não encontraram nenhuma prova, mas continuou como suspeito nos arquivos da polícia. Anos depois, decidiram prender todos os traficantes e lá estava ele na lista. Outra vez não acharam nada. E aí a coisa foi crescendo. Mudou a polícia no Rio de Janeiro por causa de corrupção e entrou um novo chefe, que mandou prendê-lo pela terceira vez. Agora o caso já estava na Polícia Federal. O delegado cismou que o cara era traficante e levou para o lado pessoal. Ele era rico, tinha uma nevada de BMW e, por causa de um prêmio de melhor vendedor, a empresa nos Estados Unidos o chamou. Quando foi apresentar o passaporte, a PF o taxou de traficante e mandou prendê-lo assim que desembarcasse em território americano. A coisa foi subindo, subindo. Mais tarde ele voltou para o Brasil. Quando chegou aqui, a PF o prendeu porque tinha sido detido nos EUA. Foi um círculo sem sentido: uma denúncia fria levou a uma prisão fria e o cara continua envolvido nisso, de-

pois de mais de 15 anos. Não consegue se desenrolar; é processo, advogados. Em Paris, ele foi acusado, processado e condenado a 20 anos de cadeia. Aí a situação piorou: de traficante no Rio virou traficante preso na capital francesa. Foi deportado e começou a processar todo mundo, para ganhar indenização. Para você ver: se o cara fosse um traficante, ficava quieto. Passei uns dias com ele, acompanhando a rotina, e percebi que ele levava uma vida normal. Aí achei que essa história tinha que ser contada. Liguei para os meus amigos d' *O Globo*, do *Fantástico*, mas passei por assessor de imprensa dele. Diziam: "O Renan está ganhando algum dinheiro desse cara!", porque isso acontece muito, de jornalista se envolver com bandido e querer se beneficiar. Aí reconheci que ninguém ia acreditar em mim já que nem no cara acreditavam. Ainda ia acabar sujando meu nome, porque todo mundo do jornalismo já tinha uma idêntia embutida na cabeça. Em Paris, depois de ganhar o Prêmio Esso, consegui chegar ao chefe da polícia antidrogas da França, que me contou: "Recebemos uma carta da polícia brasileira dizendo que ele era bandido. Foi a palavra do acusado contra a da polícia. Agora sabemos que a PF estava mentindo". É uma coisa patética. Publiquei a matéria no meu jornal [*Já Porto Alegre*], mas os coleguinhas do *Jornal do Brasil* e d' *O Globo* não quiseram contá-la, porque já tinham rotulado o cara de bandido. Os jurados do Prêmio Esso nem deram bola para a história. E é uma saga única no Brasil, de um sujeito que foi processado em quatro países, condenado e absolvido em todos os lugares, menos aqui. Hoje continua enrolado na Justiça, que move um processo contra ele. Fiz a reportagem e morri sozinho, claro, porque é um grito na multidão. Continuo achando que ele é inocente. Se estiver errado, estou desmoralizado.

Z- Você acredita na objetividade e na imparcialidade do jornalismo? Como é escrever uma reportagem de suicídio sem se comover nem se envolver emocionalmente?

RA- Essas palavras, objetividade e imparcialidade, não existem no jornalismo. Estou há 30 anos no ramo, leio todos os dias e não existe isso. Você pode tentar ser o mais objetivo possível, no sentido de dizer: "Estava numa mesa, que tinha café, queijo, manteiga e gravador". Ah, foi muito objetivo. Mas não era isso que eu estava fazendo aqui. Estava dando uma entrevista numa padaria. E essa entrevista poderia ser para fortalecer o meu ego, porque eu não tinha nada para fazer ou porque eu queria vir para Flórida, visitar meus filhos, passar o dia. Subjetivo, objetivo, tudo isso é conversa mole. Em jornalismo, isso não existe, porque são as idiosincrasias da besta quadrada aqui que vai escrever. Eu carrego junto, quando escrevo, toda a minha formação, todas as coisas que vi, vivi. O jornalista é tudo, em movime.to.

Z- Muitas pessoas indignaram-se com a reportagem por achá-la sensacionalismo com a vida privada. Qual o interesse público dela e o que o levou a fazê-la?

RA- O extraordinário. Quantas pessoas você conhece que tatuaram o corpo todo, dividiram a língua ao meio e implantaram chifres de silicone na cabeça? Só uma. E é para isso que servem os repórteres, porque as pessoas querem saber o que acontece com as outras. Tentei imitar um jornalista americano que trabalhava num jornal vagabundo e abria a lista telefônica para ligar para quem achasse e perguntar: "Como foi seu dia hoje?". Depois, escre-



"No fundo, os repórteres estão com o patrão. É fácil bater em cachorro morto"

Z- Você já trabalhou em grandes veículos, como *Veja*, *IstoÉ*, *Estadão*, enfim. Como é fazer jornalismo em um veículo menor, mensal e em Porto Alegre, fora do eixo Rio-São Paulo.

RA- O *Já* é tudo isso, mas com ele fui a Joinville fazer uma matéria sobre a Cipla, um caso único no planeta, que tentei vender para um jornal francês e não consegui. A Cipla está há quase 13 anos invadida por mil trabalhadores que estão lá dentro entrincheirados e até já lutaram com a polícia. A matéria não sai em lugar nenhum. A Cipla é dos donos da Tigre, que, quando estava devendo 1 bilhão de dólares de impostos e salários, transferiu a empresa para a filha e o genro do dono, João Hansen Júnior. Aí a Tigre ficou com a imagem limpa, de empresa sólida, honesta e honrada, que não deve nada para ninguém. Os funcionários ocuparam a fábrica, a Justiça veio e mandou a polícia.

Eles lutaram e resistiram. Vocês viram isso na Globo, no *Fantástico*, na televisão? Não, porque é um grupo de esquerdistas que tomou a fábrica, e as empresas de comunicação não gostam desse exemplo, é melhor nem falar nisso em Joinville. E os trabalhadores estão lá até hoje, cercados lá dentro. As pessoas não sabem porque não têm onde ler — não vão ler n' *A Notícia* nem no *Diário Catarinense*. De vez em quando, aparece uma nota "bem objetiva": "Operários resistem a ordem de desintegração". Como nem o governador nem o Lula querem mandar bater, deixam as coisas como estão. E os caras vão se desmilitando lá dentro. É uma história para ser universalizada. Pelo *Já*, também fui para a Indonésia fazer uma matéria com dois brasileiros presos por tráfico de drogas. Vendi para a *IstoÉ*. Assim vai. Então, de Porto Alegre você pode fazer tudo. De

qualquer lugar, hoje em dia, com um *laptop*, um cartãozinho [de crédito] e uma câmera digital, jornalista faz qualquer matéria. Não tem isso de morar em Porto Alegre. É uma babaquice fazer um *Jornal Nacional* de São Miguel d'Oeste. O Pedro Bial lê as notícias do dia. É a mesma coisa que colocar uma tapadeira no fundo: não importa de onde você apresenta o jornal. Mandaram os caras de ônibus até lá para mostrar que estão indo ver o que o povo quer. Manda um repórter com uma câmera e ele conta a mesma história e veicula no mesmo jornal. Não tem por que mandar um ônibus. A não ser por razões de *marketing*. Se um ônibus vai e no fundo tem uma igreja, ou se a gravação é dentro de um estúdio no Rio, é a mesma coisa, as notícias não mudam. Tanto faz de onde eles estão falando.

Z- Tem espaço hoje para o jornalismo que você faz, diferente do padrão americano, das grandes publicações e dessa visão mercadológica do negócio?

RA- O mundo é grande, tem lugar para todo mundo, sempre tem quem queira ler. O mercado é dominado pelos grandes, mas sempre tem gente querendo informação, querendo saber. Conte a história que o povo vai querer ouvir.

"Quando desisti de tudo e fui ser porteiro de hotel, deixei uma única matéria e ganhei o prêmio Esso"

Z- É difícil ser criativo e diferente no jornalismo?

RA- É difícil ser diferente em qualquer circunstância. É sempre difícil oferecer coisas diferentes, porque os caras não reconhecem e as pessoas demoram a assimilar. Mas tem quem busque. Há uma nova revista de reportagens saindo no País chamada *Piauí*, que propõe desvendar "o Brasil que você não conhece". São reportagens originais, novas, mas dirigidas à classe média ilustrada, um extratozinho lá em cima que tem dinheiro para comprar e consumir os anúncios de lanchas, automóveis. É para esse público, e ele já não precisa saber de nada, porque tem informação e os privilégios na mão. A comunicação é um instrumento poderoso, mas todas as revistas parecem a *Caras*, falam de amenidades, cabelo, botox, saúde e comportamento. É a "tabloidização" do jornalismo.

Z- Por que é tão complicado ter independência e autonomia no jornalismo?

RA- O jornalista tem duas opções: cospe ou engole. Na RBS, por exemplo, não se pratica a independência, porque, quando sai um pouco fora do padrão, toca nos interesses da empresa. A RBS é um balcão de negócios; o repórter é obrigado a agradar ao patrão. Nos grandes jornais, há o Clóvis Rossi [da *Folha de São Paulo*], que é independente até. Existe também o espaço do *ombudsman*, da crítica, mas é pequeno. Eles podem dizer tudo: tudo o que o patrão quer.

Z- Você nunca concluiu a graduação. Qual a sua opinião sobre o projeto de lei, vetado pelo presidente Lula, que queria aumentar de 11 para 23 os cargos exercidos por jornalistas formados?

RA- Sou a favor, pois contempla os aspectos de reserva de mercado. Mas o presidente deu razão para os patrões desmoralizarem a categoria. Lula abriu a porta e as pernas para o patronato. Nunca me formei, mas tenho registro profissional. Na época em que fui diretor da Fenaj, cheguei a elaborar uma proposta de obrigatoriedade do diploma. Apesar de se aprender pouquíssimo do jornalismo na universidade, o fundamental é que o sujeito passe por ela. O mundo inteiro consagrou o estudo; quanto mais, melhor: se possível, PhD. Para ensinar e melhorar a profissão, tem que haver um curso. Porém, o jornalismo só começa na faculdade, pois é na prática que se aprende.

Z- Quando você decidiu ser jornalista? O que te impulsionou?

RA- Comecei a trabalhar por curiosidade, para saber mais que os outros. Observava amigos como o Caco Barcellos e o Alexandre Garcia. Estudava Direito, mas larguei, pois o campo de luta, de combate, era mais nos jornais alternativos do que no Direito.

Z- Algo te desilude na profissão?

RA- Somos cópia do modelo americano. *O segredo da pirâmide* [de Adolfo Genro Filho] é farelo de milho com fubá, ração básica, não tem segredo nenhum. Livros bons, como os da jornalista italiana Oriana Fallaci [1929-2006], não chegam aqui. Os estudantes de jornalismo estão vegetando no lixo, sendo preparados para trabalhar no Patrola, da RBS. Além disso, no fundo os repórteres estão com o patrão, enchendo o saco, mas gostam de dizer que se preocupam com o social. É fácil bater em cachorro morto. A Globo, por exemplo, não bate em cachorro vivo. No mais, não tenho grandes desilusões nem aspirações na profissão.

Z- Que qualidades um bom repórter deve ter?

RA- Esperteza, inteligência e obstinação — enxergar o norte na frente, saber para onde vai. Também não pode levar nada para o lado pessoal nem ter amigos, família, cachorro. Deve estar sempre pronto para tudo, ser curioso, conhecer as coisas, perceber os detalhes e ter interesses. Considero três virtudes fundamentais: audácia, mais audácia e sempre audácia.

Z- Por que quase ninguém se preocupa em explicar os porquês no texto jornalístico?

RA- *Por que* é uma pergunta-chave no jornalismo. Mas não se questiona diretamente. Quando fiz a matéria do Felipe Klein, não perguntei por que ele se matou? Mentí para a mãe dele contando que também tinha perdido um filho — ele só tinha caído de moto. Canálhices da profissão. Eu dizia uma frase e ela completava. Arranquei a história dela. Se a pessoa não te contar, não adianta perguntar por quê. Nunca vá direto a uma pergunta. A TV faz isso porque não tem tempo.

Z- Você mentiu para obter informações. Isso não é antiético?

RA- Há um limite entre a ética e o possível. Quando dizem que, em nome da ética não se faz tal coisa, é mentira. É como num prostíbulo, tudo vale. E é no texto que você vai ver se o cara é independente, crítico, ético, se toma partido ou assume a posição de minorias. Truman Capote, por exemplo, manipulava as fontes. E era brilhante. Tem um momento de fraqueza das pessoas que o repórter deve aproveitar para entrar em ação. Crio personagens para chegar às fontes. Meu pai já foi bombeiro, policial; minha mãe já foi até da zona.

Z- Você viajou muito à procura de boas reportagens. O que qualifica uma boa reportagem e como identificar uma história com esse potencial?

RA- Faro. Jornalista vê na hora quando uma história vale a pena.

Z- Que jornalistas você admira?

RAO — Sérgio Dávila [correspondente internacional da *Folha de São Paulo*]. Já cobriu variedades, guerra, literatura, cinema. Gosto de caras completos, ousados, rápidos. É o único que ganharia de mim. Tem também o Eduardo Leite, que está no Rio Grande do Sul.

Z- Cite um episódio marcante da sua carreira.

RA- Quando trabalhei no *Diário Catarinense*, fiquei uns 40 ou 50 dias na porta do jornal fazendo greve. Depois fui eleito presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina. Agora, o sindicato fez 50 anos e decidi publicar um livro de memórias. Pediram para eu escrever como foi o meu mandato. Contei como conseguimos dinheiro de caixa dois de um político de Criciúma para financiar alguns projetos. Fui censurado e fiquei de fora.

Entrevista por Luna D'Alama

O premiado ativista da TV Globo

Marcelo Canellas foge de crises diárias e se destaca com reportagens de cunho social

Crítico da mesmice jornalística, o repórter especial da TV Globo Marcelo Pasqualoto Canellas, 40 anos, percorre o Brasil em busca de matérias com perspectiva diferenciada das *hard news*. Suas reportagens de cunho social o consagraram com mais de 20 prêmios e homenagens recebidos no país e no exterior. Pela série "O Brasil que sente fome" (exibida em 2003 no Globo Repórter, na qual retrata a fome no Nordeste brasileiro), ganhou o prêmio Boerma de Jornalismo, oferecido pela Agência da ONU para a Agricultura e Alimentação (FAO). Gaúcho nascido em Passo Fundo, logo cedo foi morar em Santa Maria onde estudou e se formou em Comunicação Social. Trabalha na Rede Globo desde 1990, onde se destaca por fazer o chamado Jornalismo Social. O interesse pelos direitos sociais e humanos é característica não só do repórter, mas sobretudo do cidadão Marcelo Canellas – como mostra a entrevista concedida no dia 4 de agosto de 2006, logo após palestrar na V Semana de Jornalismo, em Florianópolis.

Zero- Muitos jornalistas não conseguem fugir da rotina, dos constrangimentos e da limitada cobertura de *hard news*. Os telejornais têm tempo curtíssimo. Como o jornalismo pode explorar temas mais particulares sobre cidadania?

Marcelo Canellas- Eu acho que o que diferencia a mediocridade da renovação é a aposta em temas novos, na agenda diferenciada. Isso é o que captura o leitor e o telespectador. Essa uniformização de agenda, a mesmice da abordagem, os mesmos temas, sempre da mesma forma, o mesmo tipo de cobertura, os mesmos assuntos, tudo isso acaba cansando as pessoas. Na minha opinião é uma das boas maneiras de afugentar o leitor e o telespectador. Qualidade de jornal e telejornal é o quanto a gente é capaz de fazer o diferente, de olhar o diferente e de fazer um recorte novo da realidade brasileira. Eu acho que isso é um 'ovo de Colombo' para as redações e que elas não conseguem entender.

Z- Você acredita que as reportagens de cunho social vêm ganhando espaço na mídia nacional?

MC- Eu acho que mais do que ontem, mas menos do que hoje seria necessário. A demanda da sociedade brasileira com temas ligados aos direitos sociais e aos direitos humanos é muito maior do que o que tem saído nos jornais e nas televisões. Acho que a gente acaba apostando na cobertura pesada e factual do dia-a-dia, que é realmente avassaladora. O Brasil vive uma crise após a outra, gasta-se horas e horas de telejornais, páginas e páginas de jornal, falando sobre os desdobramentos das comissões de investigação, do 'mensalão', dos 'sanguessugas'. Tudo isso é muito importante, mas há pouca investigação e muita cobertura de desdobramentos e 'diz-que-me-disse'. Nada contra se se tratar esse assunto com profundidade, mas então vamos tratar como deve ser tratado, com investigação, com aposta em novas descobertas. Os jornais acabam vivendo o dia-a-dia daquela cobertura factual e dessa crise toda e deixando de apostar na reportagem.

Z- O que o levou a se interessar pelo jornalismo ligado às causas sociais?

MC- Eu não consigo me separar muito de como eu sou como pessoa e de como eu sou como jornalista. Sempre me interessei por esses temas, fui muito ligado ao movimento estudantil desde muito cedo... me incomodava com as coisas. Fui presidente do grêmio da minha escola, presidente do centro acadêmico da Faculdade de Comunicação Social de Santa Maria, diretor do DCE, integrante da Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social, representante dos estudantes de uma comissão que existia na época – a Comissão Nacional pela Melhoria do Ensino de Jornalismo. Sempre que podia estava presente em discussões ligadas ao nosso ofício ou ligadas à universidade e acho que isso me ajudou a me formar não só como pessoa mas como

jornalista. Se o jornalista é um sujeito curioso, quieto, crítico, livre-pensante, insubmisso, é natural que esta experiência tenha me ajudado a ser jornalista.

Z- É importante transmitir emoções, sentimentos e outros aspectos subjetivos no jornalismo?

MC- A emoção faz parte da vida. E se o jornalismo trata das contradições da vida, vai tratar também das emoções. Elas ajudam muitas vezes a aclarar a realidade. A única coisa que eu acho é que você não pode forjar uma emoção inexistente, criar uma situação artificial no sentido de fazer aflorar uma emoção que não é genuína. Isso é fazer um mal jornalismo, é fazer sensacionalismo, é explorar o sofrimento alheio, é banalizar o sofrimento das pessoas. A emoção é legítima quando é natural, quando é uma expressão do sentimento daquela pessoa que resolveu mostrar a vida dela pra você.

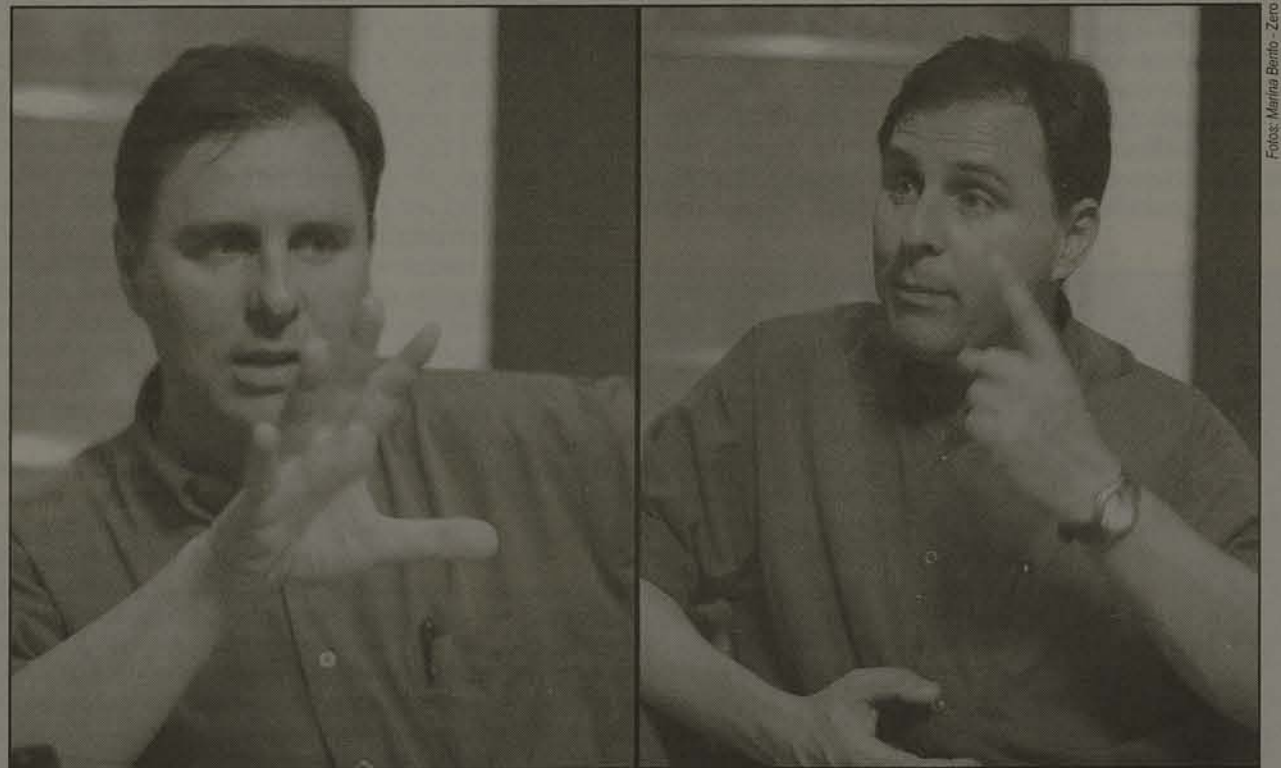
Z- O papel social do jornalista, então, exige que ele abandone o princípio da objetividade?

MC- De maneira nenhuma. A objetividade é a grande ferramenta que nós temos no jornalismo. Eu não preciso abdicar da emoção para ser objetivo. Se eu conseguir juntar as causas e conseqüências de um fato, estabelecer as conexões desse fato com outros fatos, explicar, contextualizar e juntar os fragmentos, eu vou conseguir apreender a emoção que está contida ali também, além de todo o resto. E eu posso

por aquela experiência que estava vivenciando. Mas isso não significa que eu não tenha que contar a história como ela tinha que ser contada, usando todas as ferramentas do jornalismo, inclusive a objetividade, para fazer o relato. Agora, é natural que eu estou lidando com uma pessoa que está na minha frente, e eu sou outra pessoa. Aliás, quando eu me aproximo das pessoas para fazer uma entrevista, eu me coloco como um interlocutor, não como um inquisidor, e a pessoa passa a me enxergar como alguém que está ouvindo o que ela tem a dizer. Muitas vezes a única pessoa. Eu muitas vezes sou a única pessoa que apareceu na vida inteira daquela pessoa para ouvir o que ela tem a dizer. E ela reconhece aquilo, se estabelece uma relação de confiança e ela passa a contar para mim o que está se passando com ela.

Z- Desde 1998 você queria fazer reportagens sobre a fome no Brasil. Por que a rede Globo permitiu apenas em 2001?

MC- Foram vários os argumentos. O primeiro apresentado foi o de que era um assunto superado do ponto de vista jornalístico porque já tinha sido suficientemente abordado pelos nossos telejornais, pela grande imprensa. Ninguém falava mais do assunto, nem mesmo os grandes jornais impressos falavam. É verdade, há que se ter claro o contexto da época, o Betinho tinha morrido e essa discussão realmente esta-



Tática: "Quando me aproximo das pessoas para fazer uma entrevista, me coloco como um interlocutor, e não como inquisidor"

fazer isso com objetividade. Eu não acredito é em conceitos que estão no campo da moral, como imparcialidade e neutralidade. Eu acredito em conceitos que estão no campo da ação, como diz Perseu Abramo. A objetividade é um conceito que está no campo da ação, nesse conceito eu acredito. E acho que é a grande ferramenta da gente.

Z- Qual é o limite entre o jornalista e o cidadão? Até que ponto o repórter deve participar como agente passivo ou ativo de uma reportagem?

MC- Eu não acredito na assepsia emocional do repórter diante do fato. Eu me envolvo emocionalmente com as histórias que eu procuro contar. Não significa que eu tenha que intervir na narrativa dessa história. Ninguém precisa me ver chorando na frente da câmera. A minha emoção não tem a menor importância. O importante é a emoção da pessoa que está sendo mostrada na história.

Z- Na série "O Brasil que sente fome", após entrevistar famílias miseráveis e se emocionar com a situação delas, como o você agia? Como esquecer a emoção e voltar ao trabalho?

MC- Eu não esquecia da emoção, de maneira nenhuma. Eu estava profundamente tomado por aquele sentimento e

va em refluxo na sociedade brasileira. Até mesmo os intelectuais que escreviam para jornais não tocavam muito no assunto. Aquele argumento podia fazer algum sentido naquele momento, mas não pra mim, porque eu não acredito que em momento algum a fome não seja um fato jornalístico relevante, que deva ser abordado com profundidade. Então foi por isso que eu insisti e provavelmente me municeiei melhor – e provavelmente foi por isso que eu consegui convencer, quatro anos depois, a me autorizarem a fazer a série.

Z- Num país com tantos miseráveis, por que você acha que não há tantas reportagens relacionadas à fome?

MC- Porque a imprensa não é melhor nem pior do que a sociedade brasileira, ela reflete o atual estágio da democracia no Brasil. Nós conquistamos a democracia representativa, votamos em todos os níveis para todos os cargos efetivos, mas não temos teto pra todo mundo, não temos emprego pra todo mundo, não temos oportunidades iguais pra todo mundo, não temos escola pra todo mundo. Portanto temos uma democracia incompleta, parcial, e isso é refletido na imprensa. A imprensa oferece aquilo que a idéia hegemônica de sociedade quer ler, ouvir, ver.

Z- Programas sociais do governo como o Fome Zero são eficazes para garantir a alimentação dos brasileiros?

MC- Esses programas deveriam ser emergenciais. E emer-

Fotos: Marina Bento-Zero

gência é algo que deve durar algum tempo apenas pra depois se buscar uma solução definitiva. O que acontece com esses programas é que eles viraram programas definitivos, sem perspectiva de se acabar com o paliativo para chegar à solução. Existe uma emergência que é preciso ser atacada imediatamente, mas o que se tem feito é perpetuar essa situação de emergência. Em vez de resolver o problema, de apostar na dignidade delas, oferecendo emprego pra que elas possam se autogerir, cria-se uma eterna relação assistencial de dependência com as pessoas.

Z- A maioria dos programas da televisão brasileira aberta é de entretenimento. Novelas, programas humorísticos, de auditório e partidas de futebol ocupam a maior parte do tempo das emissoras. Como fazer da televisão um meio de comunicação cívico e educativo?

MC- É uma discussão que a sociedade toda precisa travar e precisa entrar nela. Enquanto a gente tiver meia dúzia de pessoas discutindo isso, jamais a gente vai ter essa televisão. Eu acho que o fortalecimento de televisões públicas seria algo desejado. Não estou falando de TV estatal, estou falando de TV pública mesmo, no sentido de aumentar a pluralidade de vozes. Acho que só assim a gente chega a isso.

Z- A grande maioria da população brasileira se informa através da televisão. A rede Globo, principal emissora do país, não deveria investir mais em reportagens sociais?

MC- Eu acho que a TV Globo cumpre o seu papel de informar dentro de suas limitações. Não só a TV Globo, mas todas as outras empresas – e eu estou falando de todas as outras emissoras, como todos os outros jornais, enfim as empresas de comunicação em geral – não atendem a demanda social da sociedade brasileira. Isso não é uma responsabilidade só da TV Globo, é uma responsabilidade de todo mundo. E a TV Globo não é uma empresa filantrópica, ela está no mercado, competindo. Eu acho que seria saudável para a democracia

sempre esteve.

Z- Por que você optou por trabalhar na televisão?

MC- Eu não optei, foi a televisão que optou por mim. O único emprego que tinha na minha cidade era repórter de televisão. Aí eu acabei entrando na RBS lá, em Santa Maria, porque era a única vaga que havia na cidade. Eu nunca imaginei que fosse fazer televisão. Fiz quatro anos de faculdade achando que ia trabalhar em jornal. Mas a vida se encarrega de mudar os planos da gente e aí eu acabei me apaixonando naturalmente pela televisão.

Z- Como repórter especial da Rede Globo, você tem uma rotina?

MC- Rotina é uma coisa que eu não tenho, porque dependo muito do que eu estou fazendo. A gente viaja muito e passa muito tempo fora de casa. Boa parte dos programas é editada no Rio de Janeiro, eu moro em Brasília, então, mesmo durante a fase de edição, viajo ao Rio de Janeiro. Mas pra quem gosta de pó, estrada e lama como eu e, gente principalmente, é uma vida boa.

Z- Você mesmo escolhe suas pautas?

MC- Às vezes eu proponho pautas que são aceitas pela direção, outras vezes a direção me escala para temas que eles acham que eu tenho o perfil adequado.

Z- Como você define o papel do jornalista perante a sociedade?

MC- Eu acho que o jornalista não deve ter a arrogância de subestimar o seu papel e achar que vai mudar a sociedade, que vai mudar o mundo. O que muda o mundo é a ação política da sociedade organizada. O jornalista pode mostrar o que deve ser mudado. E aí eu lembro aquela metáfora do Érico Veríssimo [1905-1975]. Quando ele estava no interi-

“Não acredito na assepsia emocional do repórter. Me envolvo com o que conto”

des para todos os candidatos.

Z- Como você avalia a cobertura dos jornais impressos e revistas sobre os recentes escândalos de corrupção no Brasil?

MC- Eu acho que se fica remoendo os mesmos assuntos, um atrás do outro, sem uma investigação diferenciada. Os jornais acabam todos cobrindo o factual e deixando a investigação um pouco de lado.

Z- Você acha que a mídia impressa faz um linchamento moral no governo?

MC- Eu não faço essa avaliação, acho que o governo é pra ser realmente fiscalizado de perto e acho que é papel da imprensa fazer isso. E esse governo tem falhado em muitos aspectos e acho que é papel da imprensa mostrar esses casos.

Z- Como você vê a abordagem dos canais de televisão no Brasil sobre os escândalos?

MC- Acho que as emissoras procuram, também, acompanhar o dia-a-dia dos acontecimentos no Congresso. Mas também acho que estão com a mesma característica dos jornais, de não ir atrás de fatos novos.

Z- Além de comover o público no horário nobre, qual o impacto causado pelas reportagens especiais sobre os problemas sociais do Brasil?

MC- A consequência mais importante para mim destas reportagens não é propriamente a emoção, mas o desdobramento desta emoção. Existem dois tipos de consequência: aquela reação mais imediata da sociedade, aquele afã de querer ajudar as pessoas, de encher um caminhão de comida e mandar esse caminhão de comida para as regiões atingidas pela miséria. Essa primeira reação é passageira, paliativa. Há uma outra reação, que do meu ponto de vista é muito mais consequente, muito mais importante. É quando a reportagem serve como ponto de partida de uma reflexão de setores organizados da sociedade que estão atuando naquelas comunidades. E isso não aconteceu nem uma nem duas vezes na minha carreira. O tempo todo acontece e isso me gratifica muito.

Z- Num território vastíssimo como o do Brasil, com inúmeras dificuldades para se fazer jornalismo, é possível fazer um telejornal realmente nacional em 35 minutos?

MC- É o que tentamos fazer há 35 anos. Claro, a limitação do tempo é da natureza da televisão. Isso é algo com que a gente vai ter de lidar sempre. Agora é possível utilizar bem esses 35 minutos. Acho que dá pra mostrar a cara do Brasil. Pra meu gosto, poderíamos apostar mais em reportagens ligadas aos direitos sociais e aos direitos humanos, mas aí eu vendo o meu peixe.

Z- O que ainda precisa ser feito no jornalismo televisivo para que ele possa melhorar a vida dos brasileiros?

MC- A linguagem da televisão é uma linguagem em construção, que não está pronta. Está sendo feita por nós, que estamos no dia-a-dia da profissão. E é uma linguagem que tem a característica terrível de envelhecer. A televisão é uma fábrica de clichês, a gente está o tempo todo produzindo clichês, porque o que hoje é uma novidade, uma 'sacação', amanhã vai ser copiado até virar um pastiche. E o nosso desafio é sempre buscar o novo, a novidade, o viés diferente dentro do universo vocabular do nosso público. Então, é um desafio constante o de construir permanentemente a linguagem da TV.

Z- Você já recebeu diversos prêmios jornalísticos no Brasil e no exterior em reconhecimento ao caráter social de suas reportagens. Ao recebê-los, a sensação é de “dever cumprido”?

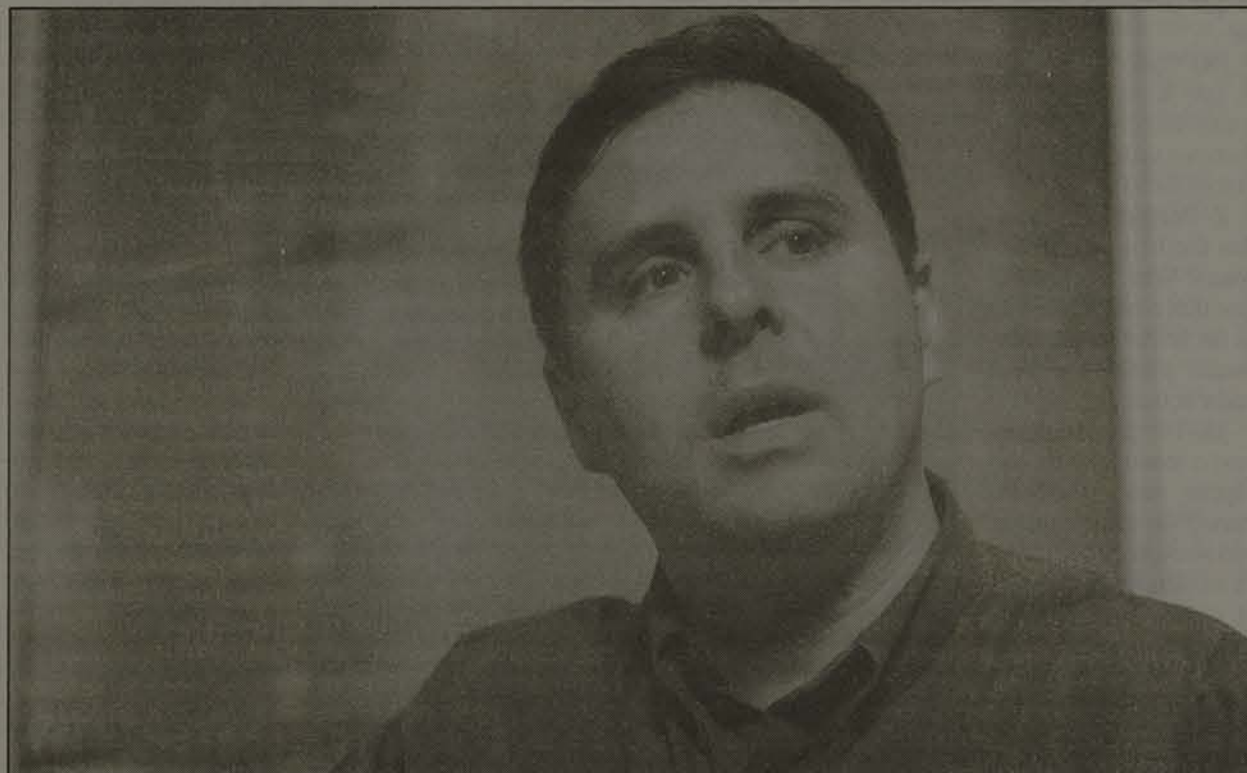
MC- Não. Acho que os prêmios ajudam a dar uma visibilidade maior aos temas que a gente trata, mas você nunca vai se sentir com o dever cumprido enquanto aquela situação que você retrata continuar persistindo. Então, o dever ainda não está cumprido.

Z- Cite alguns jornalistas que você considera exemplares no Brasil e no exterior.

MC- Esses todos que vieram aqui em Florianópolis [para a V Semana de Jornalismo] são exemplares. Clóvis Rossi, Juca Kfour, Ricardo Kotscho... Dentro da TV Globo têm muitos. Para mim, uma referência ética na profissão é o Caco Barcellos. Poderia citar outros: Sônia Bridi [formada na UFSC], Ernesto Paglia, Carlos Dornelles...

Z- O presidente Lula fez bem em vetar a ampliação de funções exclusivas dos jornalistas?

MC- Não. Eu sou a favor da ampliação da regulamentação da profissão.



A realidade: "A imprensa não é melhor nem pior do que a sociedade brasileira, ela reflete o atual estágio da democracia no país"

se as TVs públicas se fortalecessem no sentido de poder entrar nessa competição.

Z- O ônibus da rede Globo que percorre o Brasil para conhecer os desejos dos eleitores é uma boa iniciativa de jornalismo cidadão?

MC- Eu acho que é uma boa iniciativa. Acho que a idéia de percorrer o Brasil tentando fazer um retrato e recortes dos lugares por onde o ônibus passa é uma idéia boa.

Z- Um dos países mais desiguais do mundo, o Brasil falha com os próprios cidadãos pela incapacidade de restaurar os princípios democráticos. Como diminuir as diferenças sociais e fazer com que todos tenham acesso ao desenvolvimento?

MC- Primeiro, precisa fazer a reforma agrária no Brasil, rápida e massiva. E isso é uma decisão política. A reforma agrária, de começo, modificaria as relações fundiárias, fortaleceria o abastecimento interno, geraria economia de cidades do interior e seria um mecanismo absolutamente eficaz de distribuição de renda. Então, a coisa mais urgente é fazer reforma agrária no Brasil. Há 1% dos proprietários com 50% das terras agricultáveis, isso é absolutamente injusto. Depois acho que é uma política econômica fundada em bases nacionais, com o fortalecimento do mercado interno, geração de emprego e renda. Isso é que muda a pirâmide social brasileira, porque do jeito que está a gente consegue uma melhora aqui e outra ali, mas a base da pirâmide continua larga como

or do Rio Grande do Sul, em Cruz Alta, tinha nove anos de idade, na farmácia do pai dele, entrou um médico com um homem muito ferido. O homem foi colocado na bancada da farmácia, o pai e o médico da cidade operaram aquele homem e o Érico Veríssimo segurou a lâmpada durante horas para que a cirurgia se efetivasse. E o Érico Veríssimo fala em sua autobiografia *Solo de clarineta* que o papel da literatura é esse, acender uma luz. Eu acho que isso serve pra gente. Talvez não seja mudar o mundo, botar fogo no mundo, mas acender uma vela, acender uma lâmpada para que as pessoas enxerguem em volta e vejam o que está se passando com elas.

Z- Você já participou de alguma cobertura de eleição? O que você achou dela?

MC- Cobri muitas. Na última eleição presidencial acompanhei o Lula na reta final do primeiro turno e na reta final do segundo turno, fazendo reportagens para o Jornal Nacional. Da parte da TV Globo foi uma cobertura correta. A emissora procurou mostrar todas as candidaturas com equilíbrio. Ao contrário de coberturas passadas. A história pregressa da TV Globo mostra alguns equívocos, que inclusive são reconhecidos pela própria empresa.

Z- Quais instruções da Globo vocês recebem para cobrir as eleições?

MC- As instruções são as de sempre: paridade, ouvir todo mundo, o mesmo tempo pra todos, as mesmas oportunida-

Entrevista por Stenio Andrade

A pedra no sapato do cartola

Para Kfourri, imprensa brasileira mantém relação promíscua com Ricardo Teixeira

Destemido seria o melhor adjetivo para definir Juca Kfourri. Em 36 anos de carreira, ele sempre se destacou por fazer denúncias envolvendo todas as esferas do futebol brasileiro – dos negócios escusos da cartolagem à máfia da loteria esportiva. Reflexo dessa postura denunciante, foi acionado em mais de 80 processos na Justiça – poder que ele acusa estar envolvido com a CBF, favorecendo a entidade em inúmeros julgamentos.

Formado em Ciências Sociais pela USP, Juca iniciou a carreira e fez fama em revistas da Editora Abril. Foi editor-chefe da *Placar* e da *Playboy*. Com a equipe da *Placar*, ganhou o Prêmio Esso na categoria Informação Esportiva, em 1991. Nas livrarias, tem três livros publicados, dois deles sobre seu clube do coração – *A emoção Corinthians* e *Corinthians, paixão e glória* – e um sobre memórias do futebol – *Meninos eu vi*. Atualmente, é colunista do diário *Folha de São Paulo*, apresentador do CBN esporte clube, na rádio CBN, e comentarista do Linha de Passe, na ESPN Brasil. Em entrevista ao *Zero*, acusa a Rede Globo de manter relação promíscua com a CBF, critica a impunidade aos cartolas, a íntima relação do futebol com o poder político e enfatiza que o futebol se transformou em um grande negócio.

Zero- Antes da Copa, você tinha uma teoria de que a FIFA faria de tudo para que a seleção brasileira não fosse hexacampeã. Você ainda acredita que houve uma conspiração contra o Brasil?

Juca Kfourri- Deixa eu deixar isso o mais claro possível. Eu não tinha teoria nenhuma, até porque quem tem teoria ou é gênio, e eu não sou, ou é maluco. Eu não sou adepto de teorias conspiratórias. O que eu disse, escrevi e mantenho é que tudo o que eu sei do mundo do futebol. Houve até um determinado momento da minha vida profissional que as pessoas diziam 'mas esse cara também, tudo que ele vê tá errado, tudo tem corrupção, tem não sei o quê. Ele tem é problemas pessoais com o Teixeira, com o Farah, com o Havelange'. Aí vieram as CPIs, que deixaram muito claro que aquilo que eu dizia era muito menos do que existia. Então, pelo que eu sei do mundo do futebol, pelo que eu ouvi de gente próxima à cúpula da FIFA era que, para o Brasil ganhar essa Copa, teria que jogar um futebol de outro planeta para ganhar do adversário e de arbitragens que, ao contrário do que sempre aconteceu com a seleção brasileira, em dúvida, apitariam contra o Brasil. E o raciocínio é muito claro para o interesse do negócio do futebol. Claro que eu estou fazendo inferências à possibilidade do Brasil ser heptacampeão na África do Sul, porque é um país sem tradição no futebol, e em uma eventual Copa no Brasil, alguém acredita que o Brasil vai perder uma segunda copa aqui dentro? Ninguém. Então para mim isso era muito claro. Agora não é só para mim. Se você conversasse com as grandes estrelas da seleção brasileira em *off* eles te diriam 'aquí não vai dar'. Eles não diziam isso em público. Não podiam dizer em público. Agora quando vem para você e diz como disse o Parreira 'ah, é muito difícil ganhar uma Copa na Europa', eu pergunto: mas por que que é difícil ganhar uma Copa na Europa? Os gramados são diferentes? O comportamento da torcida é diferente? Onde jogam a maior parte dos jogadores da seleção brasileira? Na Europa. Qual é a dificuldade?

Z- E você chegou a perceber indícios de que o Brasil seria realmente prejudicado?

JK- Não, não. Eu diria que a seleção ajudou a qualquer tentativa de impedir que o Brasil ganhasse. Agora, contra a teoria da conspiração tem um argumento que é imbatível. As três maiores potências do futebol mundial em termos de Copa do Mundo, Brasil, Itália e Alemanha, foram nos três últimos anos palcos de escândalos da arbitragem por manipulação. A Alemanha em 2004, o Brasil em 2005 e a Itália em 2006. Por coincidência. É até interessante. Por coinci-

dência, eu estou lendo uma porcaria de um livro, que é um depoimento de um maluco-beleza honesto lá de São Paulo, que nunca foi grande árbitro, chamado Giori Zamperetti. Diz ele: 'A verdade consistia em que na divisão principal de São Paulo, se houvesse dez jogos, os dez cardeais seriam escalados e conseqüentemente eles puxavam para os seus auxiliares aqueles que tinham maior afinidade com o grupo em todos os sentidos. A saber, nas partidas que houvessem lances duvidosos favorecendo aqueles que deveriam ser favorecidos conforme hierarquia política e financeira de cada uma das equipes litigante'. Ele escreve mal pra burro. E como é que isso se dá? Não é necessariamente como se eu dissesse 'Vem cá. 200 mil dólares pra você roubar pra mim'. Entendeu? Isso se dá das mais diversas maneiras. Às vezes se dá com o simples fato de eu te escalar. Você não está esperando aquilo, aí eu chego pra você e falo 'meu, você vai apitar Vasco e Cruzeiro decidindo o campeonato mundial'. Eu? Eu achei que ia ser o Simon, achei que ia ser o Cléber. Por que eu? 'E você sabe que eu sou Cruzeiro, porque afinal a família Teixeira tem as suas ligações lá no Cruzeiro. Espero que você não me decepcione'. Aí vai para o Mineirão apitar o jogo final. Caiu na área do Vasco, você dá pênalti.

Z- Mas chega ao ponto de ser como na Itália agora que os clubes foram rebaixados. É tão grave quanto lá?

JK- Claro. Mais grave do que lá por uma razão muito simples. Aqui não acontece nada quando pegam os caras.

Z- Porque lá as famílias também são poderosas. Tem os cartolas que têm aqui. E por que lá na Itália os cartolas foram punidos e aqui nada acontece?

JK- Porque nós não temos o monopólio da corrupção, mas nós temos o monopólio da impunidade. Não se esqueça que na Itália a corrupção é tão grande quanto aqui. Precisou haver a Operação Mãos Limpas. Mas o primeiro-ministro morreu exilado no Marrocos porque se entrase na Itália seria preso [Bettino Craxi, do Partido Socialista, foi o primeiro premiê socialista da Itália, de 1983 a 87. Acusado de corrupção, fugiu do país em 94]. Um cara tido como um exemplo. Entendeu? Agora, as coisas se dão assim, infelizmente, porque o mundo é assim e não precisa ser necessariamente na grana. Então eu sempre me lembro de um depoimento famoso do senhor Ricardo Teixeira depois do jogo em uma festa lá em Los Angeles afirmando que não se ganha uma Copa do Mundo só dentro de campo. Brasil e Holanda em Dallas em 1994. Sabe de onde era o árbitro que apitou esse jogo?

Z- Da Jamaica?

JK- Acho que foi um da Costa Rica [Rodrigo Badilla]. O jamaicano [Peter Prendergast] foi o que apitou Brasil e Bélgica em 2002 e que anulou aquele gol do Wilmots. Outro dia no Bola da Vez lá na ESPN perguntei pro Felipão sobre aquele gol do Wilmots. 'Eu não sei, tchê! Até hoje ninguém sabe! Nem ele, nem o juiz, mas todo mundo reclama. Foi bom pra nós'. Pode um juiz da Costa Rica apitar o que era apontada como a final antecipada da Copa do Mundo de 94, Brasil versus Holanda? Depois que a Argentina caiu fora

tudo mundo disse 'ué, ou dá Brasil ou dá Holanda'. Por que um árbitro da Costa Rica? O presidente do comitê de arbitragem era Ricardo Teixeira. Copa na América? Copa na América é Nike. A Copa na Europa é Adidas, é Puma. Olha a história.

Z- O tratamento diferente com a seleção em 94 foi o fator continente? Por que a seleção foi favorecida lá?

JK- Eu poderia te devolver a pergunta. Por que você não tem Copas do Mundo contra o Brasil situações que você fala 'pô, enfiaram a mão no Brasil'? Por que na dúvida é sempre pró-Brasil? Por que nunca é contra?

Z- E em 2006 não seria?

JK- Mas 2006 foi na Europa. Por que não ganha na Europa? O que aconteceu na Europa já? Aconteceu o fabuloso caso do Ronaldo Fenômeno em 1998 na final. Na final! Aquilo que eu digo, se o Brasil passasse pela França [na Copa de 2006], era o máximo que o Brasil chegava. Na semifinal alguma coisa aconteceria.

Z- Mas no jogo contra a França você chegou a ver alguma irregularidade da arbitragem contra o Brasil?

JK- Não, ao contrário. A favor. Por que também interessava que o Brasil passasse para a próxima fase. O Brasil não pode cair fora tão cedo. Isso aí é muito sofisticado. Agora, pensem o seguinte. Tem um bando de marmanjos

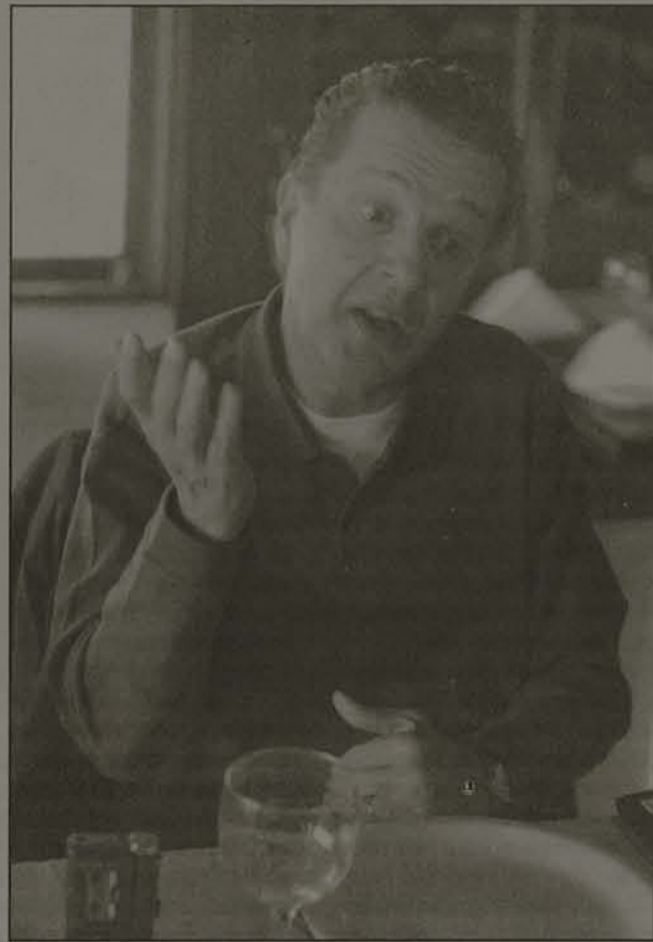
que só fazem isso na vida. É pensar em esquemas. O que eu estou falando não é nenhuma novidade. Não há área mais corrompida do que a área do esporte no mundo. Olha o que é o boxe. Olha o fenômeno do *dopping*. E agora pegaram o Gaitlin (recordista dos 100 metros rasos).

Z- Falando em corrupção, a quem que interessa essa Copa do Mundo de 2014 no Brasil? Por que estão fazendo tanta força para trazer essa Copa para o Brasil?

JK- Interessa muito à superestrutura do futebol, interessa muito às empreiteiras, interessa muito a algumas agências de propaganda. E eu diria pra você: provavelmente, interessa muito a alguns políticos para esquema de campanha. É óbvio que o Brasil tem condições de fazer uma Copa do Mundo. Com essa gente que está aí, eu sou contra porque se a gente está vendo

o que está vendo no Pan-Americano, e cá entre nós, os Jogos Pan-Americanos são jogos do interior falados em castelhano. Não tem a menor importância. Pesquisa há quanto tempo não se quebra um recorde mundial no Pan-Americano. De natação, de atletismo. Vai ver. Por quê? Porque os americanos mandam o time C, os cubanos mandam o time B. É capaz de aqui no Brasil por causa das relações com o Lula mandarem uma equipe um pouquinho melhor e o Canadá manda time C. As três grandes forças. Então, não tem competição. É pra enganar trouxa. Quanto está custando para fazer o Pan-Americano? Imagina uma Copa do Mundo. E com esse discurso de que tem que fazer 12 estádios no Brasil. Nenhum estádio brasileiro serve para sediar uma Copa do Mundo. Você imagina o que vai ser. Vai ser uma farra.

Z- E quem vai coordenar?



"Não temos monopólio da corrupção, mas temos o da impunidade"

Foto: Maurício Tissi - Zero

JK- A CBF, o presidente da CBF não quer ser eleito em 2007 até 2014? Por quê? Não estou inventando. Vai lá e pega a fita. Ele disse que era o último mandato dele, 'senhores deputados, não se preocupem, estou saindo'. E por que que agora ele quer ficar até 2014? Agora você imagina o poder de sedução que essa gente tem. Esse cara disse outro dia para o ministro Orlando Silva 'eu sou muito grato ao Lula, porque achei que o Lula ia me ferrar. Eu jamais votei nele e não tinha nenhuma relação com ele e ele foi, de todos, o presidente que mais bem me tratou', para a minha decepção e frustração.

Z- E você acredita que ele pode vir a ser o presidente da FIFA?

JK- Isso é um outro componente que fazia com que o Blatter não quisesse nem ouvir falar em Brasil campeão. Se o Brasil ganha o hexacampeonato na Alemanha, o Ricardo Teixeira seria um candidato fortíssimo agora em 2007 na FIFA. Provavelmente ele traria todo o eleitorado africano, boa parte do eleitorado asiático, porque nêgo diz 'esse cara é o cara'.

Z- Mas no Brasil se pensa isso também né? Ele ganhou duas Copas do Mundo. Sempre tem esse argumento que pesa sobre ele.

JK- É, sempre tem. Até com o Lula.

Z- E é tão estreita assim essa relação do futebol com a política?

JK- Você viu o que um jogo no Haiti foi capaz de fazer. É isso que tem que olhar. Você olha o projeto do Lula naquele momento. Era pôr o Brasil no Conselho de Segurança da ONU. O que podia reanimar um país? Você viu o que foi aquilo. O Lula saiu de braços dados com Ricardo Teixeira. Pra você ter uma idéia, o Fernando Henrique não sabia nem quem era o Ricardo Teixeira. Não existe nenhuma foto do Fernando Henrique com o Ricardo Teixeira. E ele condecorou o Ricardo Teixeira no dia em que o Brasil chegou pentacampeão, na sala dele, sem nenhum fotógrafo presente porque ele não é besta. Do Lula, tem foto de braços dados.

Z- O Lula foi besta ou tinha outro interesse?

JK- Os mesmos do Fernando Henrique — de mostrar para o povo que tem essa intimidade com os ídolos do povo e alavancar projetos como era o caso do Conselho de Segurança da ONU. Qual é a única área de atividade nesse país que pode dar essa dimensão? O Brasil não tem a menor importância a não ser numa área, o futebol. O Brasil tem duas áreas de excelência as quais o mundo se curva: música e futebol. Como político, essa coisa de poder surfar nessa onda é do cacete. No dia que o Lula ia assinar o Estatuto do Torcedor e a Lei da Moralização, o Gilberto Carvalho, secretário pessoal do presidente, no dia anterior me liga: 'Juca, você vem para a assinatura? O presidente gostaria que você viesse'. Então eu vou. E eu fui. Quando cheguei lá, tinha lugar na primeira fila. Sabe como é que o Lula abriu o discurso olhando pra mim? 'Eu nunca mais quero ouvir o Juca Kfourri dizer que o torcedor no Brasil é tratado como gado'. Peça à Radiobrás a fita que tem. E no fim do discurso diz isso 'faço questão de dizer que está aqui o jornalista que representa a todos aqueles que foram perseguidos e processados e que lutaram pela moralização. Esse dia chegou'. Um ano depois, ele estava de braços dados com Ricardo Teixeira. Um ano depois ele estava dizendo, para justificar a Timemania, que aquele discurso derrotista de dizer que os clubes estavam envolvidos em corrupção não era verdade. 'Se um ano o clube não paga imposto a culpa é do clube, se dois anos o clube não paga imposto a culpa é do clube. Se em três anos o clube não paga imposto a culpa passa a ser do governo que não soube cobrar'. E ele precisa arrumar um jeito de resolver isso e é a Timemania que vai dar as galinhas para as raposas tomarem conta. Vai dar uma grana para os caras sem exigir deles uma contrapartida de um modelo de gestão ou de responsabilização. É um escândalo.



Só no oba-oba: "O Brasil tem duas áreas às quais o mundo se curva: música e futebol. Como político, poder surfar nessa onda é do cacete"

lo. Agora, é um escândalo deste tamanho se você for comparar com o 'escândalo do sanguessuga', se for comparar com o 'mensalão', até porque no futebol o importante é que esteja ganhando. Dessa vez não ganhou. O Ricardo Teixeira se apressou em perguntar o que a opinião pública está achando? Está achando que a seleção perdeu por apatia. Precisa de um cara de fibra. Pega o Dunga.

Z- O Maurício Dias [ver entrevista nesta edição] falou que uma das estratégias da cobertura política é produzir crises para vender jornais, mas na imprensa esportiva parece o contrário. É não produzir crises para continuar no oba-oba.

JK- Veja bem, eu não avalio isso que o Maurício falou, que há uma estratégia de produzir crise para vender jornal. O que se descobre de corrupção no Brasil é para vender jornal? Eu acho que é uma coisa um pouco maquiavélica demais achar isso. O mensalão não existe? Foi uma coisa inventada? O 'sanguessuga' foi inventado? A compra de votos pra reeleição foi inventado? O PC Farias é mentira?

Z- Mas de qualquer forma o tom da cobertura esportiva é bem diferente.

JK- É muito mais embaixo, eu acho. A cobertura esportiva brasileira é de uma promiscuidade com o poder absurda, a ponto de

saberemos que o jornal *Estado de Minas* justificou que seu repórter viajava com tudo pago pela CBF. Pôs lá em defesa por escrito na Justiça do Trabalho.

Z- Existem outros casos semelhantes?

JK- Mas claro que existem. Todo mundo sabe quem são, com nome e sobrenome. Tem um que hoje está na SporTV, Rui Guilherme. Durante muito tempo viajava pra cima e pra baixo às custas da CBF. Promiscuidade que se dá às vezes por migalha e promiscuidade que se dá para ter a cota da Brahma, da Nike, pra ter anunciantes dessa gente. Eu diria pra vocês o seguinte. O que a *Folha* e o *Lance* publicam de corrupção no futebol está uma grandeza. Em toda a minha carreira eu tenho mais de cem processos e todos eles são motivados por denúncia de corrupção no futebol. O problema é que isso não segue adiante.

Z- E por que na televisão a gente não vê isso?

JK- A televisão tem um problema brutal. A televisão confunde comprar direitos de transmissão a se associar a quem te vende os direitos. E aí, do sócio, você não fala. Não se faz jornalismo esportivo na TV brasileira, exceção feita à ESPN Brasil. A Globo, por exemplo, faz coisas da maior qualidade, mas faz com uma linha. Não pode contar quem são os caras. Quando conta é um arraso, né? Você se lembra do Globo Repórter do Ricardo Teixeira? Mas logo se compuseram. E aí, não é a família Marinho, que a família Marinho não quer nem saber do futebol. É o segundo escalão para ter facilidades de contrato. Eu não viro teu sócio porque comprei algo teu. Comprei o teu campeonato. Se ele não der certo, eu vou lá e conto. Não preciso ser seu sócio. Ah, mas se eu fizer isso eu não compro no ano que vem. Aí você deixou de fazer jornalismo. Aí eu gosto sempre de citar a santa frase de Milôr Fernandes: 'Jornalismo é oposição. O resto é armazém de secos e molhados'.

Z- No Uruguai, o Peñarol e o Nacional estão propondo criar uma liga paralela porque, de acordo com os clubes, estão sendo escravos da televisão e da associação uruguaia. Por que no Brasil os clubes não

fazem a mesma coisa?

JK- Porque fazem parte dessa curriola. O que ocorre, velho, é você ser Corinthians e Flamengo e estar submetido a isso. Você negocia o teu pacote de televisão junto com os outros. É o Fábio Koff que vai negociar a vida do Flamengo e do Corinthians. A gente precisa entender um pouco como é que esse país funciona. O futebol reflete muito o que é o Brasil. Os problemas do futebol brasileiro estão di-

retamente relacionados aos problemas da política brasileira, diretamente relacionado com as deficiências do judiciário brasileiro. Essa impunidade tem a ver com isso e dos problemas da nossa elite. Basta dizer que tem desembargador que aceita convite da CBF para ir para a Copa do Mundo de graça e depois vai julgar casos que envolvem a CBF. Não precisa falar mais nada. É a mesma coisa do negócio do jornalista garoto-propaganda. Isso é assunto que não cabe discussão. Se alguém tem dúvida se é compatível uma coisa com a outra é porque errou de profissão. Em qualquer país civilizado no mundo o jornalista que for virar garoto-propaganda é expulso do sindicato. Porque eu não posso ser jornalista econômico e fazer propaganda do Bradesco ao mesmo tempo. Isso é um desrespeito ao leitor. Precisa parar pra pensar sobre isso? Não pode pairar dúvidas sobre o conflito de interesses que existe nessa área. Da mesma maneira, em relação ao futebol, você encontra um bom exemplo do universo brasileiro. De todas as nossas mazelas, nós vivemos em um país em que é feio ganhar dinheiro diferentemente, por exemplo, das sociedades anglo-saxãs. Não se ganha dinheiro na frente de todo mundo. Ao se ganhar por debaixo do pano vale tudo. O presidente do Corinthians devia ser um executivo de salário de 150 paus por mês como é o presidente da Nestlé ou do Banco de Boston. E ter metas e ser bonificado. Não, o presidente do Corinthians é um amador que não tem salário e que por causa disso faz todas as sacanagens que puder.

Z- Em relação à MSI até agora não foi decifrada a origem dela. É uma situação meio nebulosa.

JK- Para mim não é nada nebuloso. Antes da MSI chegar eu publiquei três matérias no *Lance* mostrando que aquela ligação era do Boris Berezovski, da máfia russa, e de que Kia Joorabchian tinha cinco identidades diferentes. E quem era Boris Berezovski, que mandou matar o autor do livro *O chefão do Kremlin* na porta da sucursal da revista *Forbes*. Não é uma revista qualquer. É uma das revistas americanas de economia mais importantes. Estamos no Brasil. Eu sou corintiano. A torcida do Corinthians passou a me odiar a ponto de eu não poder ir ao estádio. O Corinthians vai quebrar mais que o Grêmio e o Flamengo quebraram, porque uma hora esses caras vão embora e quando o Banco Central começar a multar aquelas transações irregulares, que não passaram por ele, feitas com Tevez, Mascherano, Carlos Alberto. Não se trata do que eu acho. Eu fui atrás para ver quem era. Você vai atrás e você descobre. Um ano e meio depois o senhor

Boris Berezovski está em São Paulo. Fazendo o quê? Trazido pelo Zé Dirceu pra ser eventualmente um dos compradores da Varig. Ouvi do deputado Vicente Cândido do PT de São Paulo: 'Juca, a origem do dinheiro não é problema nosso. Se entrou pelo Banco Central está carimbado'. Pô Vicente, mas este é o argumento do Dualib. 'Ele está certo'. Você percebe quando eu falo pra você que o buraco é mais embaixo, que é o retrato do Brasil e por causa disso que eu estou falando. Não é porque eu sou maluco. Eu tenho um episódio com o ex-senador Geraldo Althoff [filhado ao PFL-SC, exerceu o cargo de 1998 a 2002 e foi relator da CPI do Futebol], que é brilhante. Tinha seis meses de CPI, e ele me pediu para eu ir para Brasília e eu fui lá almoçar com ele. O senador olhou pra mim e disse 'vou te dizer uma coisa. Eu olhava pra você, te via na televisão e falava pra minha mulher, este rapaz é corajoso, tem valor, mas ele é muito obcecado. Não tem ninguém que presta no futebol pra ele. E a

"Impunidade tem a ver com nossa elite. Tem juízes que aceitam convite da CBF"

"A Copa no Brasil é boa para as empreiteiras e agências de propaganda"

“Esporte é uma área corrupta”

vida não é assim. Todo lugar tem gente que não presta e gente que presta. Juca, estou procurando há seis meses um dirigente de futebol pra te mostrar como exemplo e não acho. Senador, bem-vindo ao clube dos obcecados. Ele deu uma gargalhada e ficamos amigos. Ele fez um trabalho brilhante.

Z- Mas dá a entender que você é uma voz solitária. Não tem mais ninguém pra apurar este tipo de matéria.

JK- Acho que eu já fui muito mais solitário. Hoje, me sinto muito menos sozinho do que já me senti, mas ainda acho que a cobertura é insuficiente. Aí tem uma desculpa que também é cômoda. Torcedor quando vai na página de futebol, ele quer saber do jogador machucado. Corrupção ele já lê muito na política. Essa discussão se dava dentro da *Folha*. Há muito jornalista lá com poder achando que o caderno de esportes era muito chato porque ficava só cobrindo os bastidores.

Z- Qual o interesse dos outros grupos estrangeiros que investem no futebol brasileiro?

JK- O que aconteceu com o surgimento da Lei Pelé? Garantiu-se inicialmente segurança para o investidor. A lei apontava na direção da modernização das gestões. Vieram os investidores: ISL, Hicks&Muse, Parmalat antes. O que aconteceu? Essa gente foi estapeada pela cartolagem. E dinheiro não aceita desaforo. Foram embora horrorizados. Foram embora com prejuízo. O futebol brasileiro continua a ser um grande negócio inexplorado. Quem vem agora? Vem o dinheiro sujo.

Z- Mas você acha que vai acontecer a mesma coisa com a MSI?

JK- Ali o buraco é mais embaixo. O Dualib tinha certeza que essa hora ele já teria se livrado da MSI. Quando tava no assina, não assina, saiu na coluna Paineis da *Folha* que Eurico Miranda falou pra ele ‘assina esse troço, depois dá um pé na bunda desses gringos como sempre fizemos’. Só que agora o pé na bunda é na máfia russa.

Z- E qual será o futuro da relação MSI-Corinthians?

JK- Eu acho que não vai durar muito. Começa com a venda do Tevez [que foi para o time inglês West Ham] para recuperar o dinheiro que investiram e aí disparam. Não vão fazer como fez a Hicks&Muse, que foi embora com 25 milhões de dólares de prejuízo.

Z- Essa parceria vai servir de lição para o torcedor e para os cartolas brasileiros?

JK- Eu acho que não. É isso que me desanima. Acho que a gente tem uma grande incapacidade para entender coisas óbvias. Com um mínimo de competência, esse time estava no mínimo com lucro e com o Pacaembu lotado.

Z- Em uma entrevista de 2003 você falou que o melhor regulamento para o campeonato brasileiro eram 20 times jogando em turno e retorno, com quatro equipes sendo rebaixadas. Estamos em 2006 e é justamente esse o regulamento. Ponto para Ricardo Teixeira?

JK- Sim. O mais positivo da gestão do Ricardo Teixeira é a Copa do Brasil, que foi inventada na gestão dele. Eu acho um torneio do cacete. O campeonato brasileiro de pontos corridos de certa forma também, embo-

ra eu não quero ser injusto, mas também não posso ser mentiroso. O Brasileiro de pontos corridos é uma decorrência do Estatuto do Torcedor e ele tinha que fazer um campeonato durante dez meses e que o time que entrasse na primeira rodada saberia exatamente sua programação até a última rodada. Claro que podia ter uma mistura, como o campeão do primeiro turno contra o campeão do segundo turno. Podia ter um *playoff* final. Não tem exatamente porque a Rede Globo quer. Essa é a vingança do Ricardo Teixeira por aquele Globo Repórter.

Z- Há 17 anos o Ricardo Teixeira é presidente da CBF. Existe uma convivência dos clubes brasileiros para o manterem no poder?

JK- A verdade é que tem uma estrutura que está posta há anos, uma elite que está no poder, ou seja, ‘eu não te incomodo, você não me incomoda’. O Ricardo Teixeira virou um pouco assim herdeiro de uma capitania hereditária,

como se ele tivesse o direito divino por ter sido genro do João Havelange e o mundo do futebol é medíocre.

Z- Mas os clubes não tem mais as vantagens que tinham antigamente como a virada de mesa.

JK- Também por causa do Estatuto. Se você olhar retrospectivamente de uns 30 anos pra cá, melhorou.

Z- Por causa de quem?

JK- Por causa dos poucos que brigaram para aprovar algumas leis que forçaram essa gente a praticar algumas coisas que já se faz no resto do mundo.

Z- E quem é que são esses poucos?

JK- O Geraldo Althoff é um, o José Luiz Portella [ex-secretário executivo do Ministério do Esporte e Turismo na gestão FHC e idealizador do Estatuto do Torcedor] é outro. O Aldo Rebelo teve um papel essencial em determinado momento. Hoje é uma lástima.

Z- E esse pessoal um dia vai tomar o poder ou sempre vai ficar nas mãos do Ricardo Teixeira?

JK- Se você me fizesse essa pergunta há 20 anos eu diria ‘não tenha dúvida que na virada do século a situação vai ser outra’. Eu começo a duvidar que eu vá ver. Houve até um momento que eu achava que o capitalismo ia passar por cima dessa gente. Que esse negócio é bom demais para ficar na mão desses incompetentes. Mas nem o capitalismo está conseguindo resolver. Na Europa tem um bando de malandros também na vida dos clubes, mas eles cuidam das galinhas dos ovos de ouro. No segundo escalão cuidam de gestão esportiva. Tudo fera, que faz a marca do Barcelona entrar na Ásia. Eles estão brigando pelo mercado asiático. Tem alguma ação que você conhece do Flamengo, e nem precisa ser em Pequim, aqui em Florianópolis? Tem uma loja do Flamengo aqui?

Z- Em relação à Copa do Mundo, houve alguma parcela de culpa da CBF na eliminação da seleção?

JK- A parcela de culpa da CBF é a seguinte. Eu não acho que o Ricardo Teixeira ganha a Copa do Mundo como eu

não acho que ele perde uma Copa do Mundo. O problema da CBF é de uma política perversa. Exatamente a de privilegiar a Copa do Mundo. Eu acho muito mais importante a gente ter um campeonato brasileiro com a média de público de 30 mil pessoas do

que ganhar a Copa do Mundo. Eu sempre digo que queria ser espanhol. Jamais ganharam uma Copa do Mundo, mas têm um campeonato que é do cacete. Todo domingo você sabe que tem baítas jogos pra você ver, que as maiores estrelas do futebol mundial estarão lá. O Ricardo Teixeira sacou que a grande grife do futebol mundial é a seleção brasileira. Ele explora isso. Você vai nas lojas do mundo inteiro e as camisas que você primeiro vê são da seleção brasileira. Você não vê nenhuma camisa do Flamengo, mas você vê do Boca Juniors. Passou a estimular a exportação de ‘pé-de-obra’, que é pra mim o grande pecado do Parreira, que sempre foi contra. Ele se rendeu a esse discurso ao se juntar à CBF. E aí, velho, entramos em um outro mundo, que não é mais o mundo do jogador de futebol. É o mundo das celebridades, dos pop stars. Esse mundo me chocou. E eu já não consigo mais conversar... Não tinha boleiro ali. A conversa era outra.



Praga: “Nem o capitalismo está conseguindo afastar a cartolagem”

Z- Estava sendo produzido um documentário com os bastidores da seleção. Isso atrapalhou bastante?

JK- Faz sentido o jogador ficar acordado até as duas horas da manhã para aparecer no Jornal Nacional em uma Copa do Mundo? Quem é que vai dar uma ordem para o Ronaldinho Gaúcho? O Ricardo Teixeira? O Parreira? Mudou a relação. Com o Felipão não é assim. Com ele é assim ‘você tem muito mais dinheiro que eu, mas se não correr não joga’. E a CBF compôs aquela carranca. Os caras ficaram lá numa cidadezinha

perto de Frankfurt. A garotada toda de camisa do Brasil. O prefeito pediu para os caras irem lá pra fazer uma homenagem. ‘Se ele quiser, ele que venha aqui’. Uma empáfia, uma arrogância tão grande quanto a empáfia e a arrogância do Dream Team nas Olimpíadas de Barcelona. Com uma diferença. Chegava à noite no estádio de Montjuí, o Dream Team jogava basquete pra cacete e era aplaudido de pé. O nosso time não jogou.

Z- Você conseguiu identificar algum problema de relacionamento entre os jogadores?

JK- Não é um problema de relacionamento. É cada um por si. Não tem um time. Tem o Ronaldo, o Ronaldinho, o Kaká, o Roberto Carlos.

Z- Mas houve uma divisão na seleção como os jogadores mais jovens de um lado e os veteranos de outro?

JK- O fenômeno da seleção brasileira não é diferente do fenômeno do Real Madrid e não é diferente do fenômeno do Corinthians. Estamos falando de três grupos melhorados e com resultados esportivos pífios. O futebol é um grande negócio em termos de cifra, mas ele só continuará a ser, se ele for capaz de exacerbar a paixão. Se o ídolo achar que tem hora marcada pra dar autógrafa, que ele pode virar a cara pra uma criança essa merda se ferra. E a seleção brasileira era isso. O Robinho, que não é nada, faz coisas que o Pelé não faz.

Z- Qual é a sua opinião sobre a legislação vetado pelo Lula que ampliava as funções que exigiam o diploma de jornalista?

JK- Eu acho uma bobagem. Então o Tostão não iria mais escrever sobre futebol. O Dráuzio Varella não iria poder mais fazer matéria sobre medicina. Não é por aí que você protege uma pessoa. E não é ser contra o diploma. É claro que a gente é a favor do diploma. Qualquer diploma. Eu sou a favor da reserva de mercado. E sou a favor da liberdade de manifestação. Eu acho um absurdo que, caso eu queira fazer um jornal do Sindicato dos Metalúrgicos, eu não possa ter um metalúrgico trabalhando no meio. Tenho que contratar um jornalista. Ah, o Pelé quando vai comentar sobre futebol, ocupa o lugar de um jornalista. Pelé, quando vai comentar na Rede Globo, abre quatro empregos no Jornalismo. Um que produz pra ele, outro escreve pra ele, outro que orienta e outro que acompanha. Um dia o Casagrande me ligou. Ele tem uma coluna no *Diário de São Paulo*. Ele falou ‘quero fazer uma coluna com você e o Zé Marilã [ex-jogador e capitão do Corinthians]’. Cheguei lá no restaurante para falar com ele e lá estavam dois jornalistas com o Casagrande. O Gilson, que escreve, e o Vilani, que ajuda a fazer as perguntas. Se não tivesse a coluna do Casagrande, nem o Gilson, nem o Vilani teriam uma coluna. Não entender isso é uma miséria, uma visão muito estreita.

Entrevista por
Diogo d’Avila e Lucas Amorim

Juca Varella relembra guerra

Repórter avalia trabalho de fotógrafos no Iraque e sonha em cobrir outros conflitos

Juca Varella é um jornalista em busca do desconhecido, de aventuras e de desafios. Foi o único repórter fotográfico brasileiro a cobrir a Guerra do Iraque, seu trabalho de maior orgulho e que lhe rendeu, juntamente com Sérgio Dávila, o Prêmio Esso de Reportagem 2003 e o livro *Diário de Bagdá - A guerra no Iraque segundo os bombardeados*. Mesmo tendo como maior lembrança da cobertura a incerteza de estar vivo nos próximos cinco minutos, sonha em cobrir outro conflito. Acredita que o brasileiro que cobre uma guerra trabalha por ideal, pois sai do país até mesmo sem seguro de vida.

Varella, hoje sub-editor de fotografia d'O Estado de São Paulo, começou a tirar fotos aos seis anos com o pai. Nos 35 anos seguintes, o repórter viveu grandes momentos históricos do Brasil e do mundo, sempre através das câmeras. Cobriu as Olimpíadas de Sidney (2000), as Copas do Mundo da França (1998) e do Japão/Coreia do Sul (2002), as posses do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e do presidente Lula, a morte de PC Farias e as eleições iraquianas de 2005. Formado em Jornalismo em 1991 pela Universidade Metodista, Varella defende o diploma para o fotojornalista e faz questão de frisar as diferenças entre o fotógrafo e o repórter fotográfico. Acredita que estes estão ganhando espaço dentro dos jornais e que não trabalham mais atrelados aos repórteres de texto. Ainda fala de manipulação de imagens e de informações e critica a Rede Globo por não enviar correspondentes ao foco dos conflitos.

Zero- O que mudou para o fotojornalista com a implantação das máquinas digitais nas redações? O trabalho ficou mais fácil?

Juca Varella- A foto digital trouxe a rapidez e a agilidade que o jornalismo diário precisa. E exigiu muito mais do cara, que passou de fotógrafo a ser repórter fotográfico. Por quê? Antes o cara ia pra rua fazia o trabalho fotográfico dele, chegava na redação, deixava o filme na mão de alguém, esse alguém ia processar o filme dele, ia legendar o material dele e editar. Hoje não. O repórter fotográfico hoje apura, fotografa, edita e transmite. Então ele agregou função, por isso a necessidade de ser um cara muito mais bem preparado. Então, não cabe mais aquele "retratis-ta". Hoje o cara faz um trabalho muito mais completo, muito mais de apuração, muito mais jornalístico do que antes.

Z- E as manipulações de imagens? Tornaram-se mais corriqueiras?

JV- Imagem não se manipula sozinha, né? Alguém tem que pegar um software, tem que botar a imagem e alterar. E isso revela que em qualquer profissão você tem bons e maus profissionais. O fato de existir essa possibilidade até com mais facilidade do que antes não inviabiliza nem um pouco a fotografia digital. O que a gente não pode esquecer é que são pessoas que manipulam a imagem. São pessoas que... você pode chamar do que for. Como tem fotógrafo que é picareta, você tem médico, engenheiro, advogado. É possível manipular? Claro que é. Mas você tem o exemplo daquele Jason Blair, repórter do *New York Times*. Ele forjava personagens. O que é isso? É tão grave ou pior que você alterar uma foto através do computador. Então o problema não é poder fazer, o problema é quem faz.

Z- Como fotojornalista, o que você acha do projeto de lei (PLC 79/2004) que amplia de 11 para 23 as funções privativas do jornalista? Você é a favor do diploma para o fotojornalista?

JV- É o que eu estava dizendo agora. Hoje o cara não é mais um fotógrafo, ele é um repórter fotográfico. Ele é um cara que apura, ele edita. É fundamental que ele tenha uma formação acadêmica como jornalista. E outras tantas funções, eu não sei todas elas. Eu sei que tem até diagramador, ilustrador. Agora eu acho, sinceramente, que algumas são desnecessárias. Não vou dizer que não. Eu acho desnecessário. Acho que o jornal é o espaço, ele tem condições de oferecer espaço para que pessoas escrevam ali sem necessariamente pas-

sarem por faculdade de jornalismo. Eu digo isso quando cientistas escrevem, quando um cara altamente especializado escreve. Esses caras, acho também que eles tem que ter o espaço. Eu diria até que ficaria mais democrático, entende? Você pode oferecer para o leitor desde que devidamente identificado, esse cara é médico, esse cara é o astronauta, entende? Acho que tem espaço para isso sim. Agora as funções eminentes de jornalistas, de redação, tranquilamente. Acho que é válido.

Z- Os jornais dão o devido espaço para a foto e para o fotojornalista?

JV- Acho que isso está melhorando. Mas está melhorando ano a ano. Eu acho que o fotojornalista está ganhando espaço no jornal. Está ganhando reconhecimento. Digo isso pelos dois jornais em que trabalhei. Só trabalhei na *Folha* e agora estou no *Estadão*. Então o repórter fotográfico já assina matéria perfeitamente. Ele apura na rua, ele vai. Se não tem repórter, ele escreve. Eu sou contra aquela multifunção. Vai repórter, também leva um camerazinha qualquer. Como está acontecendo agora no Líbano. Os caras estão dando conta? Dando conta nada, né? Sabe, uma área super vasta de material fotográfico lá, tem sido coberta por quem não é repórter fotográfico. Isso eu acho errado. Agora eu sou a favor que todo jornalista tenha sua camerazinha. Pode cair um Boeing na frente do cara e ele vai ter como fazer a foto. Só por isso ele não vai registrar, entende? Mas acho que as redações estão sim dando mais espaço. Agora está havendo uma mudança nas relações profissionais aí com esses grupos, principalmente com repórteres fotográficos, tal. Foi o que eu disse na palestra, está diminuindo, cada vez mais estão recorrendo a agências fotográficas. Não é a demanda que diminuiu. O jornal precisa cada vez mais, de mais material, mais rico, melhor, mais bem-feito.

Z- O que você acha da cobertura de eventos internacionais, quando veículos mandam pouquíssimos profissionais para uma guerra como a de agora, no Líbano, enquanto um mês atrás eles haviam deslocado centenas de jornalistas para cobrir a Copa?

JV- Pelo alto grau de periculosidade que envolve a cobertura. Não tenho absolutamente nenhuma dúvida disso. Alta periculosidade significa alto gasto. Uma empresa jornalística que perde um jornalista ali, o que já vai de grana. É muita grana que vai junto. Entende? Para manter um cara nesse local já é muito caro. Então, na verdade, trabalhar em local de alta periculosidade significa gastar muito dinheiro também. Acho que o problema maior é qualquer trabalho em local de alto grau de risco é mais restrito, tem menos gente que quer ir, que aceita ir.

Z- Fora a guerra, qual cobertura que mais te marcou?

JV- Foi o episódio de cobertura da morte de Paulo César Farias. Eu trabalhei desde o assassinato até a maneira como Lucas Figueiredo, repórter, desvendou toda a ligação da máfia que tinha o PC, que o PC exercia com grana que vinha das arrecadações. Foi uma cobertura que eu participei intensamente desde o início. Eu estava de folga em Brasília. Ele morreu num domingo, 11 horas. Três horas da tarde o jornal decidiu mandar gente pra lá. Só que não tinha avião comercial que saísse de São Paulo, Rio, e chegasse em Maceió em tempo hábil de se apurar alguma coisa e mandar material pro jor-

nal. O que ele fez? Fretou um jato. Um jatinho da Leaders e para minha felicidade me botaram dentro desse avião junto com o Lucas. Um jato para doze pessoas. Uma coisa, a gente nunca tinha entrado num desses. Eu só falava: 'como é que nós vamos pagar essa porra aqui?'. Foi muito dinheiro. O avião saiu de Belo Horizonte, pegou a gente em Brasília e levou pra Maceió e a gente conseguiu chegar lá sete e meia da noite. Chegamos sete e meia. Eu com uma mala numa mão, uma transmissora na outra, o Lucas também. Vamos para aonde? Vamos para o IML, né? E eu fui também com a função de comprar foto. Ver quem, os jornais locais que tinham feito. Ninguém tinha feito. Não existe jornalismo em Maceió no domingo. Não tem jornal na segunda-feira. Então, não tinha porra nenhuma. Não tinha nada. Aí, eu avalei, na hora, que não dava para ficar ali. Tinha que ver, ficar esperando, ficar se acotovelando com fotógrafo do *Globo*. Deduzi que podia ter alguma coisa nos fundos do IML e me meti pra lá. Liguei pra São Paulo, falei: 'eu vou dar uma escapulida aqui, porque eu acho, não vou ficar aqui'. Me falaram: 'garante alguma coisa aí'. E garantir significa: se eu perdesse a foto eu ia poder comprar do *Globo* e do *Jornal do Brasil*, que já estavam ali. Então o jornal, o objetivo do repórter fotográfico é o seguinte: eu tenho que oferecer o melhor material para o meu leitor. Se não for o meu, vai ser o seu. Então, estava garantido que a gente ia ter foto ali se acontecesse algo muito forte. E eu fui investir sozinho, a pé. Aí, desconfie que tinham várias janelas e duas delas estavam encobertas com plástico preto. Subi numa mureta e vi o corpo do PC e os caras mexendo. Aí o fotógrafo do *Globo* veio, me viu e falou: 'o que você está fazendo aí?'. E eu: 'ahn?'. Aí me derrubou, ele subiu e eu o derrubei. Fez barulho e veio a polícia. Ninguém fez mais porra nenhuma. Mas aí eu já tinha feito a foto. E revelei meu filme embaixo do chuveiro do hotel.

Z- Você falou de briga com fotógrafos. Como é fotografar, por exemplo, uma final de Copa do Mundo? Quando todos estão brigando pelo melhor ângulo.

JV- Há porrada mesmo, de cotovelo. Parece *rugby*, futebol americano. É igual, né. Porque você tem um sujeito ali correndo com a taça e 120 caras juntos, embolados. E aí, você, não é de porrada? As vezes sai, sangra. Eu saí mesmo. Quando eu estava correndo atrás do Cafu, fez um hematoma, um arranhão aqui. Mas é normal. Isso acontece.

Z- Qual a preparação que você faz para uma cobertura especial?

JV- Acho que primeiro tem o físico, né? Você tem que estar bem fisicamente. Você tem que conhecer seus limites, né, de físico, por exemplo. Se eu estou com algum problema, eu não vou me meter, me enfiar lá no Líbano. Eu não posso, não vou ter socorro num raio de mil quilômetros, entendeu? Então, acho que é isso. Tem que se preocupar com o corpo, com o espírito. E, preparação para cobertura é saber exatamente o que você está indo fazer. Se interar ao

máximo daquele assunto. Aí vale tudo, pesquisa de internet, pesquisa, pesquisa, vai atrás, procura. A melhor preparação é a quantidade de informações que você tem. Vê onde você está indo, conhecer a história do lugar, a geografia. Enfim, eu acho que a melhor preparação é a informação.

Z- O que te levou a cobrir a guerra? José Hamilton Ribeiro fala no prefácio do livro *Diário de Bagdá* que é necessário espírito romântico da profissão, vaidade



"Morrer não é pior. Pior é você ser ferido gravemente, abandonado"

“Imagem não se altera sozinha”

de, ambição, aventura e falta de juízo. Qual pesou mais para você?

JV- Acho que a falta de juízo. A vaidade. Mas o que me pesou mais acho que é a busca pelo desconhecido. Eu adoro me meter por caminhos que nunca fui. O desconhecido é uma coisa muito gostosa de você sentir. Aí, quando eu voltei, meu, ia pegar um buraco de rua pra fazer. Tudo bem, tem que fazer. O jornal é um monte de coisa, de coisa boa e de porcaria. De buraco de rua, de sorvete novo, que a coisa lá está lançando. Tudo isso tem que ser feito por alguém. E no começo eu me incomodava, comecei a me incomodar um pouco. Agora você imagina quem cobre rotineiramente um conflito, três, quatro ou cinco, no trabalho não se adapta mais. Não se adapta nem à própria casa. Tem casos desses, eu nem lembro, mas tem estudos. Trabalhando numa situação, fora de uma situação de tensão, você não consegue desenvolver um trabalho.

Z- Como foi cobrir a Guerra do Iraque? Havia censura do governo americano e do iraquiano?

JV- Os americanos estavam pouco se ligando para aqueles jornalistas que estavam no quintal do Iraque. Que era o nosso caso, tínhamos a credencial iraquiana. Já no lado iraquiano era uma coisa normal. Não era novidade. Se você aqui grita com um PM, eu gosto de gritar com PM, adoro, o PM aqui pergunta: está autorizado? Eu falo: ‘não tá meu filho, eu estou na rua, eu estou fotografando na rua’. Então, acho que é super importante você saber até onde você pode ir, entende? E também ter bom senso, né? Você tem cinco PMs, você está sozinho, está fotografando um quartel, o cara fala não. Se você vai, vai tomar porrada. Então, é legal avaliar até que ponto você avança pra nem tomar uma porrada gratuita e se tomar, tenha, garanta que tenha uma câmera filmando. Pelo menos pra dar alguma merda para o cara, entendeu? Senão você apanha sozinho e tal. Então, eu acho que tem que ter essas análises, avaliação, para saber até que ponto você avança, não avança.

Z- Qual a sensação ao lembrar da guerra?

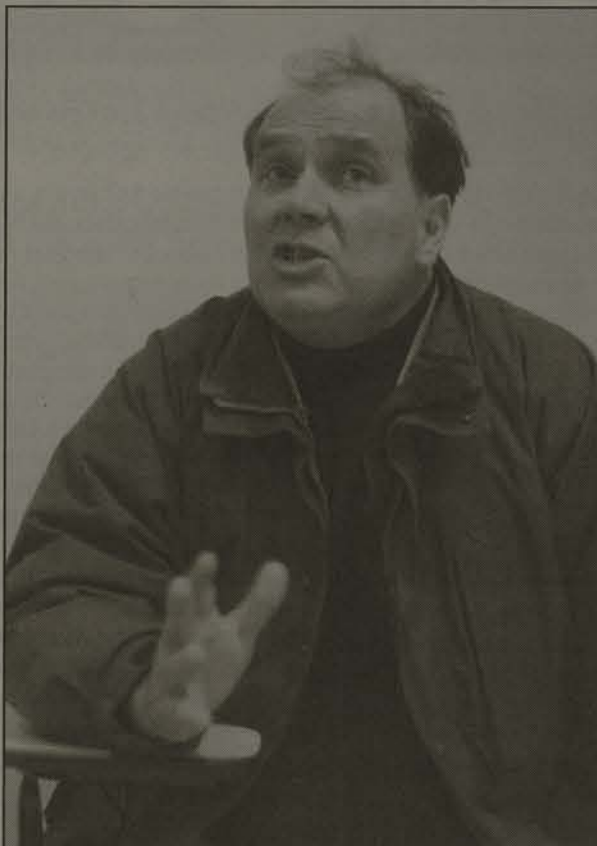
JV- A guerra começou naquele bombardeio né. Eu lembro das sensações. Eu sabia que a maior potência mundial estava descarregando toda a raiva do 11 de setembro e do fiasco que foi a Guerra do Golfo, estava jogando naquele momento sobre Bagdá, né? Então você não sabe o que vem. Se vai pulverizar tudo, se você vai junto. E essa dúvida, se você vai estar vivo dali cinco minutos ou não, me marcou. A incerteza de estar vivo nos próximos cinco minutos.

Z- Como foi feito o seguro antes de ir para guerra? A *Folha* não pagou?

JV- Isso aí, jornalista brasileiro que vai pra guerra vai por ideal, porque gosta de contar. Mas os jornalistas estrangeiros, não vou dizer todos, os caras chegam até a triplicar o salário deles porque estão trabalhando numa situação de risco. É normal entre jornalistas: ‘qual é teu bônus?’ Ainda eu comprei uma botina nova pra ir, um casaco novo, ainda fica lá devendo no cartão de crédito. Não existe isso, não existe [bônus]. E fora isso, os caras vão com seguro de vida muito alto. Os brasileiros não têm condições de pagar isso. Então, o que aconteceu, a *Folha* fez um contrato (que pagaria o salário durante dois anos para a esposa.) O seguro pra alguém ir cobrir uma guerra é muito caro. Para o padrão brasileiro é caro. Lá fora é outra história, as grandes agências pagam isso.

Z- Como é ser brasileiro na hora de cobrir uma guerra?

JV- A gente era pouco observado por representar uma casquinha, né? Mas no geral eu acho positivo, porque não há quem não goste do Brasil, entende? Eu acho que essa sensa-



“Quem cobre rotineiramente um conflito não se adapta mais”

“Sabia que Bagdá estava recebendo a raiva da maior potência mundial”

deu em dois segundos que aceitava...

JV- Isso, ou menos.

Z- Você esperava ser convidado? Tinha muita vontade de cobrir uma guerra?

JV- Não, eu sempre esperava. Porque nos outros conflitos eu sempre os cutuquei pra me mandarem. Eles sabiam. Não só em guerra. Lembro de uma cobertura que eu tentei ir atrás de qualquer maneira, que foi aquela do vírus ebola na África. Eu estudei pra caramba, falei: ‘eu quero cobrir esse troço’. Eu estava em Brasília e eram uns negócios de saúde, tinha uns preparativos. Aí, fiquei sabendo que o SBT estava preparando uma equipe pra ir para lá. Tentei, fui na frente, mas depois dei uma baixada na bola. E eles foram mesmo. Então não é só a guerra.

Z- Como é a rotina do correspondente na guerra?

JV- Eu acho assim: você tem que ficar atento e ouvir as informações oficiais. Elas chegam pra você. No caso lá, qualquer saída que você desse, qualquer informação que você pegasse à parte, ia diretamente de encontro com aquela oficial que chegava. Mas acho isso, você tem que ouvir os lados. Ouve ali o porta-voz oficial e depois aquilo: tem que ir pra rua. Então, acho que tem que ouvir a informação oficial e tentar apurar o máximo de coisa que você puder. O que vem oficialmente e depois partir para suas apurações. E isso aí é o que fazia diferença. Porque você não está lá pra ficar cobrindo *release*.

Z- E a relação entre repórter fotográfico e repórter. Em uma guerra, o fotógrafo tem que estar lá, no *front*. O repórter pode até ficar no hotel. Como é isso?

ção de quando você mostra a bandeira do Brasil, ela é, é muito legal, porque a gente não tem inimigo, entende? Não tantos como têm os americanos. Por outro lado, um americano quando vê um árabe, um muçulmano, pensa que é um homem-bomba em pessoa. Então a gente está ali numa neutralidade super positiva, eu acho. Mas no geral, acho que se tratando de guerra, eu acho melhor esse tipo de condição. Enfim, pra trabalhar é o que tem de melhor. Em muitos momentos eu me sentia muito mais seguro com o bonezinho do Brasil do que com capacete balístico daquele lá que parece um *playmobil*. Depois da ocupação americana era terrível. A gente foi ameaçado com faca, precisou correr para o carro. Foi coisa violenta mesmo. E eu comecei a não usar muito o capacete. Eu sou galego, tenho cara de gringo, tal. Então eu botava o boné do Brasil e as pessoas identificavam: ‘Brasil, Brasil’. Não vou dizer que eles não iam me furar com faca nem roubar minhas coisas. Mas acho que a possibilidade de isso acontecer era menor.

Z- É fato que quando você foi convidado para cobrir a guerra, respon-

JV- Olha, acho que isso é da cultura do nosso jornalismo. O cara que cobriu lá no ar-condicionado de Amã, por exemplo, poderia, de repente, ter um bom texto, com boas informações, com bons acessos, poderia produzir um material tão bom, às vezes, quanto o cara que estivesse lá, na guerra mesmo. Mas o trabalho produzido pelo cara que está lá no *front* vai ser diferente, de qualquer maneira. Agora, que ele pode recuperar depois, claro que pode. É por isso que morre muito mais repórter de imagem, em cobertura, do que repórter de texto. Lógico. Porque o cara tem que estar lá. Eu tive a sorte de trabalhar com um cara, o Sérgio Dávila, que na hora que o bicho pegava lá mesmo, eu dizia pra ele: ‘Sérgio, desce lá, vai lá pro *bunker*, lá no abrigo antibombas’. ‘Não, vou ficar aqui’. Por quê? Porque o texto dele, mesmo ele não trabalhando diretamente com imagens, ele trabalha com emoção. Aquilo o carregava de alguma maneira, que depois transportava pro texto. Isso é natural. E o cara que está cobrindo no ar condicionado, com a CNN ligada, lá de Amã ou do Kuwait e fazendo aquela palhaçada que a Rede Globo fez, né? Agora o cara da frente mesmo é o jornalista de imagem, sem erro. São os que mais morrem. Mas no geral, é o cara que assina a matéria, que assina na primeira página é que sabe. Se você vir o prefácio do meu livro mesmo, o Zé Hamilton Ribeiro coloca o Sérgio Dávila junto com Rubem Braga, com Euclides da Cunha. Depois, lá no fim, ele fala que o Juca também fez umas fotos legais. Mas, não sei, é natural. Mas isso está mudando, eu acredito que mude.

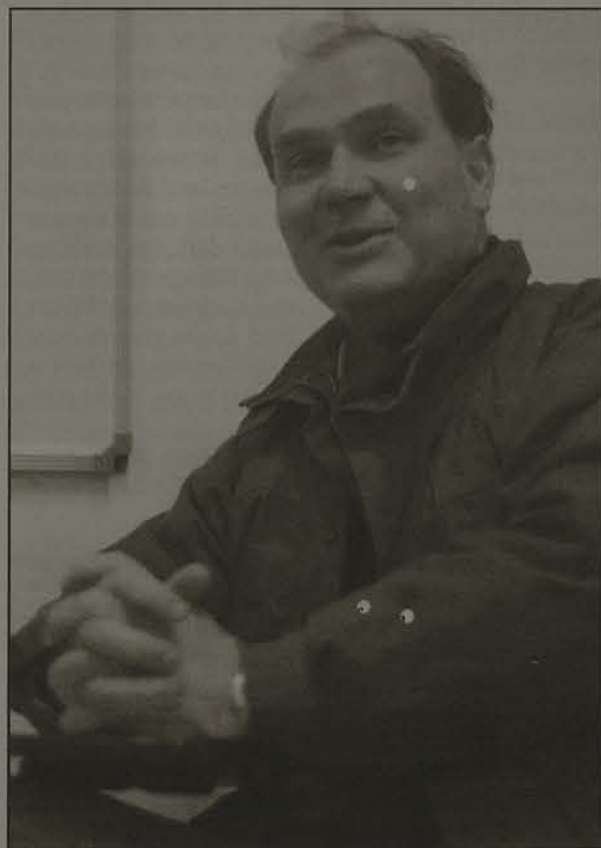
Z- Repórter fotográfico tem liberdade para trabalhar? Ou fica atrelado...

JV- Tem liberdade, hoje já tem muita liberdade. Ficar atrelado? O fotógrafo é atrelado. O repórter fotográfico já não é mais, entende? O repórter fotográfico não. Esse cara atua sozinho, apura. Ele trabalha em conjunto também. Mas é melhor, porque são duas frentes, está somando, não é? Antes não! O cara era: meu negócio é pintar com a luz, aquela poesia tonta lá. Não, hoje vamos fazer jornalismo. Vamos apurar também. E no fim as coisas se juntam. Informações que o repórter fotográfico apurou, troca idéia com o repórter e flui. No fim você tem uma lista de informações para ser trabalhada. Você produziu, você vai contar sua história com fotografia e o repórter vai contar aquela cesta de apurações que você fez, e apuração, impressão, trocando idéia em conjunto, daí, depois, vira matéria.

Z- Carlos Castilho, que cobriu a guerra Irã-Iraque em 1980, disse uma vez, em entrevista, que havia encenações no conflito. Os jornalistas eram levados para ver a guerra. Então os generais pediam para os soldados atirarem e o repórter batia as fotos. Você viu algo assim alguma vez?

JV- Não. Eu não vi. Não é porque não tinha, é porque pelo desenrolar da guerra a gente não teve oportunidade de chegar perto. Mas não vou dizer que não tem não. Claro que tem. ‘Atira, pufff’. Agora mesmo, em Israel ou no Líbano, você vê

umas fotos de tanque atirando e tal. Então, isso faz parte da propaganda. Eu acho que você até pode participar disso. Participar que eu digo, não. Você não tem como fugir. Falar: ‘não, não fotografo isso’. Faz parte. Você tem que arrumar é um jeitinho de tentar mostrar que aquilo é forjado. Meu, faz a foto do cara mandando atirar, por exemplo, entendeu? Vamos aprofundar, mostrar essa história. É óbvio que isso aí pode ser feito no texto e tudo mais. Mas acho que cabe ao repórter fotográfico procurar. É claro que o cara vai fazer o tanque, é claro que o cara vai botar uma criança toda fodida para você fotografar. Você vai fazer aquilo, mas não vai vender o peixe do jeito que você comprou. Você tem que procurar driblar essas artimanhas aí de *marketing*. Isso é *marketing* de guerra. E esse *marketing* faz o cara perder ou ganhar a guerra, né? Já fez no passado. Então,



“Os jornais do país não pagam seguro de cobertura de guerra”

“O medo dá o limite para você”

isso aí é propaganda de guerra.

Z- Como manter a serenidade na guerra, vendo as pessoas morrer, ou em uma final de Copa do Mundo?

JV- Eu tento me desligar, me concentrar no quadro. Reportar, reportar, reportar, reportar. Reportar. Porque se não você pira. Lá em Minas, um amigo meu, o André Brant, invadiu o gramado para dar porrada no juiz. Então, não pode. Você tem que se concentrar. Tem que fazer aquele trabalho. Isso vale para momentos de extrema euforia quanto de extrema dramaticidade. Fui fazer uma matéria com o Gilberto Dimenstein no interior do Alagoas sobre mortalidade infantil. Foi em 1996, em Teotônio Vilela. A mortalidade era uma coisa aterradora, mais do que em país da África. Ia ter uma ação do Ministério da Saúde, estavam com um projeto. A cidade tinha um índice absurdo de mortalidade infantil. E em dez anos reverteu de uma tal forma, então virou um *case* aquela cidadezinha. Como é que pode? Não teve indústria que se instalou, não teve um ganho muito grande per capita. Foi uma ação direta, pontual, e a mortalidade caiu pra cacete. Mas estava alta ainda. Ficamos três dias lá. Conversava com um, conversava com outro. E na verdade, nós estávamos avaliando quantas crianças morreriam ali naqueles dias em que a gente estivesse lá. E morreu. No segundo dia já morreu uma criança. Depois morreu outra, morreu pra caramba. Aí, essa que morreu à tarde, eu fui lá no barraquinho dela, terra batida, assim. Entrei e vi um nenozinho desse tamanhinho no caixãozinho, a mãe. O Gilberto não estava, eu estava sozinho. Daí eu fiquei ali quieto e todo mundo me olhando. Eu estava quase me escondendo atrás da cortina: ‘não me olha, eu não estou aqui’. Meu, dali um tempo, a mãe chegou assim pra mim: ‘Ô moço, posso levar?’. Falei: ‘O quê?’. ‘Posso enterrar? O senhor já tirou as fotos?’. Meu, então, isso é muito mais forte, de repente, do que o cara que se destroçou lá no Iraque, você entende? Porque é aqui. É a gente está sujeito a essas coisas. Então você, como é que você lida com isso? Aí a mãe tapou o caixão da criança e foi enterrar o bebê. Por quê? Porque eu estava fotografando, eu que ia dizer quando é que ela tinha que enterrar o filho dela. E isso acabou acontecendo. Eu acho que você tem que lidar com essas coisas e sei lá... Eu fui embora.

Z- Não fez a foto?

JV- Não, eu já tinha feito um monte. Mas sabe o que aconteceu? Pior ainda: ela tapou o caixão e as crianças da rua que levaram o bebezinho pro cemitério. E mais ainda: as crianças que jogaram a terra em cima do caixão. Foi uma puta matéria. Mas você tem que saber lidar, tem que desligar. Eu choro, já chorei, já ri, só que continuei trabalhando.

Z- O que mudou pra você depois da guerra?

JV- Ah, profissionalmente foi o que eu te falei, foi realmente um marco. Até uma raridade. No meu caso, ainda foi muito mais marcante porque a presença de repórter fotográfico em guerra é muito escassa. Em conflito até tem, o Haiti. Há vários repórteres fotográficos que foram pro Haiti. Agora pro Líbano, até sexta-feira [28/7] não tinha ido nenhum. Eu que era para estar lá. Pode ser que eu vá ainda (risos). Não foi nenhum, não foi nenhum. Então não vai, não adianta. Duplamente, assim, importante para a profissão mesmo, eu acho.

Z- Quais foram seus erros? Suas frustrações?

JV- Não tem assim um, tipo não lamento de não ter tentado naquele dia específico... Por que eu estava quase todo dia lamentando, de não poder chegar mais perto, de não poder executar o trabalho do jeito que eu queria. Eu poderia chegar e cobrir essa guerra muito melhor e não pude. Eu comecei a acompanhar o trabalho dos outros caras, por isso que comecei a observar. Eu não tenho o menor pudor em dizer, eu observo mesmo. O cara tem mais experiência que eu. O cara tem experiência em conflito e não ficou cara-a-cara. Meu, eu



Risco: “O cara da frente é o fotógrafo, são os que mais morrem”

posso morrer. Acho que eu ousei algumas vezes, sim. Mas eu olho nesses caras. Não tenho o menor pudor em dizer. E esses caras não iam, por que eu iria? Entende? A gente estava no Ministério da Informação, caiu um míssil Tomahawk ali, a duas quadras dali, botava um prédio abaixo. Ninguém arredava o pé para ir lá fotografar. Por que eu iria? Eu ficava puto com isso. Meu, os caras manjam pra caramba disso e não vão, por quê que eu...? Um maluco, outro dia, uma vez, correu, caiu bem perto do... e era um lugar que dava pra enxergar. Parecia que era meio seguro. Correu ele, correu outro e eu fui o terceiro a correr. Meu, tinha botado a baixo um conjuntinho de prédios. Quando chegou na metade do caminho, o primeiro fotógrafo parou. O outro parou, recuou, começou a voltar, voltei junto, você entende? Imagina? Os caras são feras nisso e não chegam. Por

quê que eu vou chegar? E isso frustrava, muito. E eu sei que os frustrava também, porque eles queriam chegar. Mas é legal ter o medo como parceiro nessa hora. Porque o medo bota o limite para você. Depois você reclama lá, no hotel: ‘pô, podia ter ido’. Só que você reclama vivo, né? Com as duas pernas e com os dois braços.

Z- A guerra que você cobriu, uma guerra com alta tecnologia, não tinha muito mais o front, em que estavam os soldados e que o repórter podia ver tudo. Eram mais mísseis. Quais as dificuldades e facilidades que teve por isso?

JV- Eu fui para lá com um estereótipo de cobertura de guerra na cabeça. Que é esse mesmo que você falou. Mas a guerra hoje já não é mais assim. Não é aquela foto lá do Robert Capa com um cara tomando um tiro e caindo, isso não existe. Isso é mínimo comparado com as baixas que deixa, que ocorre num conflito desses. A questão agora é assim: é a rapidez. Que hoje a guerra é uma coisa muito cara. Então ela tem que se resolver rapidamente. Não é com infantaria, com mano-a-mano, que se resolve rapidamente uma história dessa, de jeito nenhum. Você vê, num dia que Israel tentou fazer uma enfiada mais forte lá no sul do Líbano, morreram dez, doze, mais de 40 feridos. Por quê? No outro dia matam um monte com um homem com mochilinha nas costas. No outro dia já teve 130 ataques aéreos no lugar. Porque não funciona mais assim, entendeu? Não tem tempo mais e grana, é uma coisa muito cara. E não pode ficar perdendo vida, não pode. Vida dessa maneira, né? Agora, se você jogar ali 200 kg de bomba, você já resolve a parada muito mais rapidamente. Então não tem mais aquelas imagens estereotipadas de guerra, o cara morto do lado, não tem mais, isso não é mais assim. E para mim fez diferença. Eu queria as cenas e não tinha. Uma vez eu

peguei meu guia pelo braço, o segundo que a gente teve lá. Eu já tinha fotografado universidade explodida, hotel, o centro de Bagdá. Aí o cara queria levar nos mesmos lugares. Aí eu catei ele e disse: ‘me leva onde tem combate, eu quero ir na porrada mesmo’. Então você chega a ponto de, você fica agoniado em busca disso. Porque não é mais aquele visual. Você escuta barulho, vê coisas explodindo, corre lá e depois vê o pessoal que morreu. Mas não tinha isso, isso foram poucas vezes que aconteceram. Aconteceu naquela foto à noite, que os caras estão deitados no chão, que o cara apontou o fuzil pra mim. Aconteceu numa visita que só eu e Sérgio Davila demos num hospital. Que a gente acabou de sair de lá, eles mataram um cara que tinha bomba no corpo e explodiram no hospital. Então deu um tiroteio do cacete. E a gente estava no carro e falava pro motorista voltar. A gente estava na mesma rua, na hora que começou. A gente: ‘pára, pára, pára’, o motorista não parou. Ele acelerou, virou a esquina e aí parou. Aí a gente desceu e voltamos a pé. Mas a gente também não chegou. Chegamos a 50 metros da onde estava a parada lá, daí a gente parou. Então eu acho que é assim, você avança, você recua. Não é brincadeira. Você pode não voltar e pior do que morrer, sabe o que é? É você ser ferido gravemente. Às vezes morrer não é a pior das possibilidades, das alternativas. A pior das alternativas é você ficar vivo num lugar daqueles e ferido. Essa sim é. Porque a gente via como era o tratamento dado àquelas pessoas.

Z- Como foi voltar a Bagdá, depois da guerra, para cobrir as eleições de 2005?

JV- Foi legal. Foi uma viagem bem diferente, foi um complemento né. A gente já foi de avião, conseguimos um vôo. O que é caríssimo. É mais cara uma passagem de Amã a Bagdá do que São Paulo a Nova Iorque. E é uma hora de vôo só, um pouco menos. Um aviãozinho pequeno que desce de um jeito diferente. O aeroporto está aqui, ele pára aqui em cima. Quatro mil metros em cima. Pára não, começa a espiralar. Então a chegada já era diferente. A cidade, como falei, ela está com aspecto assim, está sendo reconstruída. A impressão que ficou em mim, na segunda visita, foi a da população se organizando e trabalhando para botar a cidade para cima de novo. Acabaram-se os 13 anos de embargo e mais os problemas da guerra. Então a cidade está se reerguendo, está se recuperando.

Z- Em entrevista para a revista *Photos & Imagens*, de julho de 2004, você falou que queria fotografar a terra de dentro de um foguete? É um sonho mesmo?

Você gostaria de fotografar mais alguma coisa?

JV- Eu acho que um dia, os caras vão botar um fotógrafo lá para fotografar a estação espacial. Não é possível! Tem que parar de acumular funções para esses astronautas. Os caras já são astronautas, leva um fotógrafo para fazer um trabalho fotográfico, que faz bonito. Não é não? Eles fazem tudo, apertam parafuso, fazem isso, fazem aquilo, pilotam nave, filmam, fotografam. Precisa ir lá alguém fazer um ensaio fotográfico. Mas eu estou vivo ainda para cobrir o que vier. Quanto mais desafio para mim, melhor. Espero que enquanto meu corpo puder correr e eu puder ir o máximo, quanto mais dificuldade, quanto mais inusitado for, eu gosto, eu vou atrás dessas coisas. Se você me perguntasse isso há três anos eu diria: cobrir uma guerra. E sempre foi mesmo. Óbvio, não quero que tenha guerra, né? É muito melhor viver na paz do que na guerra. Mas se tiver outra guerra, acho que outra coisa que eu queria cobrir era novamente ter a oportunidade de poder fotografar um conflito.

Entrevista por Luciana Ribeiro

“Repórter fotográfico hoje apura, fotografa, edita e transmite as imagens”



Crianças feridas: “É marketing de guerra, você perde ou ganha”

ELE NEGOU

O repórter Ricardo Kotscho dá uma de primadonna, foge da raia e nega entrevista ao Zero

- Não dou e pronto, tá decidido.

Tô cansado de entrevistas, passei a semana inteira respondendo as mesmas coisas. Pode botar a culpa em mim, fala que foi tudo culpa daquele velho careca e gagá – Ricardo Kotscho, um dos mais respeitados jornalistas do país, terminava seu risoto de camarão com ervas finas olhando o movimento dos barcos no mar sereno.

Amigo de Lula e ex-assessor de comunicação do governo, o jornalista acabara de lançar seu quinto livro, *Do golpe ao Planalto – Uma vida de repórter*, para não ter mais que dar entrevistas. É a autobiografia de um apaixonado pela reportagem que já faturou quatro prêmios Esso, denunciou escândalos durante a ditadura e trabalhou em praticamente todos os grandes veículos de imprensa do país.

Kotscho chegara no dia anterior a Florianópolis, uma sexta-feira, a convite da organização da V Semana de Jornalismo da UFSC. Daria uma palestra, aproveitando o gancho para divulgar seu último trabalho. Simples assim e nessa ordem.

Comprei um exemplar na tarde da terça-feira, com um cronograma relativamente apertado: 368 páginas em três dias, além de entrevistas de arquivo e pesquisas na internet. Missão: fazer a última da série de *ping-pongs* para a edição do *Zero*, essa aí, em suas mãos.

Sexta-feira, cinco da tarde, 28 graus.

Aeroporto de Florianópolis parcialmente vazio. Ricardo Kotscho, olhar cansado e aparência envelhecida, emerge meio perdido do portão de desembarque, carregando apenas uma bolsa de couro marrom. Seu semblante não remete, em nada, o tom jovial dos seus textos. Leandro Uchôas, o coordenador do evento, e eu estávamos esperando há meia hora o vôo atrasado.

- Não precisa carregar pra mim, não sou tão velho ainda. Que aeroporto bonito, cara! É o mais legal do Brasil!

- Você acha mesmo? É pequeno, fica superlotado no verão... Então Kotscho, eu escrevo no *Zero* e te mandei um e-mail para marcar uma entrevista...

- Já dei uma pro *Diário Catarinense* por telefone. Odeio quem faz entrevista por telefone. Coisa de gente preguiçosa. Mas se quiser é só ler lá.

- O negócio é que a gente tá fechando uma edição só com entrevistas pergunta-resposta, essa é a orientação...

- Dane-se a orientação! Vocês têm que aprender a questionar as pautas, fazer algo diferente. Vou te dar uma sugestão, por que você não cobre a palestra? Conversa com as pessoas, vê o que acharam...

- O editor-chefe não vai gostar nada disso...

- Que horas começa a palestra?

- Às cinco. Vamos chegar atrasados.

- Ótimo, assim eu falo menos tempo. Vamos logo embora... É a última da semana né?

- É.

- Melhor então. O pessoal já deve estar cansado. Essas coisas deveriam ter hora para começar e terminar, senão eu falo muito, fica chato.

Cinco e meia da tarde. Cerca de 190 alunos se amontoam no auditório, 120 sentados em cadeiras. O jornalista Marcelo Canellas acabou sua palestra de três horas ovacionado pelo público. Todos ficaram para ver Kotscho.

Alguns toalete do Bloco B do CCE

A platéia já começa a ficar impaciente com o atraso.
- Eu sempre tenho o costume de dar um pulo no banheiro antes de eventos como esse.

- Por quê?

- Quando você for mais velho vai entender...

- Então Kotscho, sobre a entrevista... Vou te pegar no hotel amanhã às três. Seu vôo é só às cinco, vamos ter tempo de conversar.

- Tá bom então, eu gosto de chegar cedo mesmo, não posso perder esse vôo. Minha mulher me mata.

Uma hora e vinte minutos depois, entre uma participação da platéia e outra soltou:

- Então pessoal, vamos embora? A partir de agora só as perguntas inteligentes, tá tudo no meu livro, é só ler.

Depois que ele autografa quase todos os exemplares vendidos na saída do auditório, encontro uma brecha e confirmo nosso compromisso. Kotscho some na noite, acompanhado por Mario Prata.

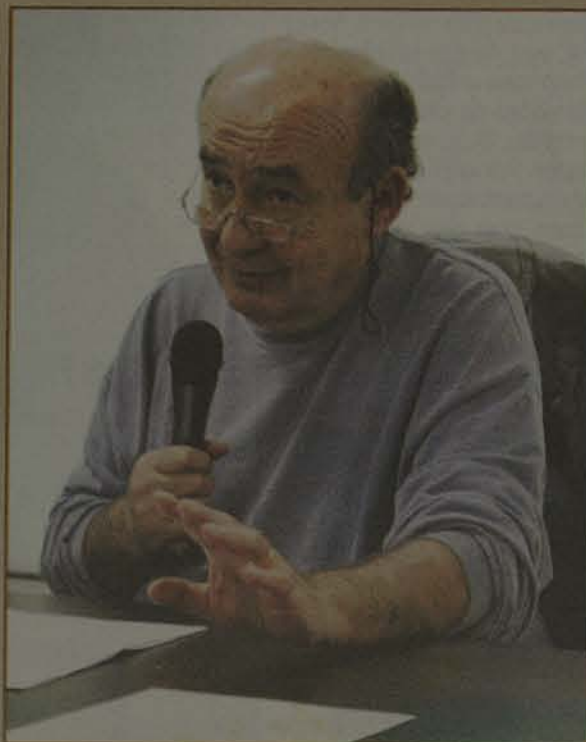
Sábado, 12h45, acordo com meu telefone e uma dor de cabeça. Um Leandro ansioso do outro lado da linha diz que vai sair em cinco minutos para almoçar com o meu alvo, Canellas e dois professores do curso.

Bate Ponto, Santo Antônio de Lisboa, duas da tarde.

O restaurante, freqüentado pela granfinagem ilhoa, fica à beira do calmo mar de baía, numa tradicional e pitoresca freguesia convertida em espécie de meca da culinária local. Espero pacientemente que a BMW X5 saia do estreito estacionamento e deixo meu Corsa trancando outros dois carros. Se alguém quiser sair o guardinha me chama. Todos já estão comendo, estou atrasado.

- Táí o repórter. Esse chato aqui tá me torrando a paciência desde ontem pra me entrevistar. O pessoal mais novo não tem criatividade, só querem cumprir as pautas – finaliza Kotscho beliscando um peixe frito em forma de anel.

A reclamação era dirigida ao casal de professores de jornalismo Tattiana Teixeira e Elias Machado. Eles se serviam da variada mesa de frutos do mar.



Em 93, entrevista histórica. Treze anos depois, livro e stress

- Também acho, não questionam, não propõem coisas novas – concorda, entusiasmado, o professor do curso para o meu desespero, enquanto arremata um camarão à milanesa.

- Numa entrevista *ping-pong* quem trabalha é o gravador, já disse a ele que não seja preguiçoso – Kotscho petisca um marisco à vinagrete.

- Na nossa época os estudantes eram mais ativistas, brigavam mais em vez de brincar de funcionário – o docente ataca um filé de peixe grelhado.

- Roberto, nunca faça nada igual aos outros. Você vai ver como os seus trabalhos serão mais comentados. – Risoto de camarão com ervas finas – Faça uma matéria sobre como você não conseguiu a entrevista. O título é *“ping sem pong*, a entrevista que não conseguiu”. Olha o Gay Talese, por exemplo. A melhor matéria do mundo foi a entrevista com Frank Sinatra, que não aconteceu.

Nesse momento, professores e jornalistas me fulminam com um olhar de reprovação. Sumo na cadeira, logo atrás da porção de camarão.

- Florianópolis é a melhor cidade do Brasil. Olha só essa paisagem! Já que não tem mais entrevista, a gente pode beber mais, né?

Depois de satisfeito, Kotscho vai, por insistência minha, no meu carro para o aeroporto.

- Acelera aí porque se eu perder esse vôo não consigo outro.

- Me diz uma coisa, eu tava lendo a sua história, a maneira como você aprendeu a falar português com os padres e tal... Fiquei com essa dúvida, você já pensou em ser padre?

- Sim. Só não me tornei padre por causa do celibato. Inclusive num teste vocacional que eu fiz deu padre em primeiro, assistente social em segundo e jornalista em terceiro.

Meditava sobre o quão afins são essas áreas no imaginário popular e no inusitado de sua inesperada recusa em me ajudar quando chegamos ao aeroporto. Ao sair do carro, ele é cumprimentado por uma moirena alta e atraente:

- Kotscho! Tudo bem? Gostou de Florianópolis?

- Aham, sim... – meio encabulado.

Espero ele entrar no saguão e lá vem a pergunta:

- Quem era essa mulher?

- Maíra Flores. A musa [e repórter] do *Zero*.

- Melhor parte da minha viagem – brinca.

Entrego um número antigo de *Zero*, foto grande dele na capa. A entrevista é de 1993, época em que ele ainda as dava, sua frase bombástica foi: “a imprensa brasileira está totalmente desvinculada da realidade nacional”.

Tento repercutir a fala.

- Continua assim?

- Cada vez mais...

Vai fazer o *check-in*.

Vejo Ricardo Kotscho escapulindo em direção ao portão de embarque. O fracasso é iminente. Machado, já não tão entusiasmado, aparece ao meu lado. Sorrisinho irônico, pergunta esquizofrênica.

- Quer dizer que você não vai fazer a entrevista? Corre lá, vai falar com ele. Você acaba de ser enrolado pela fonte, não te disseram que jornalista tem que ser insistente?

Roberto Saraiva